



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E**  
**LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PPGL**

**IDENTIDADE, FAMÍLIA E LETRAMENTO:**  
**representações discursivas num contexto de pobreza**

**Viviane Faria Lopes Nunes**

**BRASÍLIA - DF**  
**Dezembro de 2008**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E**  
**LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PPGL**

**Viviane Faria Lopes Nunes**

**IDENTIDADE, FAMÍLIA E LETRAMENTO:**  
**representações discursivas num contexto de pobreza**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Departamento de Lingüística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística. Área de concentração: *Linguagem e Sociedade*.

**Orientadora: Professora Dra. Denize Elena Garcia da Silva**

**BRASÍLIA - DF**

**Dezembro de 2008**

**Viviane Faria Lopes Nunes**

**IDENTIDADE, FAMÍLIA E LETRAMENTO:  
representações discursivas num contexto de pobreza**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Departamento de Lingüística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística. Área de concentração: *Linguagem e Sociedade*.

**Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.**

**Banca examinadora:**

**Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva (UnB/LIP) –  
Presidente**

**Profa. Dra. Iveuta de Abreu Lopes (UEP) – membro efetivo**

**Profa. Dra. Edna Cristina Muniz (UnB/LIP) – membro efetivo**

**Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis (UnB/FE) – membro suplente**

*“Nunca fui capaz de conceber a educação sem amor e, é por isso que julgo que sou um educador, porque acima de tudo, sinto amor.”*

(Paulo Freire)

*“Continue apesar de todos esperarem que abandones. Não deixes que enferruje o ferro que há em ti.”*

(Madre Tereza de Calcutá)

## AGRADECIMENTOS

à minha filha Débora – o amor da minha vida –, que não me tirou de seu coração mesmo me tendo tão pouco diante de seus olhos;

à minha mãe, por seu amor tão doce, sua maneira tão devota de cuidar da família e por tornar seus os meus sonhos;

ao meu pai, por ser meu amigo inseparável, por ser o maior exemplo de ser humano que eu tenho na minha vida e por acreditar em mim até quando eu não acredito;

à minha irmã Rejane, que assumiu o papel de mãe para minha filha, cuidando dela enquanto precisei trabalhar – você pôs em seu coração meu amor por ela –, por sua confiança em mim, sempre se sacrificando para que meu trabalho valesse a pena;

à minha afilhada Gabriela, por também cuidar da minha filha com carinho, tentando amenizar a saudade que sentia com minha ausência;

ao meu irmão Marcus e à sua esposa Júlia, sempre tão prestativos e carinhos, prontos a ajudar sem perguntar o tamanho do sacrifício;

ao meu namorado Leonardo – tão companheiro –, o anjo que me abriu a porta de sua casa para eu trabalhar e do seu coração para eu descansar, por sua alegria em me ver cumprir cada etapa e por sempre me dizer o que preciso ouvir;

aos meus amigos Carlos e Ivanessa, que me auxiliaram na produção desse trabalho com um carinho impagável;

ao Fernando, Lucas, Guilherme, Elisa, Matheus Fernandes, Matheus Ciucci, André, Amanda, Aline Dori, Aline Prima, Pâmela,

Rafael, Cíntia, Poliana, Graciano, Baby, Marcello, Thiago Poeta e Nildo – a minha panela –, por seu amor contínuo, sua fé constante, seu amor infindo e por acreditarem sempre que tudo daria certo;

à Andréa, Najla, Maria de Jesus, Ana Cláudia, Adriana, Valéria e Adelina, minhas colegas de trabalho e, bem mais do que isso, minhas amigas, minhas companheiras, por seu incentivo e sua ajuda indispensáveis para que este trabalho fosse finalizado;

à Valéria, Irmã Inês, Júlio, Ivânia, Joaquim Neto, Cláudia e Mércio, meus chefes e amigos, por me ajudarem nessa conclusão de trabalho, entendendo minhas ausências e, muito mais do que isso, me animando a ir até o fim;

às Professoras Doutoradas Iveuta de Abreu Lopes e Edna Cristina Muniz e ao Professor Doutor Renato Reis pela avaliação séria e competente que fizeram deste trabalho, bem como pelo carinho ao me transmitir suas considerações tão preciosas, a fim de que minha pesquisa tivesse maior valor;

à Professora Janete Melasso, por ter sido aquela que, desde o início da minha carreira acadêmica, acreditou em mim e enxergou a pedra filosofal da minha alma, por ter sido a que primeiramente me fez sonhar com essa conquista e me acompanha até o momento final;

à Professora Doutora Denize Elena da Silva, por ser, fazer e acontecer com a doçura de uma mãe e a firmeza de uma amiga; por me estender sua mão e me ensinar a caminhar; por acreditar, cobrar e aplaudir; por me guiar até a linha de chegada e por chegar comigo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONCEITO DE “FAMÍLIA”</b> .....	<b>4</b>
1.1 No decorrer da História .....	5
1.2 Na religião .....	6
1.3 Na sociedade atual .....	7
1.4 Algumas considerações .....	10
<b>2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: LETRAMENTO, DISCURSO E GRAMÁTICA</b> .....	<b>11</b>
2.1 Letramento .....	11
2.1.1 Enfoque sociológico .....	15
2.1.2 Enfoque etnográfico .....	14
2.1.3 Modelos de letramento .....	16
2.2 Enfoque no discurso .....	19
2.2.1 Discurso como forma de prática social .....	20
2.2.2 Discurso e cognição .....	22
2.2.3 Ideologia .....	24
2.2.4 Identidade .....	28
2.3 Gramática Sistêmico-Funcional .....	30
2.3.1 As três macrofunções da linguagem .....	33
2.3.2 A gramática da experiência .....	34

2.3.3	Função ideacional e a representação .....	36
2.4	Por uma teoria social do discurso .....	38
2.4.1	Os significados da linguagem .....	41
2.4.2	As representações discursivas .....	42
2.5	Algumas considerações .....	43
<b>3.</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>45</b>
3.1	Metodologia da pesquisa .....	45
3.2	Geração de dados .....	47
3.3	Observação participante .....	48
3.4	O contexto da entrevista .....	48
3.5	Entrevistas .....	52
3.6	Pesquisa documental .....	55
3.7	Algumas considerações .....	56
<b>4.</b>	<b>REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS NUM CONTEXTO DE POBREZA: NA TRILOGIA ANALÍTICA DE IDENTIDADE, FAMÍLIA E LETRAMENTO.....</b>	<b>57</b>
4.1	A influência da escola no letramento .....	57
4.2	A influência da religiosidade no letramento e na identidade .....	65
4.3	A influência do letramento na construção identitária familiar .....	75
4.4	Relação do mundo físico com o mundo emocional ...	78
4.5	Variáveis sociais e representações discursivas .....	81
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>84</b>



<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>92</b>

## **LISTA DE QUADROS**

### **CAPÍTULO 2**

**QUADRO 2.1 – Linguagem como elemento da vida social 41**

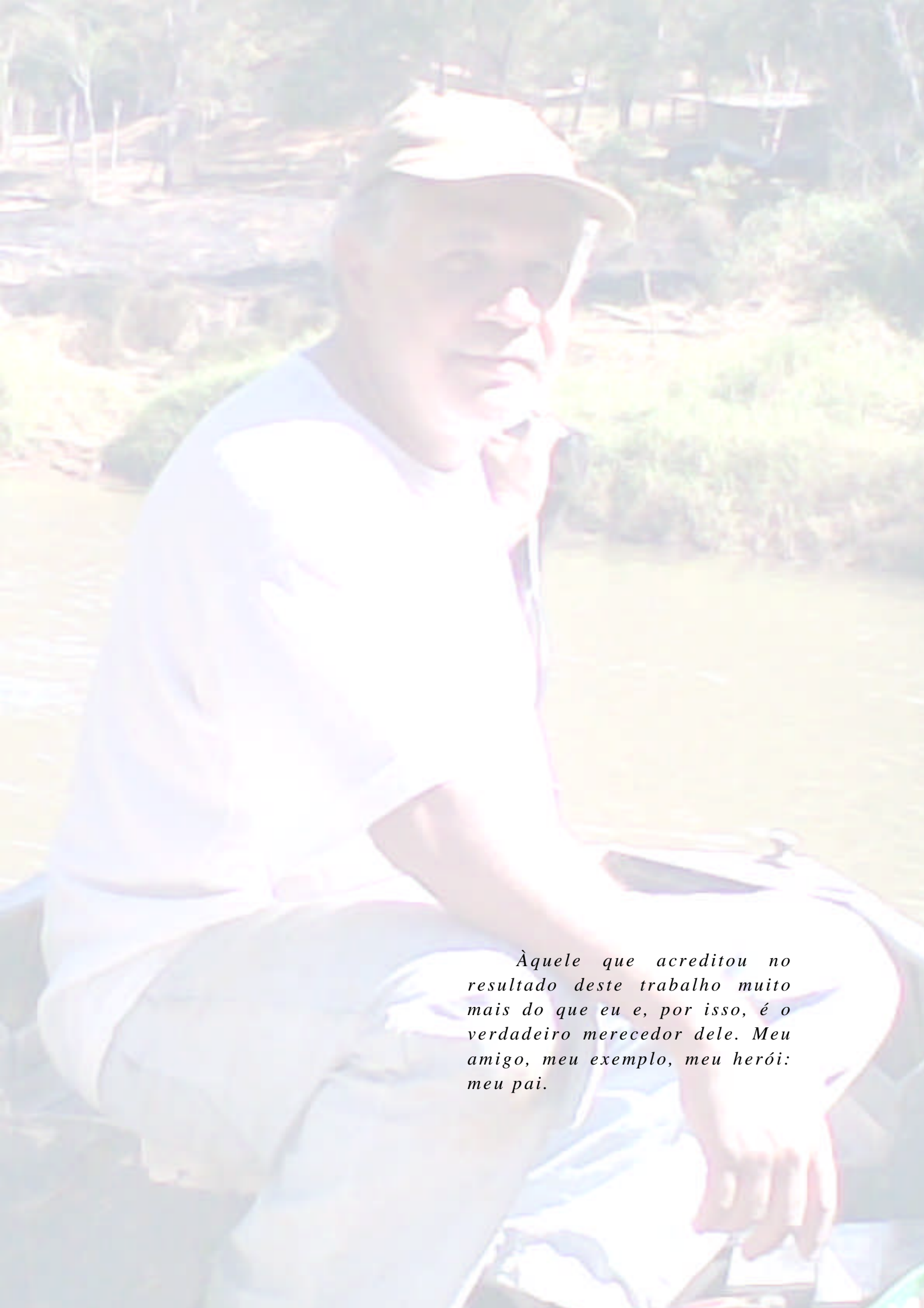
### **CAPÍTULO 3**

**QUADRO 3.1 – Perfil social dos colaboradores da pesquisa ..... 53**

## **LISTA DE FIGURAS**

### **CAPÍTULO 2**

**FIGURA 2.1 – Gramática de Experiência..... 35**



*Àquele que acreditou no resultado deste trabalho muito mais do que eu e, por isso, é o verdadeiro merecedor dele. Meu amigo, meu exemplo, meu herói: meu pai.*

## RESUMO

Esta pesquisa visa discutir o significado de “família” na concepção de pessoas de classes menos favorecidas economicamente. Para tanto, levou-se em consideração a influência do letramento – representado pela instituição “escola” – e da identidade – representada pela ideologia religiosa – na formação desse conceito social, bem como até que ponto o mundo físico contrasta ou se aproxima do mundo da consciência na formação desse valor. Então, partimos da hipótese de que, na sociedade atual, diversos valores sociais, religiosos e culturais têm passado por transformações significativas se comparados às mudanças ocorridas em épocas anteriores. Contudo, fez-se necessário apontar e analisar outros desses valores que permanecem quase que imutáveis, mesmo após tantas mudanças/evoluções históricas, por estarem firmados em raízes mais profundas. Partindo desse pressuposto é que promovemos uma investigação, à luz da Análise do Discurso Crítica (ADC), sobre a relação existente entre os valores da unidade familiar em classes menos favorecidas e influenciadas por ideologias/crenças religiosas. Por meio de pesquisa etnográfica realizada com estudantes de escolaridade tardia – idade entre 18 e 40 anos –, foram gerados dados empíricos que permitiram a análise lingüístico-discursiva de representações que vão desde a relação do mundo físico de escassez material, passando pela exclusão social, até o mundo emocional. Para tanto, foram considerados o contexto cultural, o ambiente escolar (aspecto situacional), unido ao familiar e ao religioso, que dão, assim, sustentação ao tripé de análise: *letramento, família e identidade*.

## INTRODUÇÃO

Observa-se que, na sociedade atual, diversos valores sociais, religiosos e culturais têm passado por transformações um tanto quanto significativas se forem comparados às mudanças ocorridas em épocas anteriores. Contudo, faz-se curioso perceber e analisar que outros desses valores permanecem quase imutáveis mesmo após tantas mudanças/evoluções históricas, por estarem firmados numa contextualização de raízes mais profundas.

Tomemos como exemplo a definição da palavra “família”. O que significa “família”? Alguns conceitos dicionarizados afirmam que, geralmente, são pessoas aparentadas vivendo na mesma casa, algumas vezes unidas por laços sangüíneos ou alianças. Por mais que, mesmo sendo vários, os conceitos caminhem para o mesmo significado: “união, estar junto, viver junto”, os estudos histórico-sociais revelam que o conceito de “família” é distinto em cada época e, de igual modo, diretamente influenciado pela cultura proveniente de cada povo, além de ser modificado muitas vezes de acordo com as crenças religiosas vigentes em cada tempo/lugar.

Então, que a pergunta seja reformulada: hoje, o que significa o termo “família”?

A problemática da significação permanece, por estar diretamente submetida a todos os fatores de influência, quer sejam sociais, culturais, religiosos e, inclusive, econômicos. Assim, não é possível analisar tal conceito sem antes discutir e avaliar toda a carga de forças identitárias e sociais que o conformam.

O propósito desta pesquisa é mostrar a relação que existe entre letramento e identidade na construção do significado de “família”, num contexto de pobreza, com foco centrado no ambiente escolar e na ideologia religiosa para a formação de um

conceito que poder estar fisicamente distante do real, mas emocionalmente enraizado no indivíduo, por ser este fruto de suas próprias crenças e valores. É analisado, também, o significado de “família” entre pessoas de classes menos favorecidas economicamente e, para tanto, levar-se-á em consideração a influência do letramento – representado pela instituição “escola” – e da identidade – representada pela ideologia religiosa – na formação desse conceito social, bem como até que ponto o mundo físico contrasta ou se aproxima do mundo da consciência na formação desse valor.

É o interesse nessas influências ideológicas e sociais que justificam a investigação de um conceito que parece tão evidente na história da sociedade, mas que será investigado segundo a análise do discurso crítica, a fim de que seja entendido como resultado de tudo que o forma, influencia e modifica.

Partindo desse pressuposto é que será feita uma investigação, à luz da análise de discurso crítica, sobre a relação existente entre os valores da unidade familiar em classes menos favorecidas e influenciadas pela ideologia religiosa, analisando-se até que ponto há uma relação desde o mundo físico de escassez material, passando pela exclusão social, até o mundo emocional. Serão tomados como contexto de situação o ambiente escolar, unido ao familiar e ao religioso, formando, assim, o tripé de análise: letramento, ideologia e identidade.

No primeiro capítulo, contextualizo o conceito de “família” no decorrer da História e na religião, com o propósito de discutir esse conceito na sociedade atual. No segundo capítulo, apresento os pressupostos teóricos, que envolvem: letramento, discurso e gramática. Na seção dedicada ao letramento, procuro dialogar com autores que me remetem ao enfoque sociológico como também ao enfoque etnográfico. Traço, também, um breve percurso pelos modelos de letramento. Ao focar os estudos sobre discurso, concentro-me na proposta do discurso como prática social e, por

outro lado, teço considerações sobre a relação do discurso e cognição; considero também, nesse capítulo, os estudos que discutem o conceito de ideologia, bem como o conceito de identidade. A terceira seção é destinada à Gramática Sistêmico-Funcional. Para tanto, procuro acercar-me das três macro-funções da linguagem, com ênfase, porém, na gramática da experiência, a qual está associada à macro-função ideacional, bem como à representação. Na última seção, acerco-me da teoria social do discurso, momento em que apresento os significados da linguagem, bem como a discussão em torno das representações discursivas. No terceiro capítulo, caracterizo a metodologia qualitativa (descritiva e interpretativa), caminho que escolhi para a geração dos dados da presente pesquisa, os quais foram gerados mediante os procedimentos metodológicos da observação participante, da descrição do contexto da pesquisa e alimentados, sobretudo, pelas entrevistas (dados centrais). Ao lado das entrevistas, realizei, também, pesquisa documental. O quarto capítulo, intitulado “Representações da pobreza na trilogia analítica de identidade, família e letramento”, configura o cerne da pesquisa levada a cabo. Procuro descrever e interpretar a influência da escola no letramento, a influência da religiosidade no letramento e na identidade, bem como a influência do letramento na construção identitária familiar. Tratam-se de caminhos analíticos que tomei, balizada pelo que os dados colhidos me mostraram. Nas seções seguintes, procuro descrever e analisar a relação do mundo físico com o mundo emocional e teço algumas considerações sobre variáveis sociais e representações discursivas. Nas considerações finais, retomo os percursos teórico-metodológicos que me levaram a trabalhar as questões de identidade, família e letramento e me guiaram a tecer considerações sobre as representações discursivas num contexto de pobreza, onde se encontram as pessoas cujos discursos me ensinaram que é junto aos mais simples que o conceito de família, bem como outros valores esperados pela sociedade, reforça os valores de agregação.

## CAPÍTULO 1

### CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONCEITO DE “FAMÍLIA”

Estudos na área de História, Psicologia e Sociologia mostram que a família – definição e formação física – passou por um processo de transformação desde sua origem até os dias atuais. O conceito é resultado direto de todas as influências culturais, sociais, religiosas e, até mesmo, geográficas de cada época e lugar. Desde a Antigüidade Clássica até a atualidade, essa célula-mater da sociedade tem sofrido modificações, sobretudo, se for considerada sua formação inicial e avaliada cada evolução sofrida no decorrer cronológico da História, como será abordado mais adiante.

Atualmente, a estrutura física “família”, em decorrência das mudanças na estrutura da sociedade, tem-se distanciado da definição medieval cristã que prevaleceu por tantos séculos no ocidente e foi influenciada, posteriormente, pelos valores da Idade Contemporânea, até chegar aos dias atuais, onde ainda se submete às transformações. O modelo tradicional tem sido substituído, progressivamente, por outros, resultando em novas assimilações e construções de valores.

As variantes do conceito de família vêm sendo modificadas e, em vários lugares, incorporadas, tais como: estruturas monoparentais, casais do mesmo sexo, provedor econômico feminino, entre outros. Contudo, mesmo diante de evidentes mudanças, pessoas insistem em manter o conceito tradicional, apesar de ele não fazer parte de sua realidade. Isso revela que conceitos talvez não sejam somente o resultado de uma análise crítica da experiência de vida, mas também, de um domínio ideológico que muitas vezes cria crenças distantes do mundo físico, mas reais por seu valor intrínseco.



O objetivo deste capítulo é apresentar o conceito de “família”, partindo de sua origem mais remota na História (seção 1.1), mostrando a influência do cristianismo em suas mudanças e adaptações sociais e ideológicas (seção 1.2) e chegando à sua conceitualização atual, suas mudanças e suas transformações enquanto célula-mater da sociedade (seção 1.3).

## **1.1 No decorrer da História**

O termo “família” é derivado do latim “famulus”, que significa “escravo doméstico”. O termo foi criado na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzidas na agricultura e também para caracterizar a escravidão legalizada. Se nessa época predominava uma estrutura familiar patriarcal em que um vasto leque de pessoas se encontrava sob a autoridade do mesmo chefe, nos tempos medievais (Idade Média), as pessoas começaram a estar ligadas por vínculos matrimoniais, formando novas famílias. Dessas novas famílias fazia também parte a descendência gerada que, assim, tinha duas famílias, a paterna e a materna.

Com a Revolução Francesa, surgiram os casamentos laicos no Ocidente e, com a Revolução Industrial, tornaram-se freqüentes os movimentos migratórios para cidades maiores, construídas em redor dos complexos industriais. Tais mudanças demográficas originaram a necessidade do estreitamento dos laços consangüíneos e as pequenas famílias passaram a formar grupos, logo após a Revolução Industrial, num cenário similar ao que existe hoje em dia: as mulheres saem de casa e a educação dos filhos é partilhada com as escolas. Os idosos deixam também de poder contar com o apoio direto dos familiares já no período pré-Revoluções Francesa e Industrial, sendo entregues aos cuidados de instituições de assistência (Moreira, 2001). Nessa época, a

família era definida como um agregado doméstico composto por pessoas unidas por alianças consangüíneas ou outros laços sociais, podendo ser restritas ou alargadas de acordo com os casamentos que os filhos faziam. Nota-se, assim, o paradoxo conseqüente da transição entre o período anterior às revoluções, representado pelas referências à família alargada, com a tendência reducionista que começou a instalar-se refletida nos vínculos de aliança matrimonial.

Na sociedade ocidental, “família” é definido como um grupo de pessoas unidas por laços sangüíneos – entenda-se *sangue* com significação metafórica – ou legais – quer seja pelo matrimônio ou pela adoção. Em algumas sociedades não-ocidentais, “família” é visto como uma instituição submetida a normas de filiação e aliança, de acordo com o que se é estabelecido pelos membros, chegando a estabelecer regulamentos que aceitam a exogamia – casamentos entre pessoas de distintos grupos sociais/culturais –, a endogamia – casamentos entre pessoas de igual grupo social/cultural –, a poliandria – casamentos onde dois ou mais homens unem-se a mesma mulher –, a monogamia, a poligamia e o incesto.

## **1.2 Na religião**

A Família na Doutrina Social da Igreja Católica é compreendida como sendo célula vital da sociedade e a primeira sociedade natural, fundada no matrimônio, santuário da vida, a quem é atribuída uma tarefa educativa que é direito dos filhos, é protagonista da vida social e deve ter a sociedade a seu serviço.

Segundo o catecismo, a família é importante para a pessoa e para a sociedade, pois é no seu âmbito que o homem recebe as primeiras noções do bem e da verdade, aprende a amar e a ser amado, bem como o significado de ser pessoa, além das responsabilidades sociais e d

solidariedade. De outra forma, sem famílias fortes na união e estáveis no seu compromisso, os povos se debilitam.

Também é afirmada a prioridade e precedência da família em relação à sociedade e ao Estado. Na sua função procriadora, a família é mesmo condição de existência da própria sociedade. A legitimação da família está fundada na própria natureza humana e não no reconhecimento da lei civil. Segundo a Igreja, ela antecede ao próprio Estado e, por isso, não existe em função dele, antes o contrário, a sociedade e o Estado é que existem para ela. Nas suas relações com a família, o Estado tem o dever de ater-se ao *Princípio da Subsidiariedade*, não lhe subtraindo as tarefas que pode realizar sozinha ou associada a outras famílias, mas tendo o dever de apoiá-la, garantindo-lhe os auxílios necessários para que possa bem cumprir as suas responsabilidades.

### **1.3 Na sociedade atual**

A família vem-se transformando através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas e sócio-culturais do contexto em que se encontra inserida, tornando-se um espaço sócio-cultural que deve ser continuamente renovado e reconstruído.

Assim, a família deve ser encarada como um todo que integra contextos mais vastos na comunidade em que se insere. De encontro a essa afirmação, Janosik e Green afirmam que a família seja um “*sistema de membros interdependentes que possuem dois atributos: comunidade dentro da família e interação com outros membros*” (Stanhope, 1999).

Engels, em seu livro **Origem da família, da propriedade privada e do estado**, faz uma ligação exemplar da família com a

produção material, onde, utilizando do materialismo-histórico-dialético, caracterizou a monogamia como propriedade privada da mulher.

Na verdade, a família representa um grupo social primário que influencia e é influenciado por outras pessoas e instituições. É um grupo de pessoas, ou um número de grupos domésticos ligados por descendência – demonstrada ou estipulada – a partir de um ancestral comum, matrimônio ou adoção. Nesse sentido, o termo confunde-se com clã. Dentro de uma família existe geralmente algum grau de parentesco. Membros de uma família costumam compartilhar do mesmo sobrenome, herdado dos ascendentes diretos. A família é unida por múltiplos laços capazes de manter os membros moralmente, materialmente e reciprocamente durante uma vida ou durante as gerações.

Podemos, então, definir família como um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação dos membros da mesma, considerando-a, igualmente, como um sistema, que opera através de padrões transacionais. Assim, no interior da família, os indivíduos podem constituir subsistemas, podendo estes ser formados pela geração, sexo, interesse e/ ou função, havendo diferentes níveis de poder, e onde os comportamentos de um membro afetam e influenciam os outros membros. A família como unidade social, enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento, diferindo a nível dos parâmetros culturais, mas possuindo as mesmas raízes universais (Minuchin,1990).

A família assume uma estrutura característica. A estrutura familiar compõe-se de um conjunto de indivíduos com condições e em posições socialmente reconhecidas e com uma interação regular e recorrente, socialmente aprovada. A família pode, então, assumir uma estrutura nuclear ou conjugal, que consiste num homem, numa mulher e nos seus filhos, biológicos ou adotados, habitando num ambiente comum. A estrutura nuclear tem uma grande capacidade de adaptação, reformulando a sua constituição, quando necessário.

Existem, também, famílias com uma estrutura de *pais únicos* ou monoparental, tratando-se de uma variação da estrutura nuclear

tradicional devido a fenômenos sociais, como o divórcio, óbito, abandono de lar, ilegitimidade ou adoção de crianças por uma só pessoa. A família ampliada ou consanguínea é outra estrutura, que consiste na família nuclear, mais os parentes diretos ou colaterais, existindo uma extensão das relações entre pais e filhos para avós, pais e netos.

Para além dessas estruturas, existem também as denominadas ‘famílias alternativas’, que são as chamadas “comunitárias”, e as famílias homossexuais. As famílias comunitárias, ao contrário dos sistemas familiares tradicionais, onde a total responsabilidade pela criação e educação das crianças se cinge aos pais e à escola, têm o papel dos pais descentralizado, sendo as crianças da responsabilidade de todos os membros adultos. Nas famílias homossexuais existe uma ligação conjugal ou marital entre duas pessoas do mesmo sexo, que podem incluir crianças adotadas ou filhos biológicos de um ou ambos os parceiros.

Conforme o Projeto de Lei nº 1.151, de 1995, a união civil entre pessoas do mesmo sexo constitui a formação de uma família, o que prova a evolução do conceito do decorrer dos tempos e a mudança da mentalidade social diante do patriarcalismo, por exemplo. Nessas famílias de casais homossexuais, existe uma ligação conjugal ou marital entre duas pessoas do mesmo sexo, que pode incluir crianças adotadas ou filhos biológicos de um ou ambos os parceiros.

Há três tipos de relações pessoais presentes numa família: a de aliança (casal), a de filiação (pais e filhos) e a de consanguinidade (irmãos). É nessa relação de parentesco, de pessoas que se vinculam pelo casamento ou por uniões sexuais, que se geram os filhos.

Enfim, conforme afirma Stanhope (1999), os membros de uma família contribuem para a formação da identidade uns dos outros, servindo de defensores e protetores, ensinando sobre valores, formando alianças, discutindo, negociando e ajustando mutuamente os comportamentos. Além disso, é importante salientar, relativamente aos

papéis atribuídos a cada membro, que será ideal que exista alguma flexibilidade, assim como a possibilidade de troca ocasional desses mesmos papéis, quando, por exemplo, um dos membros não possa desempenhar o seu (Soares, 2003).

#### **1.4 Algumas considerações**

A família é um sistema social uno, composto por um grupo de indivíduos, cada um com um papel atribuído e, embora diferenciados, consubstanciam o funcionamento do sistema como um todo. O conceito de família, ao ser abordado, evoca obrigatoriamente, os conceitos de papéis e funções. Em todas as famílias, independentemente da sociedade, cada membro ocupa determinada posição ou tem determinado estatuto, como, por exemplo, marido, mulher, filho ou irmão, sendo cada um deles orientados por papéis.

Portanto, é possível verificar que o conceito de família modificou-se no decorrer da História e é diferente dependendo do lugar. Ainda assim, fatores ideológicos norteiam a formação conceitual de pessoas, a depender de sua situação social, econômica, acadêmica e religiosa, preservando raízes conservadoras, ainda que distantes da realidade visível. Por isso, fez-se importante este capítulo, a fim de que a contextualização do tema proposto seja esclarecida e comparada à análise que será feita dos discursos de pessoas guiadas por todo um contexto de pobreza.

## CAPÍTULO 2

### PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: LETRAMENTO, DISCURSO E GRAMÁTICA

Neste capítulo, apresento os pressupostos teóricos que sustentaram a análise das entrevistas-narrativas colhidas no Centro de Ensino Fundamental São José, em São Sebastião. Para a descrição e interpretação das informações obtidas, ambasei-me nos estudos sobre letramento, identidade e ideologia. Recorri, também, à fundamentação teórica da Gramática Sistêmico-Funcional e da teoria social do discurso na Análise do Discurso Crítica (ADC). Apresento, assim, um tripé teórico de sustentação para análise do conceito de família: letramento, ideologia e identidade.

#### 2.1 Letramento

Kate M. Chong (1996), estudante norte-americana de origem asiática, definiu sua história de letramento em um texto poético:

*O que é letramento?*

*Letramento não é um gancho*

*em que se pendura cada som enunciado,*

*não é treinamento repetitivo*

*de uma habilidade,*

*nem um martelo*

*quebrando blocos de gramática.*

*Letramento é diversão*

*é leitura à luz de vela*

*ou lá fora, à luz do sol.  
São notícias sobre o presidente  
O tempo, os artistas da TV  
e mesmo Mônica e Cebolinha  
nos jornais de domingo.  
É uma receita de biscoito,  
uma lista de compras, recados colados na geladeira,  
um bilhete de amor,  
telegramas de parabéns e cartas  
de velhos amigos.  
É viajar para países desconhecidos,  
sem deixar sua cama,  
é rir e chorar  
com personagens, heróis e grandes amigos.  
É um atlas do mundo,  
sinais de trânsito, caças ao tesouro,  
manuais, instruções, guias,  
e orientações em bulas de remédios,  
para que você não fique perdido.  
Letramento é, sobretudo,  
um mapa do coração do homem,  
um mapa de quem você é,  
e de tudo que você pode ser.*

O poema mostra que letramento é muito mais que alfabetização, é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais mediadas pela escrita e vivenciadas em experiências de vida que vão da leitura do mundo à leitura da palavra (Freire, 1988).



Estudos recentes explicam que o conceito de letramento embasado em uma definição teórico-conceitual resulta num erro que vem sendo cometido há um tempo considerável, já que o letramento traz em si um contexto social que interfere dentro e fora da sala de aula. Segundo as pesquisas atuais, deve-se observar a esfera do desenvolvimento humano, tanto nos modos do pensamento quanto nos dos sistemas textuais, ambos numa visão diversificada, procurando por opções expressivas adequadas às circunstâncias conceituais e comunicativas. Enfim, para a atualidade, o melhor conceito para letramento seria o que o define como o processo de desenvolvimento de habilidades com a finalidade de operar sistemas textuais em diferentes modos do pensamento, segundo determinações definidas por diferentes intenções comunicativas, lembrando-se de que as diversas intenções dos atores sociais estão submetidas à maneira como estes sujeitos se encontram na sociedade (Senna, 2008).

A seguir, apresentarei estudos anteriores sobre o tema do letramento, bem como uma análise sobre a prática social discursiva, a ideologia e a identidade, trilogia que configura a base conceitual de análise deste trabalho.

### **2.1.1 Enfoque sociológico**

Em estudo recente, Lopes (2006:15) sugere que letramento constitui um fenômeno essencialmente social, em que os usos da escrita são determinados pelas matrizes socioculturais que as configuram no contexto social. Sendo assim, trata-se de um fenômeno concebido como prática social que se processa pela intermediação da palavra escrita e vê a leitura e a escrita não como habilidades individuais, mas como atividades interativas, socialmente situadas e vinculadas a aspectos da cultura e das estruturas de poder nas quais se constituem. Isso se resume nas palavras da própria sociolinguísta “(...) *é inevitável a*

*exposição das pessoas às mais diversificadas práticas sociais que se processam pela intermediação da palavra escrita (...)*”.

Estudos atuais apontam o letramento dentro de um conjunto de práticas sociais formadas e situadas num embasamento sociocultural, ao contrário do que muitos historiadores e psicólogos acreditaram por muito tempo: que a escrita fosse uma tecnologia neutra. Deve-se levar em conta não somente o que as pessoas podem fazer com a utilização da escrita, mas como a aquisição desse recurso tecnológico pode trazer de benefício a quem o tem, considerando a situação social em que o indivíduo está inserido. É relevante, por exemplo, verificar como as pessoas de classe socioeconômica baixa reagem diante dos desafios impostos por uma sociedade embasada no mundo da escrita, tendo ou não o domínio dessa prática social, já que a escrita está em toda parte. O cotidiano é permeado por atividades de letramento, já que praticamente não há na sociedade atividade sem a necessidade do uso da leitura ou da escrita, a não ser, é claro, em sociedades ágrafas. Na realidade, a escrita sempre foi e continua sendo um recurso tecnológico vinculado às estruturas de poder e não uma simples alfabetização ou instrução escolar. É por meio de estudos que se descobre os diversos usos da linguagem em uma comunidade e os valores transmitidos e recebidos graças ao letramento. Os dados utilizados na pesquisa ora apresentada mostram diversos usos da linguagem, como será ilustrado mais adiante.

### **2.1.2 Enfoque etnográfico**

Para iniciar essa subseção, torna-se necessário apresentar uma conceptualização de etnografia.

De acordo com o Instituto Fonte, “etnografia” é o método utilizado pela antropologia na coleta de dados, com a finalidade de compreender crenças, valores, desejos e comportamentos dos sujeitos por meio de uma experiência vivida. Segundo Domingues (1988), sua

premissa é a tentativa de apreender, numa perspectiva evolucionista e global, o comportamento humano em situação natural e a de compreender esse comportamento dentro do quadro de referências no qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. Mas, foi Bronislaw Malinowski que, em seu clássico estudo, marcou a história da antropologia moderna ao propor uma nova forma de etnografia, envolvendo detalhada e atenta observação participante.

Em poucas palavras, dois pilares modelam e sustentam o método etnográfico: a interação prolongada entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa e a interação cotidiana do pesquisador no universo do sujeito. Assim, para que uma pesquisa etnográfica seja levada a cabo, alguns fatores devem ser considerados e executados, já que simplesmente ser guiado pelo interesse acadêmico não é a garantia de bons resultados.

Estudos sociológicos sugerem que é necessário, primeiramente, definir o lugar a ser observado, as pessoas, as perguntas a serem feitas, bem como o modo de se fazê-las, o horário e o material de registro. O lugar a ser escolhido deve ser marcado pela existência do envolvimento direto das pessoas a serem entrevistadas com atividades comunicativas de sua rotina diária, a fim de que a pesquisa atinja uma descrição densa do fenômeno pesquisado.

Como bem observa Lopes (2006), dados da pesquisa etnográfica revelam que em qualquer espaço social a escrita é, por natureza, um recurso que se presta a estabelecer e a manter a comunicação entre aqueles que dela se utilizam e, em condições propícias se beneficiam. Dessa função geral, no entanto, observam-se desdobramentos que se conformam às demandas impostas pelo contexto sócio-histórico, e é nesse contexto que os significados dos atos de ler e de escrever adquirem nuances particulares. As práticas sociais sugerem que ler e escrever não são atividades isoladas, mas, ao contrário, significam atividades participativas, de interação, o que Lopes caracteriza como “eventos de letramento”.

A escrita é considerada uma modalidade lingüística graças a inúmeros fatores. Pode-se afirmar que o ato da escrita se firmou com a importância que hoje tem devido a fatores de ordem cultural, social, histórico e até mesmo econômico, o que se atrela a benefícios tecnológicos. Contudo, surgiram também problemas sérios para aqueles que não a dominam, visto que a ausência de letramento pode limitar muitas vezes o campo profissional e até mesmo inferiorizar pessoas de classes menos favorecidas, tanto social quanto economicamente. Por outro lado, sendo ou não dominadoras da prática escrita, as pessoas são beneficiadas por ela graças às inúmeras práticas sociais. A escrita é, pois, um meio comunicativo que dá poder a quem a maneja, domina-a, pois permite ao indivíduo desenvolver habilidades.

Em seu estudo sobre letramento, Suzzane Romaine (1984:201) sugere que a escola é a fonte mais comum de distribuição de recursos para o desenvolvimento de habilidades. Nas palavras da sociolinguísta britânica, “as sociedades distribuem seus recursos comunicativos de maneira diferente e os indivíduos desenvolvem suas habilidades no contexto das riquezas a que têm acesso”.

### **2.1.3 Modelos de letramento**

Uma vertente que aborda as relações existentes entre oral/escrito, que enfoca, portanto, o letramento, é caracterizada por Marchuschi (2001:32), para quem tal vertente enfatiza que todo uso lingüístico e, conseqüentemente, o sentido que a ele é atribuído, é contextualizado em um âmbito sociocultural. Assim, a sociedade define o papel da escrita, mostrando que os diferentes usos sociais da escrita estão subordinados culturalmente ao comportamento da sociedade na qual está inserida, ao contexto social ao qual faz parte. Diante dessa influência tem-se, conseqüentemente, uma aproximação entre a fala e a escrita, tornando-as similares, e não diferentes, quanto às influências que exercem na sociedade.

Mas, estudos anteriores apontam, de acordo com Street (1993), dois modelos clássicos de letramento: o autônomo e o ideológico.

O modelo autônomo é baseado na suposição de que o letramento teria base em si mesmo, agindo sobre outras práticas sociais cognitivas. Todavia, tal modelo acaba por mascarar as influências culturais e ideológicas nas quais se firma e que podem ser caracterizadas como neutras e universais.

Já o modelo ideológico predispõe uma visão com ampla percepção cultural das práticas de letramento, de acordo com as variações sofridas de um contexto ao outro. Com bases distintas da do modelo autônomo, esse modelo sugere que o letramento é uma prática de cunho social, e não meramente uma atividade técnica e neutra, envolvido constantemente em princípios epistemológicos de base social (Street, 1993:5)

Segundo Marcuschi (2001), os usos lingüísticos são sempre contextualizados em universos socioculturais, dando valores e significados diversos aos usos da escrita, dependendo do seu contexto. Kato (1986) afirma que a fala em estágio de letramento procura simular a escrita e Kleiman (2006) comenta que “o prestígio social conquistado pela escrita encontra-se evidenciado nas instâncias que o ratificam, por serem estas culturalmente legitimadas”, e, ao mesmo tempo, explica que o valor dado à escrita está diretamente aliado ao poder dos que a detêm e não às suas características materiais.

Tais afirmativas fortalecem o *modelo ideológico* apontado por Street (1984), que defende a idéia de que a escrita não é uma tecnologia neutra, mas, pelo contrário, é um recurso utilizado para se firmar poder e para se opor a esse poder. Ainda para esse teórico, a escrita não segue um padrão determinado, já que se submete às influências históricas, culturais e sociais do contexto no qual está inserida.

Enfim, como afirma Lopes (2006:21-22) “a linguagem se destaca como fenômeno para reflexão, dada a sua natureza social e o seu papel em todas as esferas de atividades em que se envolvem as pessoas no seu

dia-a-dia”. Essa reflexão traz, assim, a concepção de uma manifestação lingüística em uma manifestação maior, qual seja, uma manifestação social.

Como se pode observar, o letramento envolve o estudo da língua levando em conta a modalidade escrita, analisando-a como uma prática social, que, na verdade, acaba por ser um meio pelo qual efetivam várias outras práticas sociais, vinculadas aos interesses de poder. Pode-se afirmar que a escola tornou-se a agência de controle de transmissão dos recursos comunicativos de maior destaque, já que, segundo a sociedade, é ela a responsável pelo ensino e manutenção da língua padrão. Esse domínio mantém o controle do letramento, de certa forma, nas mãos da instituição acadêmica, que acaba fazendo uso desse poder com a finalidade, consciente ou não, de sustentar a língua padrão como língua de prestígio e necessária a todos os que desejam uma ascensão social. Conseqüentemente, a escrita, por ser a representação física desse padrão, recebe um destaque social. Assim, ela acaba por ser um divisor de águas: aqueles que a têm – com *status* – e aqueles que não a têm – marginalizados – já que isso está diretamente ligado à prevalência do poder nas relações sociais.

Essas ideologias reforçam o domínio da sociedade sobre o indivíduo, pois o fazem crer que a tecnologia da escrita o torna superior àqueles que não a têm, porque, além do mais, possui qualidades não vistas na manifestação oral da língua (Lopes, 2006). Contudo, o que fica deixado de lado nessa situação é o fato de na modalidade escrita não haver o interlocutor direto, o que facilita a organização das idéias e a capacidade do uso e correção segundo a norma padrão, além do tempo nas escolhas sintáticas, enquanto que na outra há uma espontaneidade, uma ausência de policiamento lingüístico quanto às regras pré-estabelecidas e uma preocupação primeira em se fazer entender, ser claro. Lopes (2006:30) argumenta com respeito a essa questão que “a escrita passa a ser vista como o lugar da correção, preceito que orienta o ensino pautado na tradição gramatical normativa”.

Assim é que as demandas que emergem nos contextos por onde transitam os atores sociais, em suas atividades de letramento, oferecem oportunidades para atuações em práticas sociais em instâncias diversas, em uma dinâmica interacional que lhes garanta a possibilidade de cultivar laços afetivos e sociais, organizar minimamente a casa onde residem e a própria vida pessoal, informar-se e participar ativamente do convívio social.

Nessa dinâmica, a escrita tem papel imprescindível e se reveste de um significado social muito particular: a um só tempo as ações que se processam por intermédio da palavra escrita configuram-se em desafios e em símbolos de mudanças. Várias pessoas, mesmo as mais simples, reconhecem que a manifestação escrita tem valor superior à manifestação oralizada e, por esse motivo, precisam enfrentar dificuldades a fim de superar suas limitações e sobreviver no mundo governado pela tecnologia da escrita.

## **2.2 Enfoque no discurso**

Com o propósito de analisar criticamente os desacordos sociais aparentes e formados lingüisticamente, a Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma perspectiva teórica e metodológica que analisa o uso da linguagem nas formações sociais e os acordos entre linguagem, poder e ideologia.

Antes de qualquer investigação ser iniciada, Fairclough (2001) explicita a necessidade de haver uma preocupação com a seleção dos métodos que irão analisar a linguagem, a fim de que haja seu adequado desenvolvimento teórico social. É importante não se esquecer que o uso da linguagem é um método de estudo da mudança social, por estar voltada a relevantes processos sociais e culturais.

Este capítulo tem, então, o propósito de apresentar, respectivamente, o embasamento teórico da Análise do Discurso Crítica e os conceitos que existem de ideologia e de identidade, que serão fundamentais para o estudo das entrevistas coletadas dos informantes.

### **2.2.1 Discurso como forma de prática social**

A importância de se focar a ADC como uma conexão entre a Lingüística e a Ciência Social Crítica são aspectos discutidos por Resende e Ramalho (2006). Para tanto, as autoras sugerem que um analista do discurso é capaz de observar e estudar as relações de poder existentes nos diversos grupos sociais e os distintos recursos lingüísticos utilizados pelas pessoas, o que remete a questões de letramento discutidas anteriormente.

O modelo teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica é aberto à análise de inúmeras práticas sociais e, por isso, permite enxergar conexões entre relações de poder e os recursos lingüísticos escolhidos por determinados grupos sociais (Resende & Ramalho, 2006). Dessa forma, o discurso começou a ser visto dentro dessas práticas e surgiu a necessidade de ele ser analisado segundo esse aspecto. As autoras mencionadas mostram a importância de se ver a ADC como uma conexão entre a Lingüística e a Ciência Social Crítica e de se entender que um analista do discurso é capaz de focar e estudar as relações de poder existentes nos diversos grupos sociais e os distintos recursos lingüísticos utilizados pelas pessoas.

Na perspectiva da ADC, afirma Fairclough (2003) que a prática social é formada de diversos elementos: discurso, ações, sujeitos e relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e lugar, formas de consciência, valores, sendo que o discurso é uma dimensão das práticas sociais. Para Fairclough, o forte dessa concepção é a mudança social. O discurso, ao mesmo tempo em que é fruto da constituição social, é



também o componente que constitui as estruturas sociais. Nota-se, assim, uma relação cíclica de causa e efeito, ou razão e consequência.

Estudos recentes sugerem que o uso da linguagem seja uma ação situada historicamente e constituída socialmente, diretamente influenciado pelos fatores sociais e ideológicos, enquanto o discurso é uma prática social organizada em rede, mas com enfoque maior no momento discursivo. Quando se pergunta se haveria outros momentos sociais, além de discurso, na formação de práticas sociais, aproximamo-nos do fato de as práticas sociais serem atividades realizadas regularmente.

Um dos elementos da prática social é o discurso. Não obstante, a prática social também tem elementos não discursivos e o discurso se relaciona com tais elementos não-discursivos por meio das práticas sociais. Assim, a prática social tem o discurso como um de seus elementos, igualmente importante aos outros três: atividade material, relações sociais e fenômeno mental, onde ao quatro são articuladas entre si, tornando essa articulação uma fonte de criatividade discursiva. Sugerem Resende e Ramalho (op. cit.) que a ADC precisa da crítica explanatória para ultrapassar os limites do texto nos aspectos da prática social, fazendo redes entre práticas relativamente estáveis que serão sustentadas por relações sociais de poder.

Em seus estudos sobre abordagens do discurso, Schiffrin (1994) mostra a comparação que Hopper faz entre gramática “a priori” e a emergência da atitude gramatical. A autora introduz três definições para a análise do discurso e o plano para descrever e comparar tais definições. Ao considerar essas diferentes definições, Schiffrin as introduz e as compara, explicando que dois paradigmas na lingüística promovem diferentes assuntos sobre a natureza geral da linguagem.

Tanto os discursos quanto os gêneros discursivos variam em estabilidade e escala. Segundo Fairclough (2001), ações e identidades são representadas em discursos, que se concretizam em gêneros e se

transformam em estilos, rompendo, assim, os limites ente a Lingüística e as Ciências Sociais.

Por outro lado, é interessante notar que a ADC trabalha nas brechas das relações de dominação, já que isso, sim, é digno de análise, pois as relações em si estão mais claras ao senso comum. Ao analista do discurso cabe mostrar o que não está óbvio e especular o que está encoberto, disfarçado, trazendo-o à luz. É nessa perspectiva que o lingüista crítico tem um papel relevante, cumprindo sua função de cientista social.

### **2.2.2 Discurso e cognição**

Em suas reflexões sobre discurso, Marcuschi (2005) discute também a cognição e a gramática nos processos de textualização. O autor sugere ser a atividade lingüística um ato cognitivo, afirmando ser isso uma dedução óbvia, já que a língua é algo muito maior que um instrumento funcional: é uma ferramenta para a construção do conhecimento. Nessa linha de reflexão, Possenti (1988) sugere que seja possível que a teoria da gramática se efetive numa teoria do discurso. Já Beaugrande & Dressler (1981) defendem que os discursos são fruto da integração de operações sociais, cognitivas e lingüísticas e que a primeira intenção da linguagem é a reflexão e a construção do pensamento, e não a comunicação ou a informação em si.

Em outra perspectiva, Kerbrat-Orecchioni (1996) vê contexto como um conjunto de fenômenos não-objetivos, mas interiorizados no formato de modelos cognitivos, indo contra os que o vêem como uma coleção de fatos ou situações em que se situa uma dada produção discursiva para enquadre inferencial. Afirma a lingüista francesa, ainda, que o discurso modela o contexto assim como o contexto modela o discurso, concluindo que os enunciados são a um só tempo modelados pelo contexto como também renovam o contexto (1996:49). Considera-

se, aqui, o contexto não só em sua dimensão exterior, mas, sobretudo, como espaço interior, ou seja, psicológico.

Assim, é no processo de contextualização que a língua é uma atividade estruturante mais do que estruturada, e que o lugar da gramática é o de condução regrada e categoricamente justificada de ações discursivas. Discurso, cognição e gramática são, enfim, três aspectos ligados na atividade discursiva.

Já Silva (2005) busca explicitar caminhos de aproximação entre o discurso e a gramática, além de ressaltar que os discursos resultam da integração de operações sociais, cognitivas e lingüísticas. Enfatiza a referida lingüista que o texto é a unidade básica de análise do discurso por se caracterizar como evento comunicativo e produto do discurso, sedimentado por uma dimensão cognitiva que une contexto exterior e interior, ou seja, as dimensões do mundo que nossa consciência abarca.

Por outro lado, como bem explicam Hopper (1987) e Halliday (1991), a gramática emerge da língua em uso. Halliday lembra que a linguagem começou sem gramática e tem evoluído com a espécie humana. De acordo com o contexto da situação em que se encontra, o usuário da língua fez suas escolhas dentro do sistema, não no vazio, o que faz da gramática um sistema de opções disponíveis na língua. Ao sintetizar as funções da linguagem em ideacional, interpessoal e textual, Halliday revela o que está atrás de uma oração.

Assim, Silva (2005) mostra que tanto o aspecto funcional, quanto os processos de compreensão e produção da linguagem interessam à lingüística que cuida do discurso. O saber gramatical deve acompanhar a criatividade no uso da linguagem. A gramática molda e é moldada por uma realidade social, por constituir uma estrutura cognitiva sensível a essa realidade. A pesquisa e o ensino da gramática requerem que se considerem as dimensões cognitivas e interacionais, o que envolve, de certo modo, práticas de letramento.

Feito o embasamento do discurso como prática social, sua ligação com a dimensão cognitiva, bem como contextual (mundo interior e

exterior), passo, a seguir, para uma reflexão a respeito do conceito de ideologia.

### **2.2.3 Ideologia**

O conceito de ideologia foi sugerido por Destutt de Tracy, filósofo francês, no final do século XVIII. Tracy tinha como pressuposto que as idéias não poderiam ser compreendidas como se possuíssem vida própria. Segundo ele, a ideologia deveria ser compreendida como “ciência das idéias”, assemelhando-se às ciências naturais. Na elaboração desse conceito, partia-se da crença na razão (própria do espírito iluminista do século XVIII) e no poder da ciência em submeter as idéias ao mesmo processo de análise e compreensão dos objetos naturais. Pode-se afirmar que essa seja a base da concepção da ideologia como ciência – como ciência das idéias.

Para Marcondes Filho (1997), ideologia é o conjunto de idéias, valores, intenções e aspirações na cabeça das pessoas. Assim, esta é a possibilidade de enxergarmos as situações de forma ideológica e, por essa razão, é comum a necessidade inerente ao ser humano de conhecer tais ideologias que fundamentam sua maneira de pensar a fim de identificar a que mais se aproxima do que se deseja, do que se espera como direcionador de crença e de atitude. O referido pesquisador afirma, também, que é a prática e não aquilo que se proclama que revela a posição ideológica de um indivíduo, ou seja, o comportamento, e não o discurso, que denuncia o norteador ideológico de uma pessoa. Assim, de acordo com esse estudioso, para se entender melhor a questão da ideologia é preciso ir mais além, avançar em um espaço mais amplo no problema da relação do indivíduo com as formas de poder que ele vive e que também desempenha.

Ideologia não é, portanto, um fenômeno individual, tanto que não aparece inclusive de forma consciente na maioria dos casos. Nessa perspectiva, quando pretendemos alguma coisa, quando defendemos uma

idéia, um interesse, uma aspiração, uma vontade, um desejo, normalmente não sabemos, não temos consciência de que isso ocorre dentro de um esquema maior, de um plano, de um projeto maior, do qual somos apenas representantes – repetimos conceitos e vontades, que já existiam anteriormente.

Segundo Thompson (1995), a ideologia é entendida, de forma geral, como um sistema de crenças, ou formas e práticas simbólicas, observando qual relação que as formas simbólicas possuem com as relações de poder. Nesse caso, nas palavras do autor:

*Se fenômenos simbólicos servem, ou não, para estabelecer e sustentar relações de dominação, é uma questão que pode ser respondida somente quando se examina a interação de sentido e poder em circunstâncias particulares – somente ao examinar as maneiras como as formas simbólicas são empregadas, transmitidas e compreendidas por pessoas situadas em contextos sociais estruturados. (Thompson, 1995)*

Os fenômenos simbólicos são, então, compreendidos como ideológicos quando se observa o contexto social no qual as simbologias estão se desenvolvendo e se propagando. E por meio do sentido das formas simbólicas, como ações e falas, imagens e textos, que estão inseridas no contexto social e circulam no mundo social, é que opera a ideologia e assim pode ser observada, pois são produzidas por sujeitos e reconhecidas por eles e outros como construtos significativos.

Para Thompson (1995) tanto as formas simbólicas quanto o sentido assim mobilizado são constitutivos da realidade social e se encontram envolvidos de maneira ativa, seja no ato de criar como no ato de manter as relações entre pessoas e grupos. Assim, para o autor, o discurso na atualidade está relacionado com a cultura pós-moderna e com o desenvolvimento cada vez maior do fenômeno da *Internet* como a

forma mais rápida e longínqua de comunicação entre os seres humanos, caracterizando desta forma o fenômeno da globalização.

Já Street (1993) compreende a ideologia como o lugar de tensão entre a autoridade e o poder, entre a resistência e a criatividade, tanto da forma escrita quanto na forma verbalizada de uso da língua. Na visão de Marcuschi (2001), Street busca inserir questões técnicas, culturais, cognitivas e sociais com o modelo ideológico de letramento, ressaltando as relações de poder em que operam. Para o lingüista brasileiro, até mesmo o trabalho desenvolvido no modelo autônomo de letramento – apontado como o dominante na escola – estaria inserido no interior do modelo ideológico como uma das formas de se tratar o letramento; além disso, analisa a variedade oralizada e a variedade escrita, em seus estudos, e sugere que tais sejam tratadas como práticas que diferem de um contexto sociocultural para outro.

Além do mais, Marcuschi nos brinda com uma visão da escrita embasada no aspecto social e etnográfico, analisando suas conseqüências, tanto no âmbito particularizado quanto no grupal, fazendo tal estudo resultar numa contraposição e reavaliação dos conceitos até então determinados como verdadeiros e únicos, indo de encontro ao modelo dos historiadores e dos psicólogos e trazendo outro, com fundamento ideológico, com um olhar social.

Não obstante, alguns estudos desconsideram a dimensão social da língua, ou seja, não enxergam seu uso na sociedade, mas somente a manifestação lingüística. Isso se deve ao fato de até pouco tempo a língua ser estudada, em primazia, em sua manifestação oral, por estar essa vinculada às transmissões culturais e históricas do povo. Contudo, com o passar do tempo, a sociedade viu a necessidade do registro escrito, com a finalidade de ampliar sua capacidade comunicativa. Essa criação humana acabou por obter maior prestígio do que a manifestação natural da fala, sendo associada, de modo geral, à língua-padrão, a qual regra as modalidades da boa fala e da escrita ideal em termos de padrão idealizado de correção.

Na concepção de van Dijk (2005), ideologia é a base das representações sociais compartilhadas pelos membros de um grupo. As pessoas, por meio das ideologias, organizam as crenças sociais sobre o que acontece de bom, de ruim, de certo ou de errado. Isso porque a modalidade escrita, por sua carga normatizada, influencia o que as pessoas aceitam como verdadeiro ou falso, especialmente no que se refere a crenças e normas para o grupo. Assim, as ideologias operam tanto no nível global da estrutura social como no nível das práticas sociais situadas na vida cotidiana. Poderíamos dizer que necessitamos de uma pragmática do uso da ideologia mais do que uma semântica da verdade. Um teoria da ideologia assim posta nos permite descrever e explicar como os membros de grupos específicos falam, escrevem e atuam ideologicamente.

Já Fairclough (1992, trad. 2001) apresenta a ideologia e o poder relacionados ao conceito de discurso, situando-o numa concepção de poder como hegemonia. Recorrendo aos conceitos de Althusser e Gramsci, o lingüista britânico procura apresentar a evolução dessas relações como luta hegemônica, investigando o discurso como forma de prática social.

Contudo, por mais que afirme que a teoria de Althusser influencie e forneça bases teóricas nos debates atuais sobre discurso, Fairclough sugere haver limitações em sua teoria e defende uma que seja semelhante à de Thompson (1984, 1990), apontando a luta ideológica como dimensão da prática discursiva. Em síntese, nas palavras de Fairclough (2000:17), *“as ideologias são significações/construções da realidade que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação”*.

A análise a que me proponho nesta pesquisa toma como base o conceito defendido por Fairclough (2001), o que me permite uma aproximação ao aspecto da influência ideológica existente no discurso dos entrevistados, como se verificará adiante. Passo, a seguir, à discussão do conceito de identidade.

#### 2.2.4 Identidade

A “identidade” tem sido caracterizada, de modo geral, como o conjunto de atributos com os quais é possível identificar pessoas, animais, plantas e objetos inanimados, quer diante de seus diferentes, quer diante de seus semelhantes. Mas para as Ciências Sociais, as identidades são construídas paulatinamente, com a mudança do mundo no homem e do homem no mundo. A análise do discurso, por exemplo, sugere que as identidades são construídas pelo discurso social.

Nas palavras de Stuart Hall:

*(...) as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (Hall, 2006:7)*

A questão da identidade cultural na chamada modernidade tardia, de acordo com o autor, traz a mudança do conceito de sujeito e identidade no século XX, o que se coaduna com o fato de as identidades estarem sendo descentradas, apesar de ser um processo complexo, a meu ver, ainda pouco compreendido e difícil de ser posto à prova. A fragmentação nas sociedades modernas é algo que deve ser levado em consideração, com base nas três concepções de sujeito presentes na modernidade, nas mudanças na modernidade tardia e no jogo de identidades existentes. Para Hall, o sujeito Iluminista, compreendido



como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de razão, criou uma concepção muito individualista do sujeito.

Já van Dijk (2005) mostra de que maneira as identidades sociais, e principalmente as étnicas, influenciam sobre as práticas sociais em geral e sobre o discurso em particular, provando que os fatores históricos, sociais e culturais intervêm na finalização de diversos modos de falar e de se comunicar. Dessa forma, afirma que o discurso é tão somente uma expressão fiel da identidade cultural das relações entre grupos étnicos, se bem que coloca em prática e reproduz a dominação étnica.

Por outro lado, Norman Fairclough (2001) sugere que a sociedade própria da modernidade tardia se caracteriza por um incremento da flexibilidade e que uma orientação crítica do discurso na vida cotidiana constitui uma das manifestações dessa flexibilidade moderna. Sem rodeios, opina o autor que o desejo verdadeiro dos analistas críticos do discurso deveria ser o de operar como intelectuais orgânicos numa diversidade de lutas sociais, com consciência plena de que seu trabalho corre permanentemente o perigo de que o Estado se apodere dele.

Diante da crescente mudança do mundo moderno, deve-se observar que a construção da autonomia desse sujeito não era exatamente como era concebida, pois ele também é formado na relação com outras pessoas, desenvolvendo, assim, a concepção do sujeito sociológico. Essa concepção de sujeito sociológico caracteriza-se, para Hall, como uma identidade em busca de uma estabilização entre o interior e o exterior, o mundo pessoal e o mundo público, internalizando sentimentos subjetivos em lugares objetivos (mundo social e cultural). De fato, estas concepções demonstram a busca por uma identidade fixa e permanente, mas atualmente elas se encontram em colapso, em “crise”, ou em “deslocamento”. Dessa transformação surge o conceito de sujeito pós-moderno, caracterizado por uma identidade fixa ou permanente.

Articula Hall, também, as transformações do conceito de sujeito com as próprias mudanças do mundo moderno. A modernidade,

diferentemente das sociedades tradicionais que veneram e perpetuam o passado a cada geração, caracteriza-se pela constante mudança, rompimento ou “deslocamentos”.

O fenômeno da globalização, por exemplo, interfere diretamente na conceitualização de identidade cultural e suas conseqüências colocam o homem diante do jogo de identidades, já que muitas vezes elas são contraditórias ou se cruzam mutuamente. Nenhuma identidade singular pode alinhar todas as identidades de forma única, abrangente, conciliando e representando as variadas identidades de uma pessoa, assim, é preciso considerar ainda que a identificação de um sujeito não se dá de forma automática, dependendo muitas vezes da forma como ele é interpelado ou representado. Detectar essa “pluralização”, “deslocamento” e “jogo” de identidades tem sido freqüente em muitos trabalhos, porém a contribuição do autor está justamente em traçar essas mudanças conceituais durante a modernidade e pensar possíveis conseqüências diante da situação atual. Uma das contribuições que merece ser destacada é a de que as identidades se constroem no discurso, ou seja, na língua em uso, o que remete à necessidade de buscar a interioridade do sistema lingüístico, com sua gramática interna, a qual subfaz, em termos de estrutura, qualquer discurso.

### **2.3 Gramática Sistêmico-Funcional**

É fundamental para pesquisadores entenderem de que maneira as imagens se incorporam ao texto escrito e que significados são produzidos visual e verbalmente. Por isso, como nas unidades anteriores tratei de discutir a dimensão da linguagem externa, agora, abordarei, ainda que de modo sucinto, sua gramática interna.

Uma cultura pode ser definida como um conjunto de sistemas semióticos, um conjunto de sistemas de significado, os quais se relacionam entre si. A língua é um dentre um número de sistemas de

significado que, junto com os visuais, constituem a cultura humana. Para Halliday & Hasan (1991), a semiótica é mais do que um estudo de signos, é um estudo do significado dos sistemas de signos. E a linguagem é um dos diversos sistemas de signos que são usados para a construção de sentido. O recurso ideacional ou representacional proposto por Halliday (1991) trata da maneira como o indivíduo experiencia e representa o mundo, tanto o que o cerca quanto o seu mundo interior, da consciência.

Pode-se fazer um paralelo entre o conceito de linguagem, como concebido por Hasan (2000:11), como sendo um sistema de significações que medeia à existência humana e o conceito de imagem, como concebido por Kress e van Leeuwen (1996), como sendo um sistema complexo, cuja atenção é voltada para o contexto específico em que é produzida.

Ao elaborar sua proposta de análise textual, voltada para pesquisa social, Fairclough (2003) ressalta a importância da Linguística Sistêmica Funcional (LSF), já que ela pode ser um instrumento teórico-metodológico para a análise de discurso crítica. Além disso, trata-se de uma proposta teórica que vem sendo utilizada para o trabalho com letramento visual de Kress e Van Leeuwen (1996), além de servir de apoio para outras teorias. A LSF, assim, está também preocupada com a relação entre a língua e outros elementos e aspectos de vida social e, por essa razão, é “um valioso recurso para análise de discurso crítica” (Fairclough, 2003:5).

Observam Resende e Ramalho (2006) a importância da relação linguagem–sociedade, mediante a qual é necessário haver a compreensão da atuação das funções sociais na gramática, o que para Halliday (1978) será traduzido pela linguagem na gramática da experiência humana. Para esse teórico, a gramática tem como função ligar seleções significativas e realizá-las em uma estrutura única. Tais seleções são oriundas das inúmeras funções da língua, organizadas em três macrofunções, apresentadas mais adiante.

Por agora cabe registrar que Silva (2005) busca explicitar caminhos de aproximação entre o discurso e a gramática, além de ressaltar que os discursos resultam da integração de operações sociais, cognitivas e lingüísticas, sendo o texto a unidade básica de análise do discurso por se caracterizar como evento comunicativo e produto do discurso. Para tanto, busca apoio em Hopper (1987) e Halliday (1989), enfatizando que a gramática emerge da língua em uso. Comenta que para Halliday a linguagem começou sem nenhuma gramática, mas tem evoluído com a espécie humana. De acordo com o contexto da situação em que se encontra, o usuário da língua faz suas escolhas dentro do sistema, não no vazio, o que faz da gramática um sistema de opções disponíveis na língua. Ao sintetizar as funções da linguagem em ideacional, interpessoal e textual, Halliday revela o que está atrás de uma sentença.

Em seus estudos, Silva (op. cit.) sugere que tanto o aspecto funcional, quanto os processos de compreensão e produção da linguagem interessam à lingüística que cuida do discurso. Para a autora, o saber gramatical deve acompanhar a criatividade no uso da linguagem, uma vez que a gramática molda e é moldada por uma realidade social, por constituir uma estrutura cognitiva sensível a essa realidade. A pesquisa e o ensino da gramática requerem que se considerem as dimensões cognitivas e interacionais. Nessa perspectiva, é relevante para pesquisadores/professores entenderem de que maneira as imagens se incorporam ao texto escrito e que significados são produzidos visual e verbalmente, o que remete a questões de letramento.

Deve-se lembrar que a cultura pode ser definida como um conjunto de sistemas semióticos, um conjunto de sistemas de significado, os quais se relacionam entre si. E a língua é um dentre um número de sistemas de significado, que junto com os visuais constituem a cultura humana. Vale retomar as reflexões de Halliday & Hasan (1985), para os quais a semiótica é mais do que um estudo de signos, é um estudo do significado dos sistemas de signos.

Pode-se fazer um paralelo entre o conceito de linguagem, como concebido pelos autores mencionados acima, como sendo um sistema de significações que media a existência humana e o conceito de imagem, como concebido por Kress e Van Leeuwen (2000), como sendo um sistema complexo, cuja atenção é voltada para o contexto específico em que é produzida.

A seguir, enfocarei as macrofunções da linguagem que constituem a base da gramática sistêmico funcional.

### **2.3.1 As três macrofunções da linguagem**

Propõe Halliday (1976) que a língua tem três funções, que mostram as finalidades e os propósitos da comunicação. São elas: ideacional – função de representação das experiências do mundo exterior e interior, interpessoal – expressão das interações sociais e textuais – expressão da estrutura e formato do texto.

A linguagem é concebida na proposta hallidaiana como um sistema de significados, considerando a competência comunicativa de um indivíduo como a maneira como esse indivíduo codifica e decodifica expressões de maneira interacionalmente satisfatória. A LSF estuda a língua nas diferentes funções sociais que ela exerce, onde cada indivíduo realiza e constrói significados através das funções e relações disponíveis nos sistemas. Halliday (1994) propõe que a língua possui três funções, que mostram de modo simultâneo as finalidades e os propósitos da comunicação. Cada metafunção se realiza simultaneamente num sistema internalizado aos outros.

A função textual se realiza no sistema da informação ou tema, especificando as relações dentro do enunciado, entre enunciado e situação, codificando a mensagem. As três macrofunções são realizadas simultaneamente na língua, mostrando que a linguagem é moldada pelas influências sociais, tendo uma estrutura cognitiva. Na perspectiva hallidayana, há um dialogismo entre o *fazer* e o *dizer*. O

*fazer* se materializa na gramática e no léxico enquanto o *dizer* nos possíveis níveis de significação da linguagem, sendo o texto a unidade maior de funcionamento.

Os termos usados na Gramática Sistêmico-Funcional propostos por Halliday (1991) para a descrição da função ideacional da linguagem consideram a função que os elementos têm na linguagem. Uma observação a mais se faz necessária: o uso da gramática sistêmica para análise da língua portuguesa do Brasil é relativamente recente, e pesquisas estão ainda sendo feitas para adequar a terminologia proposta por Halliday, feita originariamente para a língua inglesa.

### **2.3.2 A gramática da experiência**

Para uma compreensão objetiva da macrofunção ideacional, observemos à seguinte “mandala” (FIGURA 2.1), redenominada e adaptada por Silva (2007) para o português a partir da proposta da Gramática da Experiência de Halliday e Mathiessen (2004:172):

## Gramática da Experiência (Halliday e Mathiessen, 2004)



FIGURA 2.1 – Gramática da Experiência

A figura 2.1 acima ilustra a distribuição hallidaiana dos processos verbais que constituem a Gramática da Experiência. O círculo interior envolve três mundos que se coadunam com os processos principais: do “fazer”, do “sentir” e do “ser”, correspondentes ao mundo material físico (*doing*), mundo da consciência, interior (*sensing*), mundo das relações abstratas (*beng*). Na segunda camada circular está o espaço semiótico, contínuo dos processos de transitividade. As linhas que marcam o limite do círculo indicam áreas de transição de um tipo de processo verbal para outro, chamada por Cunha & Souza (2007) de princípio de indeterminação semântica, que é um princípio básico de formação do sistema. Na gramática da experiência, o processo é indicado de acordo com a situação de uso, podendo haver em um mesmo texto mais de um mundo significativo distinto.

Observa-se que a LSF concebe a linguagem como um sistema de significados, considerando a competência comunicativa de um indivíduo como a maneira como esse indivíduo codifica e decodifica expressões de

maneira interacionalmente satisfatória. Trata-se de uma proposta teórico-metodológica que enfoca a língua nas diferentes funções sociais que ela exerce, onde cada indivíduo realiza e constrói significados através das funções e relações disponíveis nos sistemas.

Para finalizar esta subseção, cabe, aqui, destacar o seguinte: a gramática da experiência ilustra a transitividade, ou seja, nível em que uma oração é vista como processo. Os elementos da transitividade equivalem a três componentes: o processo em si (componente verbal), os participantes do processo e as circunstâncias. Trata-se de uma configuração da função ideacional da linguagem que implica a categoria da representação. Dessa macrofunção nos ocuparemos a seguir, embora de modo sucinto.

### **2.3.3 A função ideacional e a representação**

Denomina Halliday (1976:136) de função ideacional a manifestação das experiências vividas pelo falante no mundo material e no mundo interior, embasadas em termos conceituais ou em termos comportamentais. Tal função, ainda, mostra a capacidade da linguagem de estruturar a experiência e auxiliar o indivíduo no modo de enxergar o mundo, forçando-lhe a ter um maior esforço intelectual a fim de que comece a ver de outra maneira, distinta daquela oferecida pela linguagem. Dessa forma, a linguagem é usada para representar a experiência dos processos diversos existentes no mundo exterior e no interior – deixando claro que essa não é sua única importância.

A função ideacional se realiza no sistema da transitividade, especificando os papéis dos elementos, denominados participantes, na oração e codificando a representação do mundo. A função interpessoal se realiza no sistema do modo ou modalidade, e especifica funções como *sujeito*, *predicador* e o papel que têm na fala, codificando a relação de troca entre falantes. A função textual se realiza no sistema da informação ou tema, especificando as relações dentro do enunciado,



entre enunciado e situação, codificando a mensagem. Essas três metafunções são realizadas simultaneamente na língua.

Explicam Cunha e Souza (2007:53) transitividade como sendo “a base da organização semântica da experiência e denota não somente a familiar oposição entre verbos transitivos e intransitivos, mas um conjunto de tipos oracionais com diferentes transitividades”. Nesse sentido, o sistema de transitividade possibilita a identificação de ações e eventos que são expressos em discursos, refletindo, assim, uma realidade social identificada por meio de papéis de transitividade, que se dão pelos processos, pelos participantes e pelas circunstâncias – o que, segundo os estudos tradicionais, correspondem à estrutura formada por nomes, verbos e advérbios. Verifica-se, então, que o tipo de processo leva em conta a função do participante no contexto discursivo e seus atos, pois cada processo é associado a distintos papéis que ocorrem de maneiras distintas.

Ao analisar os aspectos da transitividade numa manifestação lingüística, Silva (2006) verifica a aproximação entre gramática e discurso, uma vez que a sintaxe possibilita o acesso ao momento discursivo por meio da análise que se pode fazer da organização da língua em uso.

Já na perspectiva hallidayana, há um dialogismo entre o *fazer* e o *dizer*. O *fazer* se materializa na gramática e no léxico enquanto o *dizer* nos possíveis níveis de significação da linguagem, sendo o texto a unidade maior de funcionamento. Os termos usados na Gramática Sistêmica Funcional propostos por Halliday para a descrição da função ideacional da linguagem consideram a função que os elementos têm na linguagem.

Como já mencionei anteriormente, o uso da gramática sistêmica para análise da língua portuguesa do Brasil é recente. Entre os atuais, destaco aqui o livro de Cunha e Sousa (2007), bem como a tese de doutorado de Silva (2007), entre outros. A Gramática Sistêmica Funcional, proposta por Halliday possibilita a análise da língua

considerando as funções que ela tem na cultura, na relação entre os indivíduos, no uso que fazem dela para realizar algo, já que o sistema semiótico tem o signo como a noção central. Para Halliday, a semiótica é mais do que um estudo de signos, é um estudo do significado dos sistemas de signos e a linguagem é um dos diversos sistemas de signos que são usados para a construção de sentido, ou seja, a lingüística é um tipo de semiótica. Os visuais também são sistemas semióticos e, como qualquer modo semiótico, devem servir a vários requisitos de comunicação e de representação a fim de funcionarem como um sistema completo de comunicação.

É, pois, no processo de contextualização que a língua é uma atividade estruturante mais do que estruturada, e que o lugar da gramática é o de condução regrada e categoricamente justificada de ações discursivas. Discurso, cognição e gramática são, enfim, três aspectos ligados na atividade discursiva (Marcuschi, 2005).

#### **2.4 A teoria social do discurso da ADC**

Para Fairclough (2003), a prática social é formada de diversos elementos: discurso, ações, sujeitos e relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e lugar, formas de consciência, valores, ou seja, que o discurso é uma dimensão das práticas sociais. Segundo ele, o forte de sua obra é a mudança social. O discurso, ao mesmo tempo em que é fruto da constituição social, é também o sujeito que constitui as estruturas sócias. Nota-se, assim, uma relação cíclica de causa e efeito.

O uso da linguagem é, para Fairclough (2006), uma ação situada historicamente e constituída socialmente, diretamente influenciado

pelos fatores sociais e ideológicos. O discurso é uma prática social organizada em rede, mas com enfoque maior no momento discursivo.

Quando se questiona se há outros momentos sociais, além de discurso, na formação de práticas sociais, é importante lembrar que as práticas sociais são atividades realizadas regularmente e que um de seus elementos é o discurso, porque a prática social também tem elementos não discursivos e o discurso se relaciona com eles. Assim, a prática social tem o discurso como um de seus elementos, igualmente importante aos outros três: atividade material, relações sociais e fenômeno mental, onde ao quatro são articuladas entre si, tornando essa articulação uma fonte de criatividade discursiva.

Nas palavras de Fairclough (2003:6):

*Eu vejo a análise de discurso como algo que oscila entre um foco em textos específicos e um foco naquilo que eu chamo de ordem de discurso, que é a estruturação social de uma língua/linguagem e sua parceria com determinadas práticas sociais. A análise de discurso crítica está relacionada à continuidade e à transformação em um aspecto mais abstrato, em um nível mais estrutural, como acontece em textos em particular.*

Como se pode observar nas palavras de Fairclough, a dimensão crítica da ADC tem uma preocupação com o exercício do poder nas relações sociais, no que se concerne às práticas sociais, o que inclui as relações de gênero e classe social, como também as relações entre as raças e as etnias. Assim, atualmente, tais pesquisas voltam-se à abordagem da lingüística adotada por estudiosos que tomam o texto como unidade básica do discurso e da comunicação e que se voltam para a análise das relações de luta e conflito social. Por essa razão, o estudo das representações das relações nos textos distingue a ADC de outras tradições acadêmicas, como a sociolingüística variacionista, a

lingüística textual, a análise de conversação e a pragmática, não significando, porém, que essas tradições de estudo sejam homogêneas, uma vez que podem adotar uma perspectiva crítica.

A análise discursiva das práticas sociais contribui para a pesquisa social crítica, enquanto a mediação entre contexto social e discurso – por meio do estudo das práticas sociais, dos eventos sociais e das cadeias de gêneros discursivos – é uma forte contribuição para o estudo dos aspectos semióticos das práticas sociais. Já a Análise do Discurso Textualmente Orientada é uma proposta de compreensão das práticas sociais na concepção dialética do discurso, envolvendo gêneros discursivos e a construção de sentidos nos textos, como ações, representações e identificações.

Em seu livro **Analysing Discourse** – cujo título envolve análise textual para pesquisa social –, Fairclough (2003) deixa claro que escreveu com dois tipos de leitores em mente: o primeiro, dos estudantes e pesquisadores de ciências sociais e humanas, que têm pouco conhecimento em estudos da linguagem e o segundo, dos estudantes e pesquisadores que estejam se especializando em língua/linguagem. Diz também que a abordagem na obra, de análise textual, mover-se-á em direção à produção de textos, mais que em direção à recepção e interpretação de textos. O autor focaliza a relação entre textos, eventos, práticas e estruturas sociais, depois de alguns comentários preliminares sobre agência de participantes em eventos, especialmente no capítulo final.

Por outro lado, o estudo de van Dijk (2005) é leitura particularmente relevante para estudantes e acadêmicos interessados na investigação sobre comunicação e mídia, sobretudo no discurso da notícia e nas relações entre este tipo de discurso e o poder social, ou a cognição social e a ideologia. De forma aprofundada e com um apoio teórico/bibliográfico, van Dijk logra introduzir alguns conceitos teóricos fundamentais, que definem as relações entre o discurso e a sociedade, mostrando, porém, que os conceitos básicos são extremamente complexos e não de todo compreendidos.

### 2.4.1 Os significados da linguagem

Para sugerir a âmbito dos significados da linguagem, Fairclough (2003) parte das macrofunções da linguagem no moldes hallidaianos. A propósito, desde a formulação da proposta de uma teoria social do discurso (Fairclough 1982 – trad. 2001) o referido lingüista baliza seus estudo na proposta funcional de Halliday.

Mas ao refinar sua proposta metodológica para análise voltada para pesquisa textualmente orientada, Fairclough sintetiza, nesse momento, o seguinte: nas estruturas sociais encontram-se as línguas (sistema semiótico), nas práticas sociais encontram-se as práticas discursivas, enquanto nos textos encontram-se os eventos. Essa distinção possibilita o acesso à questão da variação. De acordo com Fairclough, as ordens de discurso podem ser vistas como organização e controle social da variação lingüística, o que, a meu ver, permeia as práticas de letramento, as quais podem favorecer ou não os falantes/usuários da língua, pertencentes a classes distantes do poder, ou seja, os desfavorecidos, quer de um ponto de vista econômico e/ou social (os que vivem em situação de pobreza).

No Quadro 2.1: Linguagem como elemento da vida social, Silva e Ramalho (2008:70) sintetizam e correlacionam os três deferentes níveis da vida social a três níveis da linguagem.

**Quadro 2.1: Linguagem como elemento da vida social**

Níveis do social	Níveis da linguagem
Estrutura social	Sistema semiótico
Práticas sociais	Ordens do discurso
Eventos sociais	Textos

*Baseado em Fairclough (2003)*

Observe-se que o sistema semiótico que equivale às línguas encontra-se relacionado ao mundo e à vida social (estrutura social). Isso porque, de acordo com as autoras mencionadas, mantém relações simultâneas de articulação e internalização com os outros estratos, o que se deve ressaltar com relação ao Quadro acima, é que os elementos de ordens do discurso são: gêneros, discursos e estilos.

Uma observação a mais se faz necessária. Os elementos de ordem de discurso não são como nomes e sentenças (elementos de estruturas lingüísticas), mas gêneros, discurso e estilos.

#### **2.4.2 As representações discursivas**

De acordo com Silva e Ramalho (2008), antes de se discutir a representação em termos lingüísticos discursivos, convém colher as idéias de van Leeuwen (1997), para quem os atores sociais são representados em textos, o que nos permite identificar, em condições propícias, não só alguns posicionamentos ideológicos em relação a tais atores, mas também suas atividades. O estudo de van Leeuwen, que se reveste de uma natureza sociológica, conjuga as dimensões tanto sociais quanto lingüísticas. Para tanto, apresenta o autor britânico, um inventário sócio-semântico minucioso, quanto às maneiras mediante as quais os atores sociais são representados.

Em poucas palavras, as representações podem servir a interesses e propósitos particulares, uma vez que incluem ou excluem atores sociais, os quais, por sua vez, podem ser incluídos, omitidos, ou colocados em um segundo plano na representação. A categoria “inclusão” realiza-se de diversas maneiras lingüisticamente, por exemplo, como *nomeação* e *categorização*. Isso quer dizer que os atores podem ser representados, lingüisticamente, em termos de sua identidade única, como nomeados ou categorizados. Uma nomeação realiza-se através de nomes próprios, enquanto uma categorização

realiza-se por *funcionalização* e *identificação*. Uma *funcionalização* ocorre quando atores são referidos em termos de uma atividade ou função à qual se encontram relacionados, como, por exemplo, “catador de material de reciclagem”. No caso da *identificação*, um ator social pode ser representado até por um princípio religioso, como um ator que se autodenomina “evangélico”.

Mas os atores podem ser representados por meio de referências *genérica* ou *específica*. Uma referência *genérica* ocorre lingüisticamente através do plural sem artigo e do singular com artigo (definido ou indefinido), como, por exemplo, “moradores de São Sebastião” e uma *específica* seria, por exemplo, os colaboradores da pesquisa com “um casal evangélico”. Cabe, aqui, registrar outras categorias que, ao contrário das escolhas representacionais, personalizam os atores sociais, representando-os como seres humanos. Existe uma categoria denominada *objetivação* que impersonaliza os atores. Em poucas palavras, a *objetivação* se realiza ocorre quando esses atores sociais são representados, de maneira metonímica, mediante referência a um local ou coisa diretamente associada, quer a sua pessoa, quer à atividade a que se presta (“biscateiro”), em termos funcionais, ou, até mesmo, emergenciais.

## **2.5 Algumas considerações**

De modo geral, procurei apresentar a sustentação teórica à qual recorri, apresentando alguns de seus teóricos e estudiosos. Tais estudos constituem uma grande parte da sustentação complexa que permite a realização de pesquisas lingüísticas nas práticas sociais. É pertinente esclarecer que não seria possível apresentar por completo todas essas teorias nesta dissertação, o que, enfim, fez-me optar pela ênfase nos aspectos que melhor justificavam e explicavam o comportamento lingüístico em análise e, conseqüentemente, toda carga

ideológica nele presente, tendo por foco a análise discursiva do conceito questionado nas entrevistas: família. Sendo assim, esse capítulo teve a intenção de oferecer um pressuposto teórico básico, com a tentativa de ser suficiente na presente situação, para a compreensão do estudo dos dados empíricos colhidos e adiante apresentados, numa visão analítica e crítica, a fim de interpretar a linguagem em pessoas de diferentes idades num mesmo contexto de pobreza e tardiamiento escolar.



## **CAPÍTULO 3**

### **METODOLOGIA**

Neste capítulo, apresento a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. Para tanto, descrevo a forma e os instrumentos escolhidos para a geração dos dados, além de alguns relatos das impressões que obtive antes e a final de cada entrevista. A pesquisa foi realizada com embasamento na abordagem qualitativa, com o propósito de analisar o conceito de “família” entre pessoas de classe economicamente menos favorecida e com escolaridade tardia. O capítulo envolve três subseções, que vão desde explanação do ambiente da entrevista (seção 3.1), passando pela explicação sobre entrevista narrativa (seção 3.2), até apontar uma exposição das impressões obtidas no colhimento dos dados empíricos (seção 3.3).

#### **3.1 Metodologia da pesquisa**

Para a realização da pesquisa, optei pela abordagem qualitativa (descritiva e interpretativa), com o propósito de trabalhar o sentido e o conteúdo das representações da vida social dos moradores e estudantes de São Sebastião, além da observação dos significados atribuídos tanto à própria ação quanto à relação com o outro. Para tanto, utilizei entrevistas semi-estruturadas com um único entrevistado, no intuito de obter narrativas espontâneas. Esse tipo de entrevista, como observam Bauer e Gaskell (2002), possibilita o encorajamento do informante a contar histórias sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social no qual está inserido.

Em sua tese de doutoramento, Silva (2007) discute a importância da pesquisa qualitativa, apontando o uso de seus métodos como instrumentos poderosos para a coleta de informações sobre as práticas sociais. Contudo, a autora deixa clara a existência dos problemas dessa prática, já que há uma quase impossibilidade de se absorver a realidade de modo completamente racional e objetivo, sem se interferir nos dados com as impressões pessoais.

De fato, para Gaskell (2002), a entrevista qualitativa é basicamente um método, uma forma que visa descobrir os anseios ou simplesmente as crenças do entrevistado sobre os fatos. Importante, também, é ter por pressuposto o senso comum que constrói a realidade na qual está inserida a pessoa interpelada, a fim de que haja melhor compreensão de seu mundo vivencial. Sobre isso, Gaskell (2002:66) afirma:

*A entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.*

Assim, é importante ressaltar que para que haja uma pesquisa qualitativa, várias abordagens são possíveis na coleta de dados – entrevistas, análise documental, pesquisa de campo, entre outros –, a fim de que a produção de conhecimento científico resulte de todo esse trabalho de pesquisa.

Antes de serem entrevistados, os alunos foram observados em torno de três meses. Durante a aula, na interação com eles, nas conversas em torno do conteúdo, nos diálogos informais, na forma como tratavam uns aos outros e nas opiniões que expressavam a respeito de ensinamentos diversos que eu lhes expunha sobre língua

portuguesa, literatura ou história, procurei notar o conteúdo de suas falas e a carga ideológica nelas presentes. Quando pertinente, levantava debates em torno de assuntos polêmicos, a fim de identificar funções discursivas que pudessem manifestar por meio da oralidade. Dessa forma, antes mesmo de selecionar e convidar alguns deles para a entrevista, pude já pressupor bases identitárias presentes em suas formações sociais.

### **3.2 Geração de dados**

O objetivo do presente trabalho é fazer uma análise das representações discursivas do conceito de família, já que suas variantes vêm sendo modificadas e, em vários lugares, incorporadas, como, por exemplo: estruturas monoparentais, casais do mesmo sexo, provedor econômico feminino. Por isso, foi de suma importância a pesquisa etnográfica que, segundo Fairclough (2003), pode ser considerada um método complementar à Análise de Discurso Crítica.

Busquei trabalhar, também, mediante um enfoque no letramento, porque amplia a exposição das pessoas às diversas práticas sociais oriundas da palavra escrita (Lopes, 2006) a fim de obter, dessa forma: uma análise da identidade, uma vez que a família é a base da construção social identitária; a influência da escola no letramento; a influência da religiosidade no letramento e na identidade; a influência do letramento na construção identitária da família; a relação do mundo exterior com o mundo interior.

Para obter um resultado mais eficiente, procurei ter como orientação prática da coleta de dados a tese de doutorado de Silva (2007), que fez sua pesquisa empírica numa escola também em Brasília.

### **3.3 Observação participante**

De acordo com Haguette (1987:62), pode-se caracterizar a observação participante “como um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica”. Isso implica uma tomada de decisão em termos do papel que o pesquisador assumirá para poder examinar o seu objeto de análise em um contexto social a partir do qual serão gerados os dados da pesquisa.

Conforme enfatiza Silva (1991:50) é necessário levar em conta que a observação participante para configurar um procedimento válido e fidedigno de investigação exige do pesquisador, além de um planejamento, uma decisão quanto ao seu grau de observação e participação do contexto em que ocorre o fenômeno pesquisado. O papel que assumi nesta pesquisa foi o de “participante como observador”. Como explica Silva (*op. cit*) trata-se de uma posição em que o pesquisador não oculta sua identidade, mas revela apenas parte do que pretende investigar. Essa é a vantagem do referido papel, uma vez que permite tanto ao pesquisador (eu, como professora) quanto aos colaboradores da pesquisa (todos meus alunos) manter a consciência de suas relações no contexto de sala de aula, ou seja, no contexto da pesquisa. A propósito, Silva evoca as palavras de Circourel (1980:92) para quem “essa consciência mútua tende a minimizar os problemas de fingir papéis”.

### **3.4 O contexto da entrevista**

A fim de melhor entender a situação dos entrevistados, nesta seção farei uma contextualização da cidade de São Sebastião, que se

encontra registrada no site oficial da administração regional da cidade, bem como do Centro de Ensino Fundamental São José. Além disso, para melhor visualização, tanto da cidade quanto da escola, há em anexo ao final deste trabalho algumas fotos.

São Sebastião, com cerca de 93.000 habitantes e 13 anos de história, é uma cidade-satélite do Distrito Federal. A ocupação da área onde hoje está localizada a cidade se deu a partir de 1957, quando várias olarias ali se instalaram em terras posteriormente arrendadas através da Fundação Zoobotânica do DF, visando, à época, suprir parte da demanda da construção civil por materiais. Com a expiração dos contratos, as olarias foram sendo desativadas e o núcleo urbano foi se estruturando aos poucos ao longo do córrego Mata Grande e Ribeirão Santo Antônio da Papuda, como resultado do parcelamento irregular do solo. É história comum, contada pelos moradores mais velhos, que a área tem ocupação muito mais antiga, de fazendas remanescentes da época dos escravos. Pode-se encontrar no núcleo antigo restos de construções atribuídas aos escravos e até mesmo uma cruz de madeira onde supostamente estes escravos teriam sido castigados.

O preço baixo da terra e a falta de regularidade do solo contribuíram para o crescimento acelerado da cidade. Sua localização privilegiada, que inicialmente atraiu trabalhadores da construção civil e de serviços domésticos, hoje atrai uma população diferenciada. Em 25 de junho de 1993 a então Agrovila São Sebastião passa a ser a Região Administrativa nº XIV – Cidade São Sebastião (Lei 467/93). Esta passa a ser, então, a data comemorativa do aniversário da cidade. Em 1991 a cidade tinha 17.390 habitantes e em 1998 a população era de 44.235 habitantes. Temos aqui uma taxa de crescimento anual de 20,52% (vegetativo e migratório). O crescimento da cidade perde apenas para Santa Maria, Recanto das Emas e Riacho Fundo, últimas cidades implantadas pelo Governo do DF. O nome São Sebastião é uma homenagem a um dos primeiros comerciantes a chegar na cidade, “Seu Sebastião”. Ele se instalou nas terras desapropriadas da Fazenda Taboquinha e retirava areia ao longo do Rio São Bartolomeu. O

material era vendido para as construtoras da Companhia Urbanizadora de Brasília (Novacap). Por causa desta atividade o pioneiro ficou conhecido como “Tião Areia”.

A ocupação original já dura cerca de 20 anos, mas a cidade continua a crescer com o surgimento de novos loteamentos, em áreas cada vez mais próximas do cerrado. A falta de sinalização e a confusão dos endereços, fixados com placas pintadas à mão nos portões de madeira, mostra como a organização do território foi improvisada. Nesses locais, a falta de infra-estrutura urbana é mais visível. As estradas de terra e as ruas cheias de poeira deixam a paisagem cinzenta e avermelhada e obrigam os moradores a proteger os olhos e o nariz da terra que sobe quando um veículo passa.

Os problemas respiratórios estão entre as queixas mais comuns dos moradores que procuram os serviços de saúde da cidade. De acordo com médicos de postos de atendimento locais, a falta de estrutura tem relação direta com os atendimentos realizados na unidade e, além da poeira, é possível constatar que faltam cuidados básicos relacionados ao uso da água, além da ausência de saneamento. Consta que as crianças são as principais vítimas e que a cidade é a segunda em todo o DF em número de casos de diarreia infantil. Segundo os postos médicos, a média de atendimentos em 2007 foi de mais de 50 casos por semana. Em anos anteriores, foram registrados surtos de hepatite A, que também está ligada à falta de água tratada e esgoto. Além da falta de infra-estrutura, o avanço da cidade sobre áreas de cerrado expõe os moradores a doenças incomuns em áreas urbanas, já que a ocupação desordenada do espaço faz com que as pessoas fiquem expostas aos agentes silvestres e adoçam. O Núcleo de Vigilância Epidemiológica de São Sebastião é o setor responsável por notificar os casos de doenças relacionadas ao contato com agentes silvestres. O núcleo registra casos de hantavirose, leishmaniose e febre maculosa – doenças transmitidas ao homem por causa de assentamentos impróprios em regiões pouco urbanizadas, próximas a áreas rurais.

O Centro de Ensino Fundamental São José está situado na Quadra 16 Área Especial, Bairro São José, na cidade satélite de São Sebastião, Brasília – DF. Foi fundada em janeiro de 1998. Apesar do nome, a escola oferece também a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que ministra aulas desde a 5ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, que existe desde sua fundação.

O diretor atual se chama Paulo Rogério Rodrigues Passos, que é mestre em Ciência Política, e o vice-diretor se chama Marcelo dos Santos da Silva. Ambos foram eleitos pela comunidade e pelos professores em 2007, mas Paulo é diretor desde 2005. A supervisora administrativa se chama Cláudia Cardoso de Oliveira Santos e trabalha junto ao corpo diretivo da escola desde o ano de 2005. Joaquim Dantas Neto é o coordenador da EJA desde 2006.

A escola funciona de segunda a segunda, num projeto criado pelo Governo do Distrito Federal, oferecendo à comunidade, aos sábados e domingos, cursos profissionalizantes, culturais e esportivos, tais como: cabeleireiro, bordado, artesanato, informática, caratê, capoeira e dança. Durante a semana, o funcionamento é integral – seguindo o mesmo projeto –, atendendo aos alunos com oficinas, oferecendo reforço escolar e servindo em torno de 2000 refeições diárias, entre lanches e almoço.

Segundo o atual diretor da escola, São José já passou por diversos problemas, de todos os tipos possíveis. As administrações anteriores tiveram e provocaram situações difíceis e que por muitas vezes prejudicaram o andamento acadêmico do centro de ensino: traficantes de drogas, baderneiros, gangues de briga, maridos violentos, depredação do patrimônio, denúncias de desvio de dinheiro por parte da direção, comportamento inadequado de professores etc.

Todavia, conforme relato de Paulo, Marcelo, Cláudia e Joaquim, atualmente São José está vivendo outra realidade, já que o corpo diretivo, unido ao coordenativo e ao docente, tem procurado mudar a face da escola e a maneira como a comunidade a vê. Hoje São José

hoje é um modelo, sendo vista pela comunidade como a escola ideal para se matricular um filho. Inclusive, recebeu em 2005 e 2007 (*vide anexo*) o prêmio de melhor escola de São Sebastião, segundo avaliação da Secretaria de Educação junto à comunidade, com base no desempenho acadêmico e administrativo do centro de ensino.

### **3.5 Entrevistas**

Por meio de entrevistas, colhi dados empíricos que ocupam o centro da análise. Realizei entrevistas com meus alunos em intervalos de aulas.

Os alunos são adultos com escolarização tardia e pertencentes à classe menos favorecida economicamente, particularmente, moradores da cidade-satélite de São Sebastião, aos arredores de Brasília, e estudantes do Centro de Ensino Fundamental São José.

As gravações foram feitas em aparelho gravador de voz e posteriormente transcritas – sendo feita a transcrição literal, com fidelidade ao comportamento lingüístico tanto do entrevistador quanto do entrevistado.

As perguntas foram feitas com base em um questionário pré-elaborado e discorreram em tom de conversa informal. Contudo, apesar de pré-elaborado, o questionário não foi seguido à risca, já que a fim de deixar o entrevistado mais à vontade, não tive nas mãos nada mais além do gravador – que, vale salientar, já os deixava um pouco tensos. As entrevistas foram gravadas de novembro de 2007 a junho de 2008, conforme o arranjo de tempo do entrevistador e do respondente.

Todas as perguntas giraram em torno do conceito de família, da influência da escola nesse modo de ver a realidade, de suas experiências pessoais em ambiente familiar e de suas observações sobre as mudanças sociais em torno do conceito que levantaram.



Foi dado um pseudônimo a cada um dos entrevistados, a fim de preservar o princípio básico etnográfico com respeito à manutenção do anonimato dos colaboradores da pesquisa. Essa é a razão pela qual os entrevistados são identificados com pseudônimos.

As entrevistas foram realizadas com base nos seguintes perfis sociais: casais – separadamente –, pais solteiros e jovens solteiros. Observemos, abaixo, o Quadro 3.1, que perfila, de modo sucinto, cada um dos colaboradores da pesquisa.

**Quadro 3.1: Perfil social dos colaboradores da pesquisa**

<b>Colaborador</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Religião</b>	<b>Bairro</b>
Senhora	34	F	3º ano do Ensino Médio	Dona de casa	Evangélica	São Sebastião
Senhor	33	M	3º ano do Ensino Médio	Desempregado	Evangélico	São Sebastião
Mãe solteira	37	F	7ª série do Ensino Fundamental	Desempregado	Evangélica	São Sebastião
Pai solteiro	19	M	7ª série do Ensino Fundamental	Desempregado	Católico	São Sebastião
Moça	24	F	2º ano do Ensino Médio	Desempregado	Católica	São Sebastião
Rapaz	18	M	2º ano do Ensino Médio	Desempregado	Evangélico	São Sebastião

Os dados acima foram obtidos antes, durante ou após as entrevistas gravadas e, sendo assim, alguns deles podem ser conferidos nas entrevistas transcritas (em anexo).

Cabe, aqui, salientar o perfil dos entrevistados, considerando o fato de estarem praticamente todos desempregados – no caso de SENHORA, há uma exceção, pois ela exerce o papel de dona-de-casa, independente de o marido estar ou não empregado. Isso indicia algo a respeito dos entrevistados, pois a situação econômica na qual vivem e sobrevivem é de escassez material, tendo de enfrentar restrições econômicas, uma vez que moram, em sua maioria, de favor na casa de parentes, ou ainda sendo sustentados por eles – no caso dos solteiros. E, quando empregados, são funcionários de serviços subalternos, o que não exige capacitação intelectual ou escolaridade avançada.

Bastante solícitos, a maioria deu a entrevista de bom grado, sentindo-se inclusive importantes por terem sido selecionados em detrimento dos demais. Com exceção de PAI SOLTEIRO, que em muito relutou para fazer a gravação. Bastante tímido, temia a publicação da fala com a exposição de seu nome, o que tive que assegurar veementemente que não aconteceria. Contudo, ele era um dos raros alunos que eu tinha naquela escola com o perfil que eu buscava – pai e solteiro – e com o qual eu tinha um certo acesso, por ser sua professora. Essa é a justificativa da minha insistência para que ele aceitasse a entrevista.

Outra observação interessante está no fato de quatro dos seis entrevistados serem evangélicos. Um comportamento religioso já era esperado, uma vez que no convívio com eles em sala de aula tove a oportunidade de identificar, ainda que por alto, que a maioria dos alunos pertence a um ramo evangélico, seja pelas ideologias expostas na oralização das opiniões, seja nas impressões ou comentários ocasionais e até mesmo dos gracejos. O lugar em que habitam também direciona a esse comportamento ideológico, pois se trata de um tipo de religião que tem buscado fiéis oriundos de situações sócio-econômicas de restrição e, até mesmo, de miséria. Uma observação a mais se faz necessária: São Sebastião é uma das cidades-satélites de Brasília com o maior índice de assassinatos – o medo é outro fator que leva a

pessoa ao apego religioso, à busca da segurança que o Estado não promove.

Durante as entrevistas, fiquei observando a maneira de responderem. Algo que as transcrições não podem fornecer, mas que, enquanto entrevistadores, podemos coletar, é o olhar e o tom de voz dos respondentes. No caso dos meus, era notória a preocupação que tinham em falar “bonito”, em fazer a professora ouvir aquilo que ela queria. Por mais que eu tenha buscado ser espontânea, a representação social que exerço na vida deles terminou por influenciar nas respostas que deram, como ressaltou Silva (2007) a possibilidade desse tipo de problema quando se faz uma entrevista narrativa. Isso ocorreu porque o papel adotado pelo pesquisador foi o de participante. Então, trata-se de um papel que não esconde a face identitária do pesquisador, o qual, a fim de não provocar muitas alterações no comportamento dos sujeitos interpelados, procura direcionar as falas e deixá-los à vontade para falar Bauer e Gaskell (2002).

### **3.6 Pesquisa documental**

A coleta de dados documentais foi de *sites* oficiais da *Internet* que registram a história da cidade de São Sebastião, relatando seu surgimento e crescimento.

Também, foram pesquisados documentos no Centro de Ensino Fundamental São José, a respeito da história da própria escola – seu surgimento e crescimento –, bem como o relato de funcionários antigos: diretor, vice-diretor, supervisora e coordenador. Fotografei três momentos que registram a trajetória da escola (*vide anexo*).

### **3.7 Algumas considerações**

No capítulo metodológico, busquei caracterizar o objeto da pesquisa a partir da aplicação de uma pesquisa de natureza qualitativa, bem como apresentar os procedimentos utilizados na geração de dados empíricos, configurados nas entrevistas-narrativas de adultos de classe menos favorecida economicamente e escolarização tardia. Apresentei o contexto em que moram, contando a história da cidade onde residem e estudam, expliquei a situação do centro de ensino no qual são alunos e apontei, sucintamente, o perfil de cada um dos entrevistados, como atores sociais que são.

A importância deste capítulo está no fato de que todas as informações nele contidas são pertinentes e fundamentais para uma compreensão mais profunda dos discursos dos respondentes e, conseqüentemente, da análise feita sobre eles. Pois, a melhor maneira de compreender um comportamento discursivo, é perceber toda a carga ideológica que o forma e o transforma.

## **CAPÍTULO 4**

### **REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS NUM CONTEXTO DE POBREZA: NA TRILOGIA ANALÍTICA DE IDENTIDADE, FAMÍLIA E LETRAMENTO**

Neste capítulo apresento a análise das entrevistas realizadas com os alunos do Centro de Ensino Fundamental São José, de São Sebastião. A seção 4.1 mostra de que forma a escola influencia no letramento desses alunos. Em seguida, a seção 4.2 apresenta a influência da ideologia religiosa no letramento e na identidade. A seção 4.3 visa apontar de que forma o letramento influencia na construção identitária da família. Já a seção 4.4 mostra a relação do mundo físico com o mundo familiar, apresentando seus contrastes e semelhanças. E, por fim, a seção 4.5 aponta as variáveis sociais e as representações discursivas presentes no discurso dos entrevistados.

#### **4.1 A influência da escola no letramento**

Parece existir, na atualidade, uma acentuada distinção entre os conceitos de letramento social e letramento escolar. É perceptível que os saberes aprendidos dentro e fora da escola são assimilados de maneiras diferentes e devem ser levados em conta quando se pensa em educação e, de modo mais específico, quando se trata de conhecimento de língua, conforme sugere Mollica (2007) desde uma perspectiva sociolinguística.

A diferença entre eventos e práticas escolares, por um lado, e práticas sociais de letramento, por outro, interessa-nos

sobremaneira do ponto de vista lingüístico e sob a perspectiva do usuário. Em estudos anteriores, Mollica (2003) assevera que a escola é, segundo o imaginário coletivo, o meio mais almejado para promover inclusão social, pois, embora o falante seja competente na variedade coloquial, geralmente não se sente conhecedor de sua língua. Nesse sentido, a escola seria vista como o lugar de desenvolvimento lingüístico e profissional, além de oferecer a obtenção de sua inserção na sociedade. Isso revela o grau de importância que se confere à escola, conferindo-lhe o poder de inclusão social, o que pode ser ilustrado nos excertos que apresentamos a seguir.

Os colaboradores da pesquisa, como já foi mencionado no capítulo 3, são integrantes de uma classe social menos favorecida, o que justifica a presença de seus discursos como material empírico, enquanto objeto de análise, vinculado a contextos de pobreza.

Apreciemos o exemplo (1), sobretudo, fala de SENHOR:

(1) *VIVIANE – E a escola, já que você falou que a sua família foi uma escola pra você. A escola mesmo, ter voltado a estudar, ter concluído, estar concluindo agora os estudos, você acha que isso melhora, você... em que medida você acha que a escola melhorou ou não a sua vida?*

*SENHOR – Nossa! E muito, e muito, a escola tem um peso assim muito grande assim, eu acredito que é algo assim fundamental na vida do homem. É... ajuda você, por mais que você, falando assim de uma formação acadêmica, assim hoje o nosso ensino assim não muito... podemos dizer assim que não é assim muito bom, não tem assim um peso muito grande, questão de qualidade. Temos bons professores, mas nós não temos assim uma qualidade muito grande de ensino. Mas a escola ela*

*ajuda você a abrir a sua cabeça, ajuda você a vislumbrar outros horizontes, você consegue enxergar mais longe, você consegue sonhar, você consegue é... é... é... ver coisas que você até então não via, possibilidades, entendeu, você consegue assim ver portas, você consegue ver outros destinos pra sua vida, principalmente pra sua vida profissional, entendeu, financeiramente falando, você consegue enxergar outros horizontes que você não enxergava e também te ajuda muito na questão inclusive da família também, porque te ajuda a deixar de ser um pouco mais preconceituoso, te ajuda a deixar de ser um pouco mais egoísta, ou seja, a escola te ajuda em muita coisa, eu acredito que é algo assim... foi fundamental pra mim, foi muito bom.*

Observa-se, na fala de SENHOR, a importância que ele remete à escola. Na questão profissional, quando afirma “*você consegue ver outros destinos pra sua vida, principalmente pra sua vida profissional, entendeu, financeiramente falando, você consegue enxergar outros horizontes que você não enxergava*” fica explícita a valoração dada à escola quanto à inserção num mercado de trabalho promissor. Mollica (2007:13) afirma que “*a visão de que o estudo é garantia de vida melhor em geral está associada a um comportamento de vida mais civilizado*”. Desse modo, prevalece a idéia de que a educação veiculada na escola e firmada na aprendizagem de ler e escrever, de conhecer mais, é o caminho mais eficaz de se atingir melhor situação na vida.

Quanto ao aprendizado que visa à modificação do comportamento social, acredita-se que por meio da escola é possível se tornar um agente ativo e transformador, já que ela fornece maiores chances de se constituir cidadania, retirando da margem da sociedade. Quando diz “*Mas a escola ela ajuda você a abrir a sua cabeça*” e “*porque te ajuda a deixar de ser um pouco*

*mais preconceituoso*”, SENHOR apresenta o resultado que acredita ter alcançado com a escola enquanto cidadão, enquanto pessoa que cresceu socialmente e consegue enxergar o mundo com maior amplitude.

Essa maneira de pensar pode também ser verificada, de forma semelhante, no discurso de SENHORA, esposa de SENHOR. Vejamos o exemplo (2).

(2) *VIVIANE – Ah! E qual você acha que seja a importância do estudo na... para vocês? Você e seu marido, vocês estão juntos, estudando juntos na mesma série, já estão no ensino médio, qual você acha que seja a importância do estudo pra vocês como família?*

*SENHORA – É muito importante, né. Assim, eu olho assim por esse lado, né. Eles, assim, acho que vai ser incentivo pra eles, entendeu. Eles, puxa! minha mãe já tá com trinta e quatro ano e tá batalhando pra estudar, né. Então eu acho que isso vai sê um incentivo muito grande pra eles, né. E eu também tô tentando realizar um sonho que eu sempre tive, entendeu? Eu quero realizar esse sonho e que Deus me ajudá, com certeza ele vai me ajudá, aí eu vou chegar lá, e é através desse exemplo que eu tô dando pra eles, que eles... para que eles venham crescer também.*

Ao expressar “*E eu também tô tentando realizar um sonho que eu sempre tive, entendeu? Eu quero realizar esse sonho e que Deus me ajudá(...)*” a entrevistada atesta a importância do estudo como um valor, um bem a ser adquirido, uma conquista de realização pessoal. Para essa mulher, ter o diploma de ensino médio é o prêmio de algo que exigiu muito esforço, muita dedicação. Inclusive, ao falar disso, ela utiliza o verbo “batalhar”,



como se verifica no trecho “*batalhando pra estudar*”. O emprego dessa escolha lexical remete ao fato de o acesso à escola, para quem vive em condição de pobreza, ser algo que envolve luta. Em poucas palavras, a luta daqueles que vislumbram sair de um patamar inferior para galgar um nível de vida mais elevado, tanto social quanto economicamente.

Enxergar a escola como uma porta a novas possibilidades, como uma mudança de mundo interior, pode ser averiguado, também, no discurso de outro entrevistado. Vejamos o exemplo (3).

(3) **VIVIANE** – *E você acha que o fato dessa convivência que você tem aqui na escola, o estudo, o fato de estudar, isso também te ajuda a formar sua opinião, a pensar do jeito que você pensa, o estudo te ajuda em alguma coisa?*

**PAI SOLTEIRO** – *Isso tudo, porque a gente fica aprendendo a cada vez mais é... o mundo, as coisas novas que vai aparecendo, vai fazen... a gente torna uma pessoa cada vez melhor, mesmo que cada um seja do seu jeito.*

O excerto em destaque acima é semelhante ao discurso de SENHOR, que aponta a escola como aquela que vai proporcionar uma nova forma de pensar, como aquilo que melhorará a pessoa como indivíduo. Ao expressar “*a gente torna uma pessoa cada vez melhor, mesmo que cada um seja do seu jeito*” ele aproxima sua fala da de SENHOR, que apresenta o estudo como aquilo que combate o preconceito e, em condições propícias, afasta a situação de pobreza material e, obviamente, moral e intelectual.

Observemos outro trecho dessa mesma entrevista, no exemplo (4).

(4) *VIVIANE – Bom, agora eu vou te fazer uma pergunta como professora. É... você lê muito, acho lindo isso em você, acho incrível, pra um jovem de dezenove anos, ler tanto do jeito que você lê. Você acredita que essa leitura que tanto você tem, ela tem te ajudado a ser uma pessoa melhor e tem mudado alguma forma sua maneira de pensar?*

*PAI SOLTEIRO – Tem, que ela faz eu viajar além do mundo real, que é a imaginação, que faz eu esquecer todos os problema que eu tô vivendo agora e mergulhar dentro dela, que vai fazeno eu compreender mais coisa, mais coisa, que... sempre vai abrindo mais caminho pra mim.*

Ressalta-se que PAI SOLTEIRO, no excerto acima, classifica a leitura como algo evasivo, como um escape da realidade e dos problemas do cotidiano. Ele expressa que o letramento modifica o interior do indivíduo, que logra obter informação – mesmo que seja oriunda de um mundo fantástico, imaginário – auxilia de alguma forma, modifica, acrescenta. A conquista dos espaços sociais – nesse caso, a escola – ocupados por grupos de graus de letramento distintos, influi no relacionamento das pessoas em sociedade, oferecendo-lhes interação com formas culturais; no caso do entrevistado, a leitura de ficção lúdica, o prazer de usar a imaginação.

Já no discurso de MÃE SOLTEIRA, no exemplo (5) a seguir, analisamos a visão sobre o estudo mais voltada às mudanças comportamentais. Quando indagada a respeito da escola como veículo de formação de conceito familiar, ela responde:

- (5) **MÃE SOLTEIRA** – *É a base de tudo, né. Se você sem estudo você não é nada, então eu, é que eu tô c’o que trinta e sete anos, tô um pouco atrasada, mas nunca é tarde né, então eu tô voltano meu tempo, e meu sonho é terminá meus estudo, que eu pretendo fazê enfermagem e tô lutando pra isso, pra no futuro, eu num, já que eu não posso ajudá os meus filhos agora mas no futuro pode vir os meus neto e há de precisar de mim, então eu tenho que me prepará pra isso, serve pra mim também no futuro né, vai chegar minha idade, sozinha... porque eu não tenho esperança mais de encontrar marido, aí...*

A entrevistada, conforme ilustra o trecho do exemplo (5), concebe a escola como o lugar que lhe proporcionará a conquista do emprego almejado. Nota-se, em seu discurso, uma questão de conquista. De acordo com Mollica (2007:16), “*a conquista dos espaços sociais, ocupados por grupos de diferentes graus de letramento, em princípio, parece influir no funcionamento dos membros em sociedade, permitindo-lhes atingir graus diferenciados de inserção social(...)*”. Nessa perspectiva, para MÃE SOLTEIRA conseguir um emprego não está somente ligado a uma realização pessoal, mas a uma necessidade de auto-amparo, já que ela, mesmo estando tão somente com trinta e sete anos, afirma que não acredita que se casará novamente. Essa conquista seria, então, uma segurança financeira, por não possuir um provedor – já que é separada. Trata-se, aqui, de um exemplo de família “monoparental”, cuja presença na sociedade remete à necessidade de uma reconceptualização do próprio conceito de família, já que se trata de uma célula básica de uma sociedade, sobretudo em termos de base para as identidades sociais.

Ao afirmar “*já que eu não posso ajudá os meus filhos agora mas no futuro pode vir os meus neto e há de precisar de mim*”, a entrevistada, colaboradora da pesquisa, aponta uma preocupação

que pode ser notada em SENHOR e em SENHORA: a provisão do lar (em termos de calor e proteção) e, ao mesmo tempo, a manutenção material de uma casa. É perceptível que, para os três, a escola, ao oferecer o letramento, oferece, também, a oportunidade de uma vida financeira melhor, uma expectativa de futuro relativamente promissor para si e, conseqüentemente, para a família.

Contudo, de igual modo, percebe-se na fala desses entrevistados que em nenhum momento o letramento é visto como algo fácil. SENHOR chega a dizer que o ensino não tem muita qualidade, apesar de os professores, sim. Além de mostrar a visão do aluno diante do que lhe é transmitido, revela como esse mesmo aluno encara a problemática acadêmica sofrida por essa mesma população carente e que ainda consegue ver a escola como esperança maior de conquistas sociais diversas, de possibilidade de mudança de vida. E não somente isso, o aluno verifica, também, o esforço necessário para se conquistar essa diplomação – primária ou secundária – numa comunidade carente como é a deles, diante de todas as dificuldades que enfrentam, por serem oriundos e viverem em contextos situacionais de pobreza. Cabe, aqui, mencionar que entre os entrevistados, a única que não está em situação de desemprego é SENHORA, uma vez que é dona de casa. No exemplo (2), SENHORA afirma estar “*batalhando*”, enquanto MÃE SOLTEIRA fala que está “*lutando*”. Essas escolhas verbais – conscientes ou não – desnudam a imagem que se faz a respeito desse tipo de conquista: árdua, difícil, sacrificante e, ainda assim, compensadora, ou seja, todos atestam a importância do estudo como um valor, um bem a ser adquirido que, além do mais, constitui garantia de inserção e prestígio social, sobretudo, no caso deles, que vivem a experiência de tentativa árdua para sair da pobreza e lograr alcançar uma vida com mais conforto econômico e social.

Por outro lado, Mollica (2007) aponta a escola como uma das agências de letramento, paralelamente a outros sistemas assentados na experiência de vida, na necessidade da sobrevivência, na

profissão dos indivíduos, na atuação dos cidadãos em suas comunidades particulares ou em âmbito mais geral. É possível identificar, atualmente, que a relação ente escola, letramento, progresso e civilização, tradicionalmente estabelecida, está superada.

#### **4.2 A influência da religiosidade no letramento e na identidade**

Num contexto de pobreza, a relação que existe entre letramento e identidade na construção do significado de “família” é intrínseca. As influências ideológicas e sociais apontam as modificações que certas instituições vêm sofrendo – como a própria família – no âmbito das sociedades modernas. Contudo, os dados empíricos gerados no ambiente escolar de São Sebastião partiram do pressuposto de que o letramento escolar e a ideologia veiculada pela religião influenciam esse conceito, ainda que a pobreza domine aquele espaço social, já que a ideologia religiosa forma um conceito que pode estar distante da realidade social, mas emocionalmente enraizado no indivíduo, por ser este fruto de suas próprias crenças e valores.

Apreciemos o seguinte trecho da entrevista.

- (6) *VIVIANE – De que forma você acha que a sua fé, a sua religião, a religião que a sua família tem, beneficia para que você tenha uma família que, aos seus olhos, seria a família certa? SENHORA – Eu acredito assim, né, porque a bíblia, nós temos assim exemplos, né... Eu posso citar?...Nós temos exemplos dos filhos de Eli, foi um sacerdote na casa de Deus. E Eli, ele não ensinou a verdade para os seus filhos, ele deixou eles correr solto, né. Então ele teve sérios danos. Os filho dele*

*foram rebelde, entendeu? Então eu creio assim, que se você ensinar os seus filho a fé, ensiná pra eles o caminho da verdade, você vai ter bom resultados, entendeu?*

Tanto os discursos quanto os gêneros discursivos variam em estabilidade e escala. Nesse sentido, a ideologia religiosa, tão presente no discurso da entrevistada, revela o poder do discurso do líder religioso sobre ela. A intertextualização com o texto bíblico – a repetição da fala de outros, por exemplo – revela que ela tanto recebeu como transmitirá conceitos; isso é prática social. Vejamos.

(7) **VIVIANE** – *E pensando em pessoas? Pra você, que pessoas compõem uma família? Pra que exista uma família, para que digam assim: “Aquilo ali é uma família”, que pessoas precisam existir nela?*

**SENHORA** – *O homem, primeiramente, e a mulhé, né? Porque primeiro Deus criou o homem e depois a mulhé e ele disse, né: “Uni e serão uma só carne. Ambos serão uma só carne”. Então, pra mim a família é o homem e a mulhé.*

A expressão “*Deus criou o homem(...)*” mostra como o discurso da entrevistada foi moldado por valores adquiridos, confirmado pelas expressões “*Eu acredito*”, “*eu creio*”, “*ensiná pra eles o caminho da verdade*”. Além do mais, o próprio texto bíblico intertextualizado na última fala mostra que, de acordo com Fairclough (2001), as funções ideacional e interpessoal dependem da ocorrência da função textual, pois suas práticas discursivas e sociais puderam ser verificadas com base no texto bíblico citado por ela.

O exemplo seguinte ilustra o reforço da religiosidade e, de certa maneira, de identidade no núcleo familiar.

(8) *VIVIANE* – *Pra você, é... de onde veio esse conceito, isso que você acredita que seja família? Você aprendeu onde, você aprendeu com quem? Me fale um pouco da história da sua vida. Você teve isso em casa? Fale um pouquinho pra mim.*

*SENHORA* – *É... desde os meus pais, né. Eu nasci, quando eu nasci, dentro dum lar católico, né, então já, já quando eu entendi, né, ser humano vi meu pai, minha mãe, né, que até hoje estão juntos depois de trinta e cinco anos de casados, né, então, eles já nos ensinaram assim, né? Depois eu tive um pouco de conhecimento com a bíblia, né, qui é um livro qui é pra todos, sem acepção de pessoas, e aprendi também pela bíblia, pela palavra de Deus, a respeito da família.*

Notamos, logo nas últimas linhas do discurso acima, o reforço a toda a religiosidade que permeia a fala da entrevistada: a bíblia. *SENHORA* assume uma postura discursiva que é fruto do domínio ideológico religioso cristão, formando, assim, sua identidade enquanto pessoa. Num outro momento da entrevista, é possível verificar esse mesmo domínio agindo sobre sua identidade enquanto mãe e esposa, o que se pode apreciar no exemplo (9);

(9) *SENHORA* – *Eu luto pra isso! Porque... assim... assim é o dizer, né? Ninguém é perfeito. Mas eu faço de tudo, invisto nos meus filhos, eu tenho três filhos, né: um de doze, já ta na adolescência, outro ta com dez e a Ana Késia que ta cuuum... vai fazê oito anos... oito anos. E eu tento passa... sabe, assim muito, transmiti muito*

*carinho, muita paz, muito amor. Sempre tô lendo livro cum eles. Livros, sabe, assim, que edificam, que ensina, entendeu? Sempre to falando, né, da palavra de Deus pra eles. E tentando transmitir o melhor para eles. Eu tento, que perfeição só Deus é perfeito.*

**VIVIANE** – *Mas você acredita que a sua família tá perto do padrão que você considera ideal? Você é feliz com a família que tem?*

**SENHORA** – *Sô, mas eu acho que ainda precisa mudá mais. Precisa mudá muito, muito ainda... um pouco.*

**VIVIANE** – *Um pouco ou muito?*

**SENHORA** – *Mais ou menos... (risos) Médio! (risos) Precisa mudá médio.*

**VIVIANE** – *E essas mudanças, para chegarem ao ponto de você ter a família ideal, você acha que dependem de quem?*

**SENHORA** – *Depende muito de mim, que sou mãe.*

**VIVIANE** – *Por que de você?*

**SENHORA** – *Ah porque assim às vezes a gente deixa um pouco a desejar... né. Mas a gente precisa lutar, a gente como mãe... precisa batalhar, porque os filhos eles, eles, assim, tipo assim, a família é o pai, é constituída do pai e a mãe, né. Só que os filhos eles são mais voltados geralmente pra mãe, né. Então, eu, eu sinto assim que eu preciso mudar um pouco. ...às vezes eu sou um pouco nervosa... entendeu, então eu preciso mudar um pouco com meus filhos.*

Ao atribuir a si a responsabilidade de estabilidade familiar, **SENHORA** explicita a influência da religião em sua identidade. “Mãe” e “esposa” são papéis importantes na visão do cristianismo,



contudo, inferiores em relação ao do homem – pai e esposo. Em nenhum momento ela responsabiliza o esposo – SENHOR – quanto à mudança para um melhor convívio familiar, e sim, termina trazendo para si a tarefa – pelo menos ela procura enxergar somente a própria responsabilidade. Quando perguntada a respeito de quem dependeria a chegada da família ao padrão ideal, ela afirma “*Depende muito de mim, que sou mãe.*”. SENHORA assume, em grande parte, o papel imposto pelo cristianismo, que coloca a mulher como provedora e estabilizadora emocional do lar, como o ente destinado a ofertar o conforto sentimental, a felicidade.

A religiosidade, que embasa toda a fala da entrevistada, esclarece sua postura discursiva e justifica sua formação identitária. O próprio vocabulário por ela utilizado é formado pelo letramento adquirido na religião – ou pela leitura da bíblia ou pelas palestras assistidas do líder espiritual.

Por outro lado, o chefe de família, quando interpelado quanto ao fato de sua família estar buscando o modelo ideal, responde:

- (10) **SENHOR** – *Essa é a minha busca. É o que eu vivo buscando. Eu sou casado há catorze anos e, assim, é uma busca assim que eu venho lutando por ela assim durante esse tempo todo, sabe? E consegui, alguns objetivos eu consegui atingir, já consegui alcançar, mas essa questão, principalmente a questão afetiva, que pra mim assim acho que é o primordial, na família, pra que os filhos... até pra que os filhos se espelhem nos pais, pra que quando meus filhos se casarem pra que eles sejam carinhosos, que eles sejam sabe... que eles dêem carinho pra suas esposas, pra que eles saibam buscar uma mulher também que seja carinhosa, que dê amor que tenha isso como base na família, amor e respeito, então, ou seja, é isso que eu venho buscando então, ou*

*seja, é um algo assim que ainda eu acredito que ainda não consegui atingir, mas é uma luta constante.*

Como o fez SENHORA, SENHOR traz para si a responsabilidade de construção de uma família segundo o padrão que ele considera ser o ideal. Calcado, possivelmente, na imposição social de provedor do lar, o entrevistado assume o papel daquele que precisa ser o exemplo que os filhos seguirão, inclusive na escolha de um cônjuge. E, por mais que seja da mesma religião da esposa, SENHOR traz um discurso visivelmente menos religioso que o dela, inferindo que sobre ele as cobranças sociais pesem bem mais que as espirituais. Tanto, que o discurso dele se assemelha ao de PAI SOLTEIRO, que já não é participante efetivo da ideologia religiosa.

(11) **VIVIANE** – *Você tem alguma fé? Você tem alguma religião?*

**PAI SOLTEIRO** – *Sou católico, só que num vou muito à igreja.*

No discurso de PAI SOLTEIRO, observa-se que seu conceito de “família” não está firmado numa base religiosa. Como ele mesmo afirma, no exemplo (12), a seguir, seu conceito é fruto da influência identitária da própria família a qual faz parte.

(12) **VIVIANE** – *O que você acredita como família, esse sentimento que você falou pra mim que acredita que uma família tem que ter, você aprendeu onde? Você aprendeu com sua própria família ou você aprendeu na igreja, ou você aprendeu na escola, onde você aprendeu?*

**PAI SOLTEIRO** – *Minha própria família, que lá a gente sempre foi criado pra respeitar, aprender a conviver com as pessoas e sempre ser melhor, num precisar... é... ficar maltratando as pessoas, sempre fazer o bem e... praticar sempre o bem.*

Observemos, agora, o exemplo (13), que é um excerto do discurso de MOÇA.

(13) **VIVIANE** – *Você tem religião? Se tem, qual é?*

**MOÇA** – *Tenho, católica, meus pais sempre foram católica, cresci, né, na igreja católica, fui batizada, fiz primeira comunhão, fiz crisma, é... acompanho o grupo de jovem, né, agora eu tô meio afastada esses dias, porque tô trabalhando bastante, estudando, mas também já cantei um bom tempo no coral da igreja e, assim, gosto muito.*

**VIVIANE** – *E isso que você imagina, que você pensa, ser família, que os seus pais transmitiram a você. Você acredita que eles aprenderam na igreja, que tem influência da fé que vocês têm?*

**MOÇA** – *Ah eu acho que sim, ajuda muito, porque ali eles, né, eles ensina a gente de uma certa forma respeitar, que eu acho que o mundo tá tão assim, às vezes, violento hoje em dia, porque o ser humano não respeita o outro, né, a gente vê as coisa e qué passar por cima e num é assim, acho que tudo tem limite até um certo ponto. Então a religião ela ajuda a gente a refletir. Se eu sou assim, se eu quero ser respeitada, alguém que está do meu lado também quer, né. Então eu acho que a religião é importante pra nossa vida por isso, ela ajuda de uma certa forma, a gente aprender a*

*viver com aquilo que a gente pensa que pode passar por cima e na realidade num pode. Ela dá essa força pra gente.*

Pelo exemplo (13), verifica-se que MOÇA atribui à religião a orientação para o que seria a forma correta de respeito ao outro e, conseqüentemente, a ausência da religião tiraria isso, restando o que ela afirma: “*o mundo tá tão assim, às vezes, violento hoje em dia, porque o ser humano não respeita o outro*”. Nota-se que, em MOÇA, a ideologia a respeito do poder da religião na sociedade – como, por exemplo, diminuir ou extirpar a violência – é resultado das idéias, valores e aspirações que constrói, como sugeriu Marcondes Filho (1997).

Verifica-se que a entrevistada valida a religião como aquilo que, de uma certa forma, acaba freando os impulsos humanos que levariam ao que seria incorreto, aos olhos dos seguidores dessa crença. Para Marcondes (op. cit.), o ser humano necessita conhecer as ideologias que embasam sua forma de pensar, para que escolha àquela que mais se identifica com seus anseios. Tanto MOÇA quanto SENHORA mostram que respeitam e seguem a religião que professam e, ainda segundo este pesquisador, a prática é a verdadeira reveladora ideológica, não o discurso por si só.

Vejamos, agora, os exemplos (14) e (15).

(14) **VIVIANE** – *Entendo, pelo fato de você não sê casada, você acredita que você constitui uma família, junto com as pessoas com quem você vive?*

**MÃE SOLTEIRA** – *Não, completa não. Não é completa, o que falta é a presença do pai. O importante que falta.*

(15) **VIVIANE** – *Nós vemos muito por aí, é... pais, maridos que foram abandonados ou que perderam a esposa, ou então esposas que perderam seus maridos, muitas vezes por abandono. Você acredita que, por exemplo, vamos pegar um exemplo, uma mulher, uma mulher que vive sozinha ou então mãe solteira mesmo, nunca chegou nem a se casar, e que tem filhos. Você olha pra essa mulher, pra esses filhos, você olha pra eles como sendo uma família?*

**RAPAZ** – *Mais ou menos, por parte sim, por parte não.*

**VIVIANE** – *Por quê?*

**RAPAZ** – *Porque, primeiro, eu acho que a mulher, ela devia tê pensado, né, que eu sei que na hora (risos) não acaba nem pensando, né, mas eu acho que isso num é certo, pelo fato do menino tá lá né, só que a gente sente mal, porque a gente talvez... às vezes, a gente não pode ajudar, né, a gente não tem nada, a gente é pobre. Eu, eu sou pobre, né... e não poder ajudá, mas eu vê assim é uma família também, né. Agora, o fato du... se num fosse, se fosse, por exemplo, um cara largado, malandro, tal... eu, eu acho que não (risos), mas essas pessoa que sofre, que a gente vê na cara deles que são pessoas que precisam, né, pessoas carente, eu vejo como uma família também.*

A ideologia é um sistema de crenças simbólicas relacionadas ao poder (Thompson, 1995). Ao afirmar que não constitui, junto com os pais e os filhos, uma família completa, simplesmente porque não possui marido, a entrevistada reflete o discurso oriundo da religião, que apregoa a necessidade de se ter um casal para a constituição de um lar, refletindo o poder exercido sobre ela. Verifica-se no exemplo (15) o mesmo resultado ideológico, pois

RAPAZ diz ver “*Mais ou menos, por parte sim, por parte não*” uma família constituída por uma mulher sem marido.

Confirmemos isso com um excerto do discurso de SENHORA, seguidora da mesma crença religiosa de MÃE SOLTEIRA e de RAPAZ.

(16) *VIVIANE – Olhando pra hoje, pra o que você tem visto hoje, você acha que o conceito de família tem mudado ou ele continua sendo isso em que você acredita?*

*SENHORA – Tem mudado... é... as pessoas tentam mudá, né? É...tipo assim, né, que coloca, né... Assim, vô fala da maneira mais simples, né... É, digamos assim, homem com homem, né? Às vezes casá mulhé cum mulhé eu não concordo, porque o casal, ele desde... da... desde quando nasceu, né, o ser humano, já foi assim, né, o homem e a mulhé. Deus destinou o homem e a mulhé. Então, se... se alguma coisa vinhé depois disso é contraditório, eu não concordo, assim.*

Ao afirmar “*Deus destinou o homem e a mulhé*”, SENHORA revela o discurso imposto pela religião, que afirma ser o casal heterossexual a base da constituição familiar, inferindo disformidade no núcleo que não a possui. A entrevistada, então, reflete a ideologia religiosa em sua formação como indivíduo social, por serem suas palavras resultado dessa influência e uma mera repetição da crença que lhe foi passada. Essa alegação explica a crença religiosa repetida por MÃE SOLTEIRA, no exemplo (14) e por RAPAZ, no exemplo (15), ao acreditarem que uma mulher não casada não faça parte de uma família completa pela ausência do marido.

No exemplo (16), também, nota-se a presença da função ideacional (Halliday, 1991) no uso das palavras “*casal*”, “*destinou*” e “*contraditório*”, por exemplo, por serem essas palavras frutos da

realidade vivida pela pessoa, da influência do letramento em sua vida – tanto da religião quanto da. Na expressão “*eu não concordo*”, utilizada duas vezes pela entrevistada, nota-se a recorrência da função identitária, pois ela possui idéias formadas, às quais defende, frutos da sua interação social e das influências diversas em sua vida – nesse caso, a religião.

### **4.3 A influência do letramento na construção identitária familiar**

A Gramática Sistêmico-Funcional, proposta por Halliday possibilita a análise da língua considerando as funções que ela tem na cultura, na relação entre os indivíduos, no uso que fazem dela para realizar algo, já que o sistema semiótico tem o signo como a noção central. SENHORA, por exemplo, é uma mulher com escolarização e tem como motivação precípua para os estudos ensinar os filhos. Assim, fica mais evidente seu papel funcional de dona de casa, responsável pelo bom andamento da educação das crianças. Para a entrevistada, a escolarização significa saber melhor cumprir seu papel social: mãe e esposa.

(17) *VIVIANE – Ah! E qual você acha que seja a importância do estudo na... para vocês? Você e seu marido, vocês estão juntos, estudando juntos na mesma série, já estão no ensino médio, qual você acha que seja a importância do estudo pra vocês como família?*

*SENHORA – É muito importante, né. Assim, eu olho assim por esse lado, né. Eles, assim, acho que vai ser incentivo pra eles, entendeu. Eles, puxa! minha mãe já tá com trinta e quatro ano e tá batalhando pra estudar, né. Então eu acho que isso vai sê um incentivo muito*

*grande pra eles, né. E eu também tô tentando realizar um sonho que eu sempre tive, entendeu? Eu quero realizar esse sonho e que Deus me ajudá, com certeza ele vai me ajudá, aí eu vou chegar lá, e é através desse exemplo que eu tô dando pra eles, que eles... para que eles venham crescer também.*

**VIVIANE** – *Então você acredita que o estudo ele fortalece sua família? Ele ajuda sua família? Me explica isso.*

**SENHORA** – *Sim, sabe por que, porque a..., tipo assim, vou falar assim duma manêra beeem... bem simples, tipo assim, às vezes eles chegam em casa né, com uma tarefa né, “mamãe me insina”. Aí eu, tanto tempo sem estudar, eu tava há dezoito anos. Isso foi o que mais me fez mais voltá pra estudar, entendeu? Porque “mamãe me ensina esse exercício?” e eu, ah, eu nem lembro mais, não sabia mais, aí aquilo me entristecia. Falei não! Vou voltar a estudar pra mim relembra tudo aquilo que eu não entendi pra eu poder passar pra eles, mim ajudá eles, tá entendendo? Pra isso.*

Seu marido, SENHOR, por exemplo, cursa a mesma série – inclusive na mesma turma –, mas com a intenção de melhorar o rendimento financeiro no emprego. Contudo, ele também ressalta o valor do letramento enquanto chefe da casa e, conseqüentemente, aquele que precisa ser visto como modelo acadêmico e referência para os membros da família. Vejamos isso no exemplo (18).

(18) **VIVIANE** – *Entendo. Pra você, como pai de família, é importante estar concluindo os estudos agora?*

**SENHOR** – *Demais, assim eu vejo assim até meus filhos assim, quando eles olham pra mim, eles olham e sentem*



*aquele orgulho sabe. Nossa, meu garoto mais velho olha pra mim, nossa, quando eu cheguei em casa que eu disse que tinha passado, ele disse: “Nossa! Meu pai agora terminou o segundo grau”, “meu pai concluiu e tal...”. Aí ele vem todo empolgado, aí já qué que eu ajude ele. Ixi! E tem coisas que eu nem consigo assim eu falo “meu filho...” eu fico assim meio perdido, eu não posso eu não consigo te ajudar ainda nisso daí ainda. Tá entendendo? “Ah, papai, mas você terminou! Você concluiu o ensino médio... e tal”, fica todo orgulhoso e tal, e assim a gente tenta ajudar na medida do possível e eles sentem até mais seguros, mais seguros, mais motivados, eu gosto muito de usá isso pra motivá eles porque vão ter que estudar muito, assim já depois de uma idade mais madura e tal, então eu consigo... usá isso em benefício assim da educação deles, e meus filhos melhoraram depois que eu concluí meus estudos meus filhos melhoraram na escola, eu consigo assim passá isso pra eles, olha “papai trabalha, papai rala, papai não tem tempo, papai estuda, e eu consegui passá, então eu não aceito vocês ficá aí de recuperação e tal choramingando não, vocês tem qui... tem qui lutá, papai trabalha muito e conseguiu, vocês só estuda, então tem qui... isso melhorou muito, ajuda muito, estimula. Foi muito bom.*

O excerto acima mostra que SENHOR acredita ter a responsabilidade de ser modelo para os filhos – na dedicação, no esforço, nas notas escolares. Ao cumprir tantas tarefas e, ainda assim, ser bom aluno, ele procura ensinar aos filhos que não há desculpas para ficar de recuperação, diante do que eles vêem o pai fazer. Infere-se que antes, por não ter estudos, ele não teria a mesma autoridade que agora tem, como aluno esforçado que o é.

Em tempos anteriores, o chefe de família trazia sobre si a responsabilidade de prover o lar financeiramente e, nisso, basicamente nisso, servir de exemplo para seus filhos. Contudo, verifica-se que a sociedade moderna tem inovado e acrescentado valores que têm mudado o sujeito social, fragmentando-o e impondo-lhe várias identidades (Hall, 2006:12). SENHOR é um exemplo desse resultado social moderno: além de provedor econômico do lar, tem, entre outros, de ser o modelo acadêmico, a fim de impor a autoridade socialmente constituída.

#### **4.4 Relação do mundo físico com o mundo emocional**

Conforme observa Hall (2006), o sujeito moderno, hoje constituído de várias identidades, termina por ser resultado de inúmeras questões não resolvidas, já que as questões sociais internas estão em colapso com as externas, frutos de mudanças estruturais e institucionais.

As identidades culturais acabam, assim, modificando o processo de identificação, nessa sociedade moderna em que o ator social encontra-se inserido e é constantemente influenciado.

Observemos o exemplo (19), a seguir.

(19) *VIVIANE – (...)É... o mundo tem se transformado, né? E nós temos visto alguns casamentos de homens com homens, casamentos entenda né, ainda não tá legalizado, mas homens se unindo com homens, mulheres se unindo com mulheres, inclusive até tendo crianças. Pra você, na sua opinião, isso constitui família?*

*SENHOR – Olha, partindo pra um princípio cristão, na minha opinião, não. Agora, ou seja, essa é a minha*

*opinião própria, é o meu conceito próprio. Porque baseado, baseado, assim, nos ensinamentos cristãos uma família ela foi uma instituição divina, criada por Deus, entre um homem e uma mulher, entre, ou seja, duas pessoas do sexo oposto, que foi assim, aí eu creio assim que foi instituído por Deus assim. Então, eu não creio que um homem com outro homem, não assim, não é preconceito meu, mas, não é preconceito com relação à opção sexual, mas eu creio que um homem com outro homem, ele jamais vai poder dizer que constituiu uma família, esse é o meu conceito, nem uma mulher com uma mulher, não é uma questão preconceituosa minha, ou seja, que a opção sexual é uma coisa assim que a gente é... por mais que a gente não aceita, mas a gente tem o dever, a obrigação de respeitar, esse é o dever como cidadão de respeitar, ou seja, não é preconceito, mas é... nessa questão, questão de família, eu não creio que um homem com outro homem ou uma mulher ou outra mulher, entendeu, constitua uma família.*

Verifica-se, no exemplo (19), a oposição existente entre aquilo que SENHOR acredita e o que ele presencia na sociedade, trazendo, assim, a formação resultante de seu discurso: “*por mais que a gente não aceita, mas a gente tem o dever, a obrigação de respeitar, esse é o dever como cidadão de respeitar*”. Essa situação da paisagem social contrapondo-se à situação interior do indivíduo revela o que passa o sujeito pós-moderno, que não possui mais uma “identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2006:12), inferindo-se uma identidade que é transformada continuamente. Pode ser que o entrevistado, por se encontrar subordinado a uma crença religiosa, procure ser constante a certos conceitos, por mais que a mutação social seja crescente. Contudo, chegará um determinado momento, em que suas concepções precisarão, de alguma forma, acompanhar a situação exterior, para que ele não se veja como alguém preconceituoso ou retrógrado.

Apesar de pertencer à mesma religião de SENHOR, verifica-se em RAPAZ uma certa afirmação mais contundente em relação a suas posições interiores, mesmo sendo essas divergentes das que se apresentam na sociedade atual. Vejamos o excerto do exemplo (20).

(20) **VIVIANE** – *É... as famílias que nós estamos vendo que tem se formado na sociedade atual, como, por exemplo, de casais de homens, casais de mulheres, né, dos homossexuais. Pra você, isso constitui uma família?*

**RAPAZ** – *Não.*

**VIVIANE** – *E porque não?*

**RAPAZ** – *Porque... é.. são dois do mesmo... (risos)*

**VIVIANE** – *do mesmo sexo?*

**RAPAZ** – *mesmo sexo (risos)... e aí eu acho que num dá muito, num dá muito bem não. Eu acho que isso aí não, não é muito certo não.*

**VIVIANE** – *Por quê?*

**RAPAZ** – *Porque eu acho que isso é nojento (risos)... né. Acho que isso é nojento, eu acho que, pelo fato de eu ser evangélico, né, eu num sei qual é o pensamento das pessoa né. Deus, ele fez o homem pá mulhé e a mulhé pro homem, né. E... eu acho que esse negócio de homem casá com homem, isso aí eu acho que num entra na minha cabeça, num dá certo, entendeu (risos)... Nem mulher com mulher, entendeu, eu acho que num sei daonde é que surgiu o sentimento de um homem por outro, né. Isso num é muito certo não viu (risos)... eu não sei explicá muito bem não, mas num acho certo não.*

O sujeito é constantemente confrontado por uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, com as quais ele pode ou não se sintonizar (Hall, 2006). Nota-se que RPAZ, por mais que veja as transformações sociais ocorridas, permanece contundente em sua posição formada por conceitos religiosos, por mais que afirme “*eu não sei explicá muito bem não, mas num acho certo não*”. Sua relação de submissão à crença religiosa mostra-se fortemente impositiva em seus conceitos de mundo, intensificando sua posição interior, por mais que a situação exterior se oponha. Para Hall, “*a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia*” (2006, 13). No caso de RPAZ, essa “fantasia” torna-se sua base, sua bandeira, enfim, sua realidade.

#### **4.5 Variáveis sociais e representações discursivas**

Busquei fazer uma análise lingüístico-discursiva utilizando as categorias da gramática sistêmico-funcional e tendo por base a linguagem como forma de prática social, com o objetivo de mostrar o desempenho da língua nas três metafunções: a função ideacional, a função interpessoal e a função textual (Halliday, 1991).

Analisemos, então, um trecho da fala de um dos entrevistados. Começemos por SENHORA, nossa informante casada.

(21) *VIVIANE – Olhando pra hoje, pra o que você tem visto hoje, você acha que o conceito de família tem mudado ou ele continua sendo isso em que você acredita?*

*SENHORA – Tem mudado... é... as pessoas tentam mudá, né? É...tipo assim, né, qué coloca, né... Assim, vô fala da maneira mais simples, né... É, digamos assim, homem com homem, né? Às vezes casá mulhé cum mulhé eu não concordo,*

*porque o casal, ele desde... da... desde quando nasceu, né, o ser humano, já foi assim, né, o homem e a mulhé. Deus destinou o homem e a mulhé. Então, se... se alguma coisa vinhé depois disso é contraditório, eu não concordo, assim.*

No trecho lido, é possível se notar a presença da função ideacional no uso das palavras “casal”, “destinou” e “contraditório”, por exemplo, por serem essas palavras frutos da realidade vivida pela pessoa, quer seja na influência do letramento em sua vida – tanto da religião quanto da escola –, quer seja no convívio familiar. Ao falar “Deus destinou o homem e a mulhé. Então, se... se alguma coisa vinhé depois disso é contraditório, eu não concordo” a entrevistada reflete a ideologia religiosa em sua formação como indivíduo social, por serem suas palavras resultado dessa influência e uma mera repetição da crença que lhe foi passada.

Na expressão “eu não concordo”, utilizada duas vezes pela entrevistada, nota-se a recorrência da função identitária, pois ela possui idéias formadas, às quais defende, frutos da sua interação social e das influências diversas em sua vida.

O próximo trecho traz mais marcas das funções:

(22) **VIVIANE** – *E o que você me diz, por exemplo, de uma mulher que é mãe solteira: ou porque foi abandonada pelo marido ou porque, solteira, ela engravidou e tem que criar a criança? Você acha que isso constitui uma família?*

**SENHORA** – *Sim, né, desde que a gente não pode fazer acepção de pessoas, né, também discriminá essas pessoa, né, porque isso aconteceu cum ela e nem por isso a gente vai discriminá, né? E... a minha opinião é essa, né, qui si ela... si ela ficô soltêra ou abandonada qui ela venha a arrumá alguém qui ame di verdadi, entendeu, para qui ela venha constituí um lar novamente, para qui venha sê feliz.*

A função ideacional se realiza no sistema da transitividade, especificando os papéis dos elementos, denominados participantes, na oração e codificando a representação do mundo, no caso da entrevistada, com base na religião. Mostra-se, também, quando a entrevistada seleciona, em seu discurso, palavras como “*acepção*”, “*discriminá*”, “*arrumá*”, “*lar*” e “*constituir*”, revelando que sua fala é fruto das influências sociais diversas. Curioso, também, foi notar que ela utilizou “*lar*” como representação do significado de família.

A função interpessoal se realiza no sistema do modo ou modalidade, e especifica funções como *sujeito*, *predicador* e o papel que têm na fala, codificando a relação de troca entre falantes; na entrevista acima, isso pode ser visto na tentativa da entrevistada de fazer um discurso que agrada ao entrevistador e em trechos que revelem sua identidade, como “*a gente não pode fazer acepção de pessoas*” e “*a minha opinião é essa*”.

Segundo Fairclough (2003), ações e identidades são representadas em discursos, que se concretizam em gêneros e se transformam em estilos, rompendo, assim, os limites entre a Lingüística e as Ciências Sociais.

Assim, é no processo de contextualização que a língua é uma atividade estruturante mais do que estruturada, e que o lugar da gramática é o de condução regrada e categoricamente justificada de ações discursivas. Discurso, cognição e gramática são, enfim, três aspectos ligados na atividade discursiva (Marcuschi, 2005). É interessante notar que a ADC trabalhará nas brechas das relações de dominação, já que isso sim é digno de análise, pois as relações em si estão mais claras ao senso comum. Ao analista do discurso cabe mostrar o que não está óbvio e especular o que está encoberto, disfarçado, trazendo-o à luz. É por isso que o lingüista tem um importante papel social, cumprindo sua função de cientista social (Resende & Ramalho, 2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados no contexto desta pesquisa permitem afirmar que o conceito de família na atualidade, apesar das modificações no decorrer do contexto histórico-social, ainda são influenciados por ideologias conservadoras, oriundas de contexto religioso, por um lado, e escolar, por outro. Tais ideologias se manifestam em decorrência de situação social, econômica, acadêmica e religiosa, preservando bases que, algumas vezes, mostram-se ultrapassadas e ainda distantes da realidade visível.

Em pesquisa recente, Fontenele (2007:155) conclui que “*embora uma tradição secular não perca a força identitária tão facilmente, a tríade pai, mãe e filhos tende a se enfraquecer nos tempos modernos*”, reafirmando as palavras de Hall (2006:7), que argumenta o seguinte: “*as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado*”. Não obstante, os resultados alcançados ao longo do presente estudo mostram que a família (uma identidade secular) ainda é a célula que garante a manutenção de valores. O estudo, aqui, levado a cabo sugere que, em contexto de pobreza, a família é, ainda, o que garante identidade do sujeito na sociedade, servindo-lhe de referência para a manutenção de crenças e conceitos.

Os dados básicos de análise foram colhidos entre adultos em situação de escolaridade tardia. O passaporte teórico principal foi a Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 2001, 2003), complementada por aportes teóricos da Lingüística Sistemico-Funcional na vertente hallidaiana. O diálogo entre essas duas propostas teóricas, além de outros estudos, tais como Thompson (1985) e van Leeuwen (1997) entre outros, permitiu-me descrever e interpretar valores da unidade familiar em classes menos favorecidas, que são influenciadas por uma



ideologia religiosa. Ao lado disso, busquei analisar questões de letramento que me apontaram caminhos para discutir concepções pertinentes à ideologia e identidade.

Três procedimentos metodológicos guiaram meus passos na geração dos dados analisados: a observação participante, as entrevistas e a pesquisa documental. Trata-se de três modos e meios que me permitiram imprimir cientificidade e validade ao estudo ora apresentado.

*“Depois eu tive um pouco de conhecimento com a Bíblia, né, qui é um livro qui é pra todos, sem acepção de pessoas, e aprendi também pela Bíblia, pela palavra de Deus, a respeito da família.”*  
(SENHORA)

Entre os resultados alcançados, pôde-se identificar que o contexto religioso constitui um pilar que se destaca na sustentabilidade da concepção de família, pelo menos por parte dos entrevistados, que vivem em situação de pobreza relativa. Isso faz uma diferença se levarmos em consideração que o esperado era encontrar a influência forte do letramento na vida dos pesquisados (adultos em situação de escolaridade tardia), sobretudo, se evocarmos as palavras de Romaine (1984), para quem o indivíduo desenvolve suas habilidades e, a meu ver, por extensão, sua dimensão cognitiva, em termos de valores e crenças, no contexto (situacional e cultural) de riquezas a que tem acesso.

*“(...) porque eu acho que a sociedade hoje ela ela oferece vários caminho pra gente, então quando se tem um pai, uma mãe do seu lado, por mais que você às vezes opite pro lado errado, mas você tem uma mãe e um pai pra te apoiar, né, porque com certeza, se você tem essa base, é uma coi..., é a importância de tudo, não vai te deixar te afundar, por mais o momento que seja difícil, mas você*

*sempre vai ter ali o pai e a mãe, que por mais que o filho seja errado, eles tão ali pra te ajudar e te defender de tudo” (MOÇA)*

Os dados analisados confirmam, também, que valores ideológicos, sobretudo, com relação a contexto de família, apontam para instâncias que não se encontram sedimentadas nas pessoas em particular, mas no meio social em que vivem. Isso nos leva a retomar reflexões apresentadas na seção (2.2.3) sobre ideologia. Em poucas palavras, quando defendemos uma idéia, uma aspiração, uma vontade ou um desejo, normalmente não temos consciência de que isso ocorre dentro de um esquema maior – repetimos conceitos que já existiam anteriormente. Assim é que cada entrevistado deixou claro, à sua maneira, que a base da sua identidade reforçada ou mediada por situações de letramento continua sendo a família, célula *mater* que se mantém ainda que exista a fragmentação do sujeito (Hall, 2006) em seus papéis sociais na modernidade tardia (Thompson, 1985).

*“Porque... isso é a base do amô, sabe, assim, eu dedico tanto a... ao meu pai, aos meus filhos, que eu acho que eu não conseguiria viver longe deles, jamais. Pra mim é tudo, eu acho que jamais eu vou ficar longe dos meus filhos.” (MÃE SOLTEIRA)*

Enfim, os resultados alcançados neste estudo significam uma contribuição para apoiar trabalhos futuros que, na tríade temática “identidade, família e letramento”, possam aprofundar pesquisas que levem em conta contextos sociais de pobreza, ou mesmo outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. 5 ed. Petrópolis, Rj : Vozes, 2002.
- BEAUGRANDE, Robert de & DRESSLER, Wolfgang. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Volume II. 3 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A tradução, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CHONG, Kate M. In: McLaughlin, M. & E. *Portfolios in Teacher Education*. Newark. De: International Reading Association, 1996.
- CUNHA, M. A. F. & SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DIJK, Teun ADrianus van. *Discurso, notícia e ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso*. São Paulo: Campo das Letras, 2005.
- DOMINGUES, J. L. *O cotidiano da escola de 1º grau: o sonho e a realidade*. Goiânia: Educ, 1988.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Leandro Konder. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. NeW York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FONTENELE, Eliane C. C. B. V. *Processos de mudanças discursivas: do contexto social ao eixo familiar*. Dissertação de Mestrado. Inédita. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1988.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer & Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. 5 ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. São Paulo: Vozes, 1987.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, Ruqaya. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Londres: Oxford University Press, 1991.
- HOPPER, P. Emergent grammar. *Berkeley Linguistic Society*, 13, 1987.
- KATO, Mary. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1986.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Texte et context. Scola-Sciences cognitives. Linguistique & Intelligence Artificielle*. 6(1996):39-60.
- KLEIMAN, Angela B. Org. *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- LOPES, Iveuta de Abreu. *Cenas de letramentos sociais*. Recife, 2006.

- LYONS, John. Org. *Novos horizontes em Lingüística*. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.
- MARCONDES, Ciro F. *Ideologia*. 9ª ed. São Paulo: Global, 1997.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Discurso, cognição e gramática nos processos de textualização In: Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras*. Org: Denize Elena da Silva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.
- MINUCHIN, S. *Terapia estrutural da família. In: S. Minuchin, Famílias: funcionamento e tratamento*. Trad. J. A. Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Fala, letramento e inclusão social*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MOREIRA, W. W. Org. *Qualidade de vida: Complexidade e educação*. São Paulo: Papirus, 2001.
- POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PROJETO DE LEI Nº 1.151, 1995.
- RESENDE & RAMALHO. Teoria social do Discurso: uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso In: *Resende & Ramalho, revista da ALED*, vol 5
- ROMAINE, Suzzane. *The language of children and adolescents*. New York: Basil Blackwell, 1984.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to discourse*. New York: Blackwell, 1994.

- SENNA, Luiz Antonio Gomes Senna. O conceito de letramento e a teoria da gramática: uma vinculação necessária para o diálogo entre as ciências da linguagem e a educação In *Revista Delta*, vol 23. São Paulo: Editora PUC, 2007.
- SILVA, Denize Elena Garcia da. *A oralidade no discurso narrativo escrito de adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Inédita. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.
- SILVA, Denize Elena Garcia da. Identidades enfraquecidas *versus* cidadania cultural In: Sébastian Joachim (Org.). *Diversidade cultural, linguagem e identidade*, vol. I. Recife: Elógica, 2002 p. 51-68
- SILVA, Denize Elena Garcia da. Discurso e gramática: motivações e cognitivas e interacionais In: *Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras*. Org: Denize Elena da Silva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.
- SILVA, Denize Elena Garcia da e RAMALHO, Viviane. Análise de discurso crítica: representações sociais na mídia In: *Análises do discurso hoje* vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008 p. 265-293.
- SILVA, Edna Cristina Muniz da. *Gêneros e práticas de letramento do ensino fundamental*. Tese de Doutorado. Inédita. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- SOARES, A. P. *Transição para o Ensino Superior: Construção e validação de um modelo multidimensional de ajustamento de jovens ao contexto universitário*. Dissertação de Doutorado. Braga, Portugal: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, 2003.

STANHOPE, Márcia & LANCASTER, Jeanette. *Enfermagem Comunitária: promoção da saúde de grupos, famílias e indivíduos*. 1.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: Lusociência, 1999.

STREET, Brian V. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian V. Introdução: the new literacy studies. In: B. Street, ed., *Cross-cultural Approaches to Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

THOMPSON, J. B. *Studies in the theory of ideology*. Cambridge: Polity Press, 1984.

THOMPSON, J. B. *Ideology and modern culture*. Cambridge: Polity Press, 1990.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, R. J: Vozes, 1995.

TOMAZI, Nelson D. *Iniciação à sociologia*. São Paulo, Atual, 1993.

<http://www.saosebastiao.df.gov.br> (acesso feito no dia 17/11/2008).

# ANEXOS



## ANEXOS 1

### ENTREVISTAS

#### ENTREVISTA 1 – SENHORA

*VIVIANE – É, então hoje eu estou aqui com a (...). Aí, eu queria primeiro, Conceição, que você falasse seu nome completo pra mim.*

*SENHORA – Meu nome é (...).*

*VIVIANE – E quantos anos você tem?*

*SENHORA – Trinta e quatro.*

*VIVIANE – E é casada há quantos anos?*

*SENHORA – Onze anos... não! Treze anos.*

*VIVIANE – Treze anos casada. E você tem filhos?*

*SENHORA – Tenho.*

*VIVIANE – Quantos?*

*SENHORA – Três filhos.*

*VIVIANE – Pra você, hoje, o que que é família? Qual o conceito de família pra você?*

*SENHORA – Família pra mim é a base de tudo. É, se não existisse família não teríamos uma sociedade hoje, né? Então, pra mim, família é a base, é a estrutura.*

*VIVIANE – E pra você o que que forma uma família? Quais são os componentes de uma família?*

*SENHORA – O amor, compreensão... é... deixa eu ver o que mais?... É, em primeiro lugar o amor, né? Pra constituir uma família tem que ter amor porque sem amor não tem como, né? E depois vem as outras coisas, né? Compreensão, paciência... Pra mim é isso.*

**VIVIANE** – *E pensando em pessoas? Pra você, que pessoas compõem uma família? Pra que exista uma família, para que digam assim: “Aquilo ali é uma família”, que pessoas precisam existir nela?*

**SENHORA** – *O homem, primeiramente, e a mulhé, né? Porque primeiro Deus criou o homem e depois a mulhé e ele disse, né: “Uni e serão uma só carne. Ambos serão uma só carne”. Então, pra mim, a família é o homem e a mulhé.*

**VIVIANE** – *Olhando pra hoje, pra o que você tem visto hoje, você acha que o conceito de família tem mudado ou ele continua sendo isso que você acredita?*

**SENHORA** – *Tem mudado... é... as pessoas tentam mudá, né? É...tipo assim, né, que coloca, né... Assim, vô fala da maneira mais simples, né... É, digamos assim, homem com homem, né? Às vezes casá mulhé cum mulhé eu não concordo, porque o casal, ele desde... da... desde quando nasceu, né, o ser humano, já foi assim, né, o homem e a mulhé. Deus destinou o homem e a mulhé. Então, se... se alguma coisa vinhé depois disso é contraditório, eu não concordo, assim.*

**VIVIANE** – *Mas mesmo não concordando, você tem visto isso acontecer? Você presencia isso ou o que você mais nota é isso que acredita ser uma família: homem, mulher e filhos?*

**SENHORA** – *É, eu acredito assim, mas, eu convivo tamém, né, cum... tem um amigo meu, inclusive, que ele é, né... é... Como é que fala?... Homossexual, né... E a gente sempre tá conversando cum ele a respeito disso qui... Eu num concordo, né, na minha opinião. Eu sei qui muitas pessoas têm aprovado isso aí, mas na minha opinião eu não concordo, né.*

**VIVIANE** – *E o que você me diz, por exemplo, de uma mulher que é mãe solteira: ou porque foi abandonada pelo marido ou porque, solteira, ela engravidou e tem que criar a criança? Você acha que isso constitui uma família?*

**SENHORA** – *Sim, né, desde que a gente não pode fazer acepção de pessoas, né, também discriminá essas pessoa, né, porque isso aconteceu cum ela e nem por isso a gente vai discriminá, né? E... a minha opinião é essa, né, qui si ela... si ela ficô soltera ou abandonada qui ela venha a arruma alguém qui ame di verdadi, entendeu, para que ela venha constituí um lar novamente, para que venha sê feliz.*

**VIVIANE** – Entendi. Então, assim, pra você, hoje, a pessoa só consegue ser plenamente feliz se ela tiver numa família? Ou não, me explica isso.

**SENHORA** – Não, tem pessoas, né, que.. assim... às vezes é feliz, né, mesmo que não tenha um marido, num tenha um lar, que seja só. Tem pessoas que consegue sê feliz sozinho.

**VIVIANE** – Conceição, pra você, é... de onde veio esse conceito, isso que você acredita que seja família? Você aprendeu onde, você aprendeu com quem? Me explique um pouco a história da sua vida. Você teve isso em casa? Fale um pouquinho pra mim.

**SENHORA** – É... desde os meus pais, né. Eu nasci, quando eu nasci, dentro dum lar católico, né, então já, quando eu entendi, né, ser humano vi meu pai, minha mãe, né, que até hoje estão juntos depois de trinta e cinco anos de casados, né, então, eles já nos ensinaram assim, né? Depois eu tive um pouco de conhecimento com a bíblia, né, qui é um livro qui é pra todos, sem acepção de pessoas, e aprendi também pela bíblia, pela palavra de Deus, a respeito da família.

**VIVIANE** – Tá, então isso já veio do lar, você já teve da sua família, e se fortaleceu em você pelo que você aprendeu na bíblia. Você confirma isso?

**SENHORA** – Sim, confirmo.

**VIVIANE** – Tá, entendo. E o que você vai ensinar, você tem filhos né, você falou, o que você vai ensinar pros seus filhos sobre o que é família?

**SENHORA** – Eu tento passa pra eles aquilo que os meus pais passaram pra mim, né? A bíblia diz assim... inclusive tem um versículu qui tem na bíblia: “Ensina a criança o caminho que deve andar”, né? Se eu ando num caminho que pra mim é reto, eu vou ensiná a eles esse caminho. Embora depois eles venham si afasta, né, mas eu vô ensina, né, aquilo qui eu aprendi, né? Depois qui eles tiverem responsávei, né, dono de si, eles vão escolhe aqui que eles quiserem. Mas eu vô tentá passa para eles aquilo que eu aprendi e aquilo, o caminho que eu to trilhando, né. Vô tentá passa pra eles isso, essa imagem.

**VIVIANE** – Você trabalha fora?

**SENHORA** – Não.

**VIVIANE** – *Você acredita que o fato de você estar em casa, isso... é... melhora o ensinamento sobre família que você passa pros seus filhos? Isso ajuda? Sim ou não? Por quê?*

**SENHORA** – *Sim. Ajuda, porque... Eu posso fala um exemplo que eu tive beem perto? Eu, a minha sogra, ela sempre trabalhou fora, né? Ela deixava os três filhos dela adolescente. Na época, um de onze, outro de oito, outro de seis, e eles, infelizmente, né, não tinham assim, u'a mãe nem um pai presente, né, e... partiram pra um mundo errado, para as drogas. E eu, aquilo ali, eu vendo, né, convivendo ali com aquela situação, eu coloquei na minha cabeça, não, eu vô fica em casa, né. Sempre trabalhei fora quando eu era jovem, mas deixei de vivê pra mim pra vivê em casa c'os meus filhos, pra ensiná, né, e com certeza, uma mãe presente é muito importante na vida dos filhos.*

**VIVIANE** – *E o que você acha que pode ser feito das mães que não têm essa oportunidade que você tem – no caso, seu marido trabalha. O que que elas podem fazer pra passar pros filhos esses valores de família que você acredita, no caso se elas acreditam também?*

**SENHORA** – *O que eu posso falar para essas mães é que elas, assim, o mínimo de tempo, né, que elas tivé com os seus filhos, que elas transmitem muito carinho, muito amor, muita alegria. Nada de tá cobrando dos filhos... desde, desde pequeno, desde um ano, se possível. E transmitir muito carinho, muito amor e muita segurança, que é isso que o filho precisa: de um carinho, de amor e de muita segurança.*

**VIVIANE** – *Você tem fé, né (...)?*

**SENHORA** – *Com certeza.*

**VIVIANE** – *E você acredita que a sua fé, sua crença, sua religião, ela norteia, no caso, ela direciona pra você isso que você acredita como família ou se você não tivesse religião, você acreditaria da mesma forma?*

**SENHORA** – *Não... Eu acredito, sabe? Eu tenho muita fé, né, assim da maneira que eu aprendi, que, assim, o deus que me ensinou, né, que me orienta, através da sua palavra, eu tenho fé que, assim, aonde eu estou, os meus filhos vão ser motivo de bênção para*

*mim. Mas mesmo que eu não tivesse, né, esse conhecimento, eu acredito que os meus filhos seriam também bênçãos, entendeu?*

**VIVIANE** – *Tá, então você acredita que a religião não influenciou no seu conceito de família?*

**SENHORA** – *Não... hum... influencia, sim, com certeza, entendeu? Mas mesmo que eu não tivesse assim, eu, eu imagino assim, na minha imaginação, que os pais, eles, têm que ser o espelho dos filhos. Por exemplo, se você vê, né, dentro de um lar que é só contenda, briga, né, esse tipo de coisa, é claro que o seu filho vai ser isso quando crescer, né? Mas se seu filho convive aí num lar, embora que não tenha fé, entendeu? Que não acredite em Deus, mas tem uma pessoa, né, que transmite amor, paz, ele com certeza, aquilo ali, o filho... o filho vai se espelhar, entendeu? O pai, é como diz, o pai é o espelho do filho, entendeu?*

**VIVIANE** – *De que forma você acha que a sua fé, a sua religião, a religião que a sua família tem, ela beneficia para que você tenha uma família que, aos seus olhos, seria uma família certa?*

**SENHORA** – *Bom, assim, você tá falando, assim, como que é a religião?*

**VIVIANE** – *É de que maneira você acha assim que a fé que você tem ajuda para que você tenha a família que você acredita que seja certa?*

**SENHORA** – *Eu acredito assim, né, porque a bíblia, nós temos assim exemplos, né... Eu posso citar?...Nós temos exemplos dos filhos de Eli, foi um sacerdote na casa de Deus. E Eli, ele não ensinou a verdade para os seus filhos, ele deixou eles correrem soltos, né. Então ele teve sérios danos. Os filhos dele foram rebeldes, entendeu? Então eu creio assim, que se você ensinar os seus filhos a fé, ensinar pra eles o caminho da verdade, você vai ter bons resultados, entendeu? Assim, eu, tá aqui um exemplo meu, né, depois meus pais vieram a ser evangélicos, né. Eles sempre me ensinaram. E eu saí de dentro da casa dos meus pais eu tinha dezoito anos. E andei, sabe, bebi, foi pra muitas festas, pra muitas farra. Mas eu nunca me esquecia, por onde eu andava, daquilo que eles tinham me ensinado. E aquilo falava mais alto dentro de mim, entendeu? Aquilo que eles me ensinaram, aquela fé, aquela convicção, né. Então, isso é importante.*

**VIVIANE** – Entendi. No começo você falou pra mim que família é amor, é paz, é união, é um monte de coisa. Então pra você isso seria a família perfeita, o ideal de uma família?

**SENHORA** – Com certeza.

**VIVIANE** – E você acredita que tem uma família assim?

**SENHORA** – Eu luto pra isso! Porque... assim... assim é o dizer, né? Ninguém é perfeito. Mas eu faço de tudo, invisto nos meus filhos, eu tenho três filhos, né: um de doze, já ta na adolescência, outro ta com dez e a Ana Késia que ta cuuum... vai fazê oitro anos... oito anos. E eu tento passa... sabe, assim muito, transmiti muito carinho, muita paz, muito amor. Sempre tô lendo livro cum eles. Livros, sabe, assim, que edificam, que ensina, entendeu? Sempre to falando, né, da palavra de Deus pra eles. E tentando transmitir o melhor para eles. Eu tento, que perfeição só Deus é perfeito.

**VIVIANE** – Mas você acredita que a sua família tá perto do padrão que você considera ideal? Você é feliz com a família que tem?

**SENHORA** – Sô, mas eu acho que ainda precisa mudá mais. Precisa mudá muito, muito ainda... um pouco.

**VIVIANE** – Um pouco ou muito?

**SENHORA** – Mais ou menos... (risos) Médio! (risos) Precisa mudá médio.

**VIVIANE** – E essas mudanças, para chegarem ao ponto de você ter a família ideal, você acha que dependem de quem?

**SENHORA** – Depende muito de mim, que sou mãe.

**VIVIANE** – Por que de você?

**SENHORA** – Ah porque assim às vezes a gente deixa um pouco a desejar... né. Mas a gente precisa lutar, a gente como mãe... precisa batalhar, porque os filhos eles, eles (êls), assim, tipo assim, a família é o pai, é constituída do pai e a mãe, né. Só que os filhos eles são mais voltados geralmente pra mãe, né. Então, eu, eu sinto assim que eu preciso mudar um pouco. ...às veze eu sou um pouco nervosa... entendeu, então eu preciso mudar um pouco com meus filhos

**VIVIANE** – *Então tá, só preu entender. Você acredita que hoje você não tem a família dos seus sonhos mais por culpa sua ou completamente por culpa sua.*

**SENHORA** – *Não, não completamente, né que as duas parte tem, como diz assim, um ao outro se ajudou, né, então, depende da minha parte e também da parte dele do pai né, mas é... eu reconheço que um pouco de mim, entendeu? Não tudo, mas um pouco. Preciso melhorar.*

**VIVIANE** – *E você acredita que hoje em dia, do jeito que as coisas estão, que a sociedade está..., com toda violência, a facilidade de acesso às drogas, às bebidas, tudo aquilo que, nessa concepção, seja errado, é... existe condições de você ter essa família ideal?*

**SENHORA** – *Eu, eu tenho muita fé, sabe a coisa, o que eu mais peço é pra que Deus, ele não venha deixar meus filhos se envolver com esse tipo de coisa, eu sempre tô conversando com eles, sempre tô explicando, inclusive eles vêm hoje o exemplo dos tios, né. Não estudaram, são jovens bunitos, sabe que qué jovens lindos, é igual os tios deles, muitos bonitos, mas não estudaram, tão aí, não passaram de quinta série, e eu sempre tô assim, sabe, chamando eles pra conversar, falá ó meus filhos, cês tão vendo o estado dos seus tios, é isso que vocês querem pra você? Não. Então vamo estudar, vamo sair fora de maus companheiro, entendeu, mau companhia, não ficar assim cum pessoas qui... entendeu, a gente tenta assim não deixá, ficá saindo de casa só, sempre tô acompanhando. “Ah! mamãe vô ali”. Aonde? “Tal lugar”. Não vô junto. Ô então, a vezes, eu procuro sabê quem é o colega, vô na casa da mãe sabê como é a convivência dessa família, tendeu?, sempre é assim. A vezes êzi ah mãe cê é muito chata por que meus colega vem aqui e eu não posso ir na casa deles. Falei não primeiro eu tenho que conhecer quem é essa família com como que é o convívio dessa família, depois sim, eu sempre faço isso.*

**VIVIANE** – *Entendi. E, assim, e com quem fica com seus filhos, quando você e seu marido vêm estudar?*

**SENHORA** – *Eles ficam com... minha vizinha.*

**VIVIANE** – *Ah! E qual você acha que seja a importância do estudo na... pra vocês? Você e seu marido vocês estão juntos, estudando junto na mesma série, já estão no*

*ensino médio, qual você acha que seja a importância do estudo pra vocês como família?*

**SENHORA** – *É muito importante, né. Assim, eu olho assim presse lado, né. Eles, assim, acho que vai ser incentivo pra eles, entendeu. Eles, puxa! minha mãe já tá com trinta e quatro ano e tá batalhando pra estudar, né. Então eu acho que isso vai sê um incentivo muito grande pra eles, né. E eu também tô tentando realizar um sonho que eu sempre tive, entendeu? Eu quero realizar esse sonho e que Deus me ajudá, com certeza ele vai me ajudá, aí eu vou chegar lá, e é através desse exemplo que eu tô dando pra eles, que eles... para que eles venham crescer também.*

**VIVIANE** – *Então você acredita que o estudo ele fortalece sua família. Ele ajuda sua família, ele melhora, me explica isso?*

**SENHORA** – *Sim, sabe por que, porque a..., tipo assim, vou falar assim duma manêra beeem... bem simples, tipo assim, às vezes eles chegam em casa né, com uma tarefa né, “mamãe me insina”. Aí eu, tanto tempo sem estudar, eu tava há dizoito ano. Isso foi o que mais me fez mais voltá pra istudá entendeu? Porque “mamãe me insina esse exercício?” e eu ah eu nem lembro mais, não sabia mais, aí aquilo me entristecia, falei não vou voltar a estudar pra mim relembirá tudo aquilo que eu não entendi preu poder passá preles mi ajudá eles, tá entendendo? Pra isso.*

**VIVIANE** – *Ótimo, ótimo. Então tá bom, Conceição muito obrigada, agora você tem que ir pra aula, né, muito obrigada por tudo, e... e a gente encerra a entrevista por aqui.*



## **ENTREVISTA 2 – SENHOR**

**VIVIANE** – *Eu estou aqui com o (...), nós vamos começar a nossa entrevista. (...), quantos anos você tem?*

**SENHOR** – *Trinta e três.*

**VIVIANE** – *Trinta e três. Você é casado?*

**SENHOR** – *Casado.*

**VIVIANE** – *Tem filhos?*

**SENHOR** – *Tenho.*

**VIVIANE** – *Quantos?*

**SENHOR** – *Três filhos*

**VIVIANE** – *Você pode me falar a idade dos seus filhos, (...), por favor?*

**SENHOR** – *O meu mais velho tem doze anos, o do meio tem dez anos e a minha caçula tem oito anos.*

**VIVIANE** – *Você ainda tá estudando, (...), tá completando os estudos ou você já concluiu?*

**SENHOR** – *Estou terminando de concluir.*

**VIVIANE** – *Terminando de concluir o quê, o ensino fundamental ou o ensino médio?*

**SENHOR** – *Ensino médio.*

**VIVIANE** – *Ok! (...), você trabalha com o quê?*

**SENHOR** – *No momento, eu estou desempregado, mas eu era agente comercial externo, trabalhava na área de leitura de água.*

**VIVIANE** – Ah... legal! E, assim, agora a pergunta que eu gostaria de fazer, já que eu me excitei um pouco, de quem é o (...), né. (...), pra você, o que é família?

**SENHOR** – Família, pra mim, é... xô vê como é que eu posso dizer... pra você. Família é uma, pra mim é uma associação de pessoas, é uma associação que é feita entre, entre um homem e uma mulher, e que daí, a partir daí, você passa a formar, criar uma família.

**VIVIANE** – E pra você uma família é constituída de quais pessoas?

**SENHOR** – Bom, a família é constituída é... basicamente de pai e mãe, né, o marido e a esposa, filhos é... e... e aí vem também... é... entra os avós, né, eu acho muito importante esse vínculo familiar de avós, tios, né, eu acho muito importante esse vínculo de família, quando se fala família cê num, eu num intendo basicamente só pai e mãe e filhos não, eu acho que, principalmente, os avós eu acho que têm um peso, um papel fundamental na família.

**VIVIANE** – Então assim, diga pra mim, (...), no caso de uma mãe solteira, uma mulher que foi abandonada pelo marido ou que nunca se casou e tem um filho, vive ela e o filho. Pra você, ela com o filho constituem uma família?

**SENHOR** – Ela com o filho, eu creio que, que constitui sim uma família. É... e eu acredito que o fato d-de ser ela d-de d-da criança não ter um pai, dela ser sozinha, mas conseqüentemente, conseqüentemente, ela tem um pai, ela tem uma mãe, não é, e ela tem um filho, esse filho tem então uma mãe, um avô, uma avó, um tio, quem sabe. Então eu creio que isso daí constitui uma família.

**VIVIANE** – Então pra você, família necessariamente tem de morar na mesma casa ou não?

**SENHOR** – Não, não necessariamente, eu creio que não é... não, não, não é que seja necessário que uma família more na mesma casa, pode sê que tenha uma mãe solteira; no caso da mãe solteira, por exemplo, quero citar que o fato de não ter, às vezes, um pai presente, mas de ter um pai, entendeu, isso é uma família. O fato de ele morar só co'a mãe e sê u'a mãe solteira ou morá só co'o pai, e o pai sê sozinho, não deixa de ser u'a família.

**VIVIANE** – Entendi, tira uma dúvida pra mim, então, pra vê se eu entendi o seu raciocínio. O homem, ele tem, no caso, dois filhos, cada um com uma mulher diferente, e não está casado com elas. Você acredita que mesmo assim ele constitua com elas uma família, por causa do vínculo do filho?

**SENHOR** – Aí já vem a questão d-de como o filho vai encarar isso. Não é nem a questão da mulhé, nem a questão dele, porque eu acredito que aí fica um pouco meio conturbado, essa, esse raciocínio. Eu acho que, no caso, eu acho que o filho é que vai é, é, é... é que vai criar na cabeça dele como é que será esse vínculo de família, essa questão de família pra ele.

**VIVIANE** – Entendi, então, no caso, pra você, família seria uma coisa mais dependendo do que a gente pensa, do que a gente sente?

**SENHOR** – Eu acho que sim, eu creio que, por exemplo, o filho, a gente como filho é que vai analisar esse conceito de família, né. E... daí, às vezes, algumas dificuldades, porque um às vezes acaba crescendo longe do pai, nem por isso ele pode dizer que não teve u'a família, né; ou, longe da mãe, nem por isso ele vai dizer também que não teve u'a família, né. Então eu acredito que uma família, eu acredito que é uma instituição assim é... além de ser uma instituição divina, desde que seja com pai e mãe ou não, pode ser que um morra pode ser que né... antão, ou seja, o fato de viver com a mãe ou com o pai não vai dizer que ele não tenha uma família.

**VIVIANE** – Entendi, e que tipo de sentimentos de coisas, agora não falando de pessoas, mas de coisas emocionais. O que você acha que uma família precisa de ter?

**SENHOR** – É assim, são muitas coisas e ao mesmo tempo é..., se você for resumir, pouca coisa eu acho que já resolve. Acredito que dentro de uma família, em primeiro lugar, se for uma família formada de pai e mãe e for uma família estruturada assim é... legalmente dizendo, eu acho que, assim, primeiro lugar os pais, eu acho que tem um peso fundamental na vida dos filhos, entendeu, encarar a família, quando eles vê amor entre os pais, quando eles vê carinho entre os pais, entendeu, no trato, entendeu, dos pais com os filhos, tanto individual, da mãe c'os filhos, do pai c'os filhos, dos dois c'os filhos. Eu acredito que, sentimentalmente falando, eu creio que, primeiro lugar, vem o amor, segundo lugar, vem o respeito, né, e... e assim sucessivamente. Aí vem a

*fidelidade, vem todas essas outras coisas assim que vai formar emocionalmente uma pessoa pra tê um bom conceito de família.*

**VIVIANE** – *E você acredita que você tenha isso na sua família?*

**SENHOR** – *Olha, eu não diria assim o tudo, não diria o tudo não, porque a gente às vezes diverge em algumas coisas, né. Então, assim, o que basicamente é muito importante pra mim na família, no conceito de família, pra minha esposa às vezes não é, não seja tão importante pra ela, né. Eu, pra mim, no meu entendimento, o mais importante pra mim na família, num relacionamento, assim, familiar... eu acho assim que primeiro lugar é o amor. Eu sou muito assim como é que eu posso dizer, eu sou muito assim sentimental. Eu acho assim que o amor vem em primeiro lugar. Primeiro lugar vem o amor, segundo lugar o respeito e com essas duas coisas aí a gente constrói muita coisa. Já assim com relação à minha esposa, talvez eu até teja enganado, mas ela tem assim alguns valores assim que ela coloca assim às vezes em primeiro lugar, como a questão financeira, como algumas outras coisas, entendeu, são coisas assim que... bom, isso é o que ela me deixa perceber, né. E, pra mim, primeiro lugar, primeiro lugar, eu acho que é o amor. O amor pra mim tá em primeiro lugar na família, principalmente na vida a dois, que é o que os filhos vão ver pra tê um conceito de família.*

**VIVIANE** – *Entendo, entendo. Então você acredita que a sua família, ela tá buscando por isso que você gostaria, que você acredita que seja uma família ideal?*

**SENHOR** – *Essa é a minha busca. É o que eu vivo buscando. Eu sou casado há catorze anos e, assim, é uma busca assim que eu venho lutando por ela assim durante esse tempo todo, sabe? E consegui, alguns objetivos eu consegui atingir, já consegui alcançar, mas essa questão, principalmente a questão afetiva, que pra mim assim acho que é o primordial, na família, pra que os filhos... até pra que os filhos se espelhem nos pais, pra que quando meus filhos se casarem pra que eles sejam carinhosos, que eles sejam sabe... que eles dêem carinho pra suas esposas, pra que eles saibam buscar uma mulher também que seja carinhosa, que dê amor que tenha isso como base na família, amor e respeito, então, ou seja, é isso que eu venho buscando então, ou seja, é um algo assim que ainda eu acredito que ainda não consegui atingir, mas é uma luta constante.*

**VIVIANE** – Entendi. Uma outra pergunta que eu queria te fazer. É... o mundo tem se transformado, né? E nós temos visto alguns casamentos de homens com homens, casamentos entenda né, ainda não tá legalizado, mas homens se unindo com homens, mulheres se unindo com mulheres, inclusive até tendo crianças. Pra você, na sua opinião, isso constitui família?

**SENHOR** – Olha, partindo pra um princípio cristão, na minha opinião, não. Agora, ou seja, essa é a minha opinião própria, é o meu conceito próprio. Porque baseado, baseado, assim, nos ensinamentos cristãos uma família ela foi uma instituição divina, criada por Deus, entre um homem e uma mulher, entre, ou seja, duas pessoas do sexo oposto, que foi assim, aí eu creio assim que foi instituído por Deus assim. Então, eu não creio que um homem com outro homem, não assim, não é preconceito meu, mas, não é preconceito com relação à opção sexual, mas eu creio que um homem com outro homem, ele jamais vai poder dizer que constituiu uma família, esse é o meu conceito, nem uma mulher com uma mulher, não é uma questão preconceituosa minha, ou seja, que a opção sexual é uma coisa assim que a gente é... por mais que a gente não aceita, mas a gente tem o dever, a obrigação de respeitar, esse é o dever como cidadão de respeitar, ou seja, não é preconceito, mas é... nessa questão, questão de família, eu não creio que um homem com outro homem ou uma mulher ou outra mulher, entendeu, constitua uma família.

**VIVIANE** – Você tem uma religião, (...)?

**SENHOR** – Tenho. Eu tenho uma, assim, não tenho bem assim uma religião né. Eu professo uma fé e, assim, por mais que às vezes eu não siga na integra, não é, as coisas os ensinamentos que eu conheça, mas eu tenho, eu defendo uma fé.

**VIVIANE** – É... você acredita que aquilo que você é, o que você... há acredita que seja uma família isso está, isso foi influenciado pela sua fé, pela fé que você acredita, que você segue, que você professa?

**SENHOR** – Também, mas eu gosto sempre de frisá que eu tive uma família é... uma família bem estruturada, uma família com uma base muito assim sólida, né. Meus pais são casados ainda hoje, né. Então, são mais de... são quase quarenta anos já de casados, então a gente... eu tive assim uma boa escola, vamos dizer assim, em casa, então, ou seja, eu tive uma boa base, uma boa estrutura familiar. Então, baseado na

*minha família, é que eu criei o meu conceito de família, não foi baseado na minha religião, na minha fé. Claro que a minha fé, minha religião, ajudou, me ajudou assim entender muitas coisas, mas a base mesmo, a base da família eu trouxe de casa.*

**VIVIANE** – *E a escola, já que você falou que a sua família foi uma escola prá você. A escola mesmo, tê voltado a estudá, tê concluído, tá concluindo agora os estudos, você acha que isso melhora, você... em que medida você acha que a escola melhorou ou não a sua vida?*

**SENHOR** – *Nossa! E muito, e muito, a escola tem um peso assim muito grande assim, eu acredito que é algo assim fundamental na vida do homem. É... ajuda você, por mais que você, falando assim de uma formação acadêmica, assim hoje o nosso ensino assim não muito... podemos dizer assim que não é assim muito bom, não tem assim um peso muito grande, questão de qualidade. Temos bons professores, mas nós não temos assim uma qualidade muito grande de ensino. Mas a escola ela ajuda você a abrir a sua cabeça, ajuda você a vislumbrar outros horizontes, você consegue enxergar mais longe, você consegue sonhar, você consegue é... é... é... ver coisas que você até então não via, possibilidades entendeu, você consegue assim ver portas, você consegue ver outros destinos pra sua vida, principalmente pra sua vida profissional, entendeu, financeiramente falando, você consegue enxergar outros horizontes que você não enxergava e também te ajuda muito na questão inclusive da família também, porque te ajuda a deixar de ser um pouco mais preconceituoso, te ajuda a deixar de ser um pouco mais egoísta, ou seja, a escola te ajuda em muita coisa, eu acredito que é algo assim... foi fundamental pra mim, foi muito bom.*

**VIVIANE** – *Entendo. Pra você, como pai de família, é importante tá concluindo os estudos agora?*

**SENHOR** – *Demais, assim eu vejo assim até meus filhos assim, quando eles olham pra mim, eles olham e sentem aquele orgulho sabe. Nossa meu garoto mais velho olha pra mim, nossa quando eu cheguei em casa que eu disse que tinha passado, ele disse: “Nossa! Meu pai agora terminou o segundo grau”, “meu pai concluiu e tal...”. Aí ele vem todo empolgado, aí já qué que eu ajude ele. Ixi! E tem coisas que eu nem consigo assim eu falo “meu filho...” eu fico assim meio perdido, eu não posso eu não consigo te ajudar ainda nisso daí ainda. Tá entendendo? “Ah, papai, mas você terminou! Você concluiu o ensino médio... e tal”, fica todo orgulhoso e tal, e assim a gente tenta ajudar*

*na medida do possível e eles sentem até mais seguros, mais seguros, mais motivados, eu gosto muito de usá isso pra motivá eles porque vão ter que estudar muito, assim já depois de uma idade mais madura e tal, então eu consigo... usá isso em benefício assim da educação deles, e meus filhos melhoraram depois que eu concluí meus estudos meus filhos melhoraram na escola, eu consigo assim passá isso pra eles, olha “papai trabalha, papai rala, papai não tem tempo, papai estuda, e eu consegui passá, então eu não aceito vocês ficá aí de recuperação e tal choramingando não, vocês tem qui... tem qui lutá, papai trabalha muito e conseguiu, vocês só estuda, então tem qui... isso melhorou muito, ajuda muito, estimula, foi muito bom.*

**VIVIANE** – *Que bom (...). Bom, eu não tenho mais nada a perguntar. Você quer falá alguma coisa? Fazer algum comentário, alguma coisa que você não falou e gostaria de falá?*

**SENHOR** – *Bom, só dizer o seguinte: que a família, por mais que a sociedade hoje em dia pregue que é uma instituição falida, já vi muitas pessoas dizerem isso, algumas reportagens, dizer que o conceito de família mudou, mas eu acredito ainda que a família é uma instituição divina, que deve ser preservada, que deve ser é... que deve se cultivá o bom relacionamento entre pais e filhos, entre marido e mulher, pra se criar cidadãos, cidadões, cidadãos que consigam enxergar, continuá enxergando a família como uma instituição divina e como algo assim que deve ser preservado, porque senão nossas crianças no futuro não vão tê esse conceito e vai começar aquela bagunça de achar que ah não! não vale a pena eu me casar, não vale a pena eu, criá, gerá, criá uma família, vou viver sozinho e tal, e já tem muitos partindo por aí, e eu acredito que a gente tem que tentá resgatar essa questão da família.*

**VIVIANE** – *Tá ótimo, (...), muito obrigada, viu.*

**SENHOR** – *Ok, eu que agradeço.*

### **ENTREVISTA 3 – MÃE SOLTEIRA**

*VIVIANE – Hoje é sete de maio de dois mil e oito e aí nós vamos conversar um pouquinho. Queria que você começasse falando o seu nome e a sua idade.*

*MÃE SOLTEIRA – Meu nome é (...), eu tenho trinta e sete anos.*

*VIVIANE – (...), a primeira pergunta que eu queria te fazer é se você tem uma religião?*

*MÃE SOLTEIRA – Tenho, eu... evangélica.*

*VIVIANE – Sim, e... agora eu queria que você falasse pra mim. É... pra você, o que que significa família, o que que é uma família?*

*MÃE SOLTEIRA – A família pra mim é tudo. Sabe, porque eu sou uma pessoa assim que eu vivo pra minha família, a minha família pra mim são os meus filhos, e... meu pai, é tudo. Isso pra mim é o essencial na minha vida, meu pai..., é.. Deus em primeiro lugar, em segundo meu pai e terceiro meus filhos*

*VIVIANE – E... você não é casada?*

*MÃE SOLTEIRA – Não, não sou casada.*

*VIVIANE – Mesmo não sendo casada, pra você, você, com seus filhos, com seu pai, vocês constituem uma família? Por quê?*

*MÃE SOLTEIRA – Porque... isso é a base do amô, sabe, assim, eu dedico tanto a... ao meu pai, aos meus filhos, que eu acho que eu não conseguiria viver longe deles, jamais. Pra mim é tudo, eu acho que jamais eu vou ficar longe dos meus filhos.*

*VIVIANE – Entendi, e... é... na sua visão uma família é constituída por quais pessoas? Quais pessoas precisam existir pra que se tenha, pra que se diga assim: aquilo ali é uma família?*



**MÃE SOLTEIRA** – Hum... relacionamento a dois, né, tipo a mãe, o pai e os filhos, isso é tudo.

**VIVIANE** – Entendo, pelo fato de você não sê casada, você acredita que você constitui uma família, junto com as pessoas com quem você vive?

**MÃE SOLTEIRA** – Não, completa não. Não é completa, o que falta é a presença do pai. O importante que falta.

**VIVIANE** – O que que você acha que seriam as características de uma família ideal, no mundo de hoje? O que que uma família ideal teria?

**MÃE SOLTEIRA** – Principalmente o amor, relação a dois, né, tipo assim, o esposo, a esposa, amá bastante... e criá os filho junto, na união, no diálogo, que esse mundo de hoje tá tão difícil. Então, a família, o essencial é o esposo, a esposa e os filhos junto. Pra mim, isso é uma família completa.

**VIVIANE** – Então, na sua visão, você teria, na sua casa, essas características de uma família completa, não só na questão das pessoas, mas as características, igual você falou, do amor, você acha que você tem isso na sua família?

**MÃE SOLTEIRA** – Olha, no passado eu tive, no momento eu não tô tendo, porque eu tive uns problema com a minha filha e com meu filho. So c'o meu filho já resolvi, e cu mi'a filha ainda tá pendente ainda, porque ela não fala comigo... aí, eu... aí nesse fato é que eu acho que se o pai tivesse presente, seria diferente, falta a presença do pai.

**VIVIANE** – Então, na sua visão, você não tem uma família completa, pelo fato de não existir um pai?

**MÃE SOLTEIRA** – É, isso, de não existir o pai.

**VIVIANE** – Outra pergunta que eu queria te fazer, é que se você acha que o mundo de hoje, ele tem essas fam..., é... essa família que você acha que seria o ideal, né, ou que seria uma família de verdade, se você ver puráí no mundo hoje que a gente vive?

**MÃE SOLTEIRA** – Tem ainda existe ainda família assim, pai, mãe, filhos, unidos, existe. Tem muitos que nã... ainda não tem, né, uma família completa, mas tem bastante família assim ainda.

**VIVIANE** – *E quem te ensinou que uma família é composta por pai, mãe e filhos? Você aprendeu isso com quem?*

**MÃE SOLTEIRA** – *Devido a minha vida, da dificuldade que eu tive de criar os dois sozinha. Aí eu sempre pensei assim: ah! se o pai tivesse presente, seria diferente. Aí eu baseio nesse fato d'eu não tê criado os meus filho na presença do pai.*

**VIVIANE** – *Você é separada?*

**MÃE SOLTEIRA** – *Sou separada.*

**VIVIANE** – *Há quanto tempo?*

**MÃE SOLTEIRA** – *Há catorze anos.*

**VIVIANE** – *É... (...), qual é a série que você cursa?*

**MÃE SOLTEIRA** – *Sétima série.*

**VIVIANE** – *Sétima. Você acredita que a escola ou que a sua religião de alguma maneira te ajudaram e... a melhorar o que você acredita que seria uma família, a tentar lutar por o que seria uma família, melhorar você como membro de uma família.*

**MÃE SOLTEIRA** – *Acredito, a escola....*

**VIVIANE** – *Por que acredita?*

**MÃE SOLTEIRA** – *É a base de tudo né. Se você sem estudo você não é nada, então eu, é que eu tô c'o que trinta e sete anos, tô um pouco atrasada, mas nunca é tarde né, então eu tô voltano meu tempo, e meu sonho é terminá meus estudo, que eu pretendo fazê enfermagem e tô lutando pra isso, pra no futuro, eu num, já que eu não posso ajudá os meus filhos agora mas no futuro pode vir os meus neto e há de precisar de mim, então eu tenho que me prepará pra isso, serve pra mim também no futuro né, vai chegar minha idade, sozinha... porque eu não tenho esperança mais de encontrar marido, aí...*

**VIVIANE** – *E o que que você acha dessas famílias compostas por pessoas do mesmo sexo, no caso dois homens ou duas mulheres, com filhos ou não? Você acredita que isso seja uma família?*

**MÃE SOLTEIRA** – Não, eu não acredito, porque Deus ele deixou o homem e a mulher. Isso de mulher com mulher e homem com homem, eu não crítico, eu não condeno, mas também não aceito. Não acho certo. Não é certo.

**VIVIANE** – E é por isso também que você acredita que faça parte de uma família incompleta, pelo fato de não ter um marido e pelo fato de, na sua fé, Deus ter constituído um homem e uma mulher?

**MÃE SOLTEIRA** – É, é isso. Falta mais é..., essas pessoas que vive do mesmo sexo, dois homem, duas mulhé, eu acho que falta principalmente a presença de Deus na vida deles. É Deus. Se a pessoa procurá Deus e buscá, Deus vai tirá isso deles. Sabe, eu falo por experiência própria, praque Deus, se você pedí, Deus muda, Deus muda tudo, e isso aí são coisas do mundo, são ilusão, coisas passageira, e essas pessoas, às vezes, não tão nem aí, essas pessoas pra mim não têm Deus. Porque a pessoa que tem Deus, ele não faz isso. Não vive no mundo de drogas, não vive no mundo se prostituindo, não vive num mundo de homem com homem, mulhé com mulhé, isso pra mim é falta de Deus.

**VIVIANE** – Entendi, entendi. (...) muuito, muuito obrigada, tá, pelas suas respostas. É... foi muito bom conversar com você e te fazer as perguntas, tá bom, brigada mesmo!

**MÃE SOLTEIRA** – Brigada a você (risos)

## **ENTREVISTA 4 – PAI SOLTEIRO**

*VIVIANE – Dia doze de junho de dois mil e oito, então nós vamos pra entrevista de hoje. Hã... quantos anos você tem?*

*PAI SOLTEIRO – Dezenove.*

*VIVIANE – Dezenove. Qual a série que você faz?*

*PAI SOLTEIRO – sétima.*

*VIVIANE – Sétima série. E... bom, colega, vou te chamar de colega então já que você não quer ter identificação, mas pra você, hoje, jovem, dezenove anos, que tem uma filha, né?*

*PAI SOLTEIRO – É.*

*VIVIANE – Quantos anos tem a sua filhinha?*

*PAI SOLTEIRO – Um ano.*

*VIVIANE – Um ano e ela mora com você ou mora com a mãe?*

*PAI SOLTEIRO – Cum a mãe.*

*VIVIANE – Com a mãe dela. Você tem contato constante com a sua filha, sim, não, por quê?*

*PAI SOLTEIRO – Tenho, final de semana.*

*VIVIANE – E... pra você, colega, o que que é família. O que... pra você o que que é uma família, uma família é constituída pelo quê? Tô falando tanto com relação a pessoas mas a sentimentos também.*

*PAI SOLTEIRO – É... o amor, o coleguismo, o... é... fraternidade, e... e o... e a compreensão, que uma família depende de muito de... não só de uma, mas de todos que tão em volta, pra ser uma família de verdade.*

**VIVIANE** – *E você acredita que uma família seja constituída por quais pessoas?*

**PAI SOLTEIRO** – *É... o pai, a mãe e os filhos, mas tem também a... os parentes, próximos e... os familiares, os amigos também pode ser a parte de uma família.*

**VIVIANE** – *Você mora com seus pais?*

**PAI SOLTEIRO** – *Moro.*

**VIVIANE** – *Na sua opinião, você com eles constituem uma família?*

**PAI SOLTEIRO** – *Constitui, todo mundo lá, tem briga de vez em quando, mas (risos) todo mundo se dá bem e a família lá é grande, demais.*

**VIVIANE** – *Entendi. Quantos irmãos você tem?*

**PAI SOLTEIRO** – *Tenho... por minha mãe um, uma irmã, e por meu pai tem duas, só que eu só moro com a minha mãe, aí só mora uma comigo.*

**VIVIANE** – *Tendi. Todo esse tipo de sentimento que você falou que acredita que uma família seja constituída, você acredita que na sua família tenha isso?*

**PAI SOLTEIRO** – *Tenho, só que a gente demonstra diferente, cada um tem seu jeito, como eu sou mais quieto, aí minha irmã fala, é... mais alegre, fala mais, cada um tem seu jeito lá.*

**VIVIANE** – *Você se sente feliz na família que você tem?*

**PAI SOLTEIRO** – *Sinto.*

**VIVIANE** – *A sua filha, você acredita que ela tenha uma família?*

**PAI SOLTEIRO** – *Acredito que sim, que ela mora cum os avós dela lá e cum a mãe dela, acho que eles são uma família pra ela já.*

**VIVIANE** – *Então você acredita que o fato dela ter a mãe e os avós, eles também constituam uma família, mesmo a mãe da sua filha não sendo casada?*

**PAI SOLTEIRO** – *Constitui, que pá ser família num precisa ser casado. Precisa conviver junto, isso é uma família.*

**VIVIANE** – *Você é... tem alguma fé, colega, você tem alguma religião?*

**PAI SOLTEIRO** – *Sou católico, só que num vou muito à igreja.*

**VIVIANE** – *O que você acredita como família, esse sentimentos que você falou pra mim que acredita que uma família tem que ter, você aprendeu onde? Você aprendeu com sua própria família ou você aprendeu na igreja, ou você aprendeu na escola, onde você aprendeu?*

**PAI SOLTEIRO** – *Minha própria família, que lá a gente sempre foi criado pra respeitar, aprender a conviver com as pessoas e sempre ser melhor, num precisar... é... ficar maltratando as pessoas, sempre fazer o bem e... praticar sempre o bem.*

**VIVIANE** – *Esse tipo de família que você acredita que tem, você disse pra mim que tem, e que você acredita que é uma verdadeira família, você vê muito esse tipo de família por aí, você acha que o mundo tá cheio dela?*

**PAI SOLTEIRO** – *Não, que eu conheço amigo meu que tem a família dele é só briga, desde que eu conheci ele a família dele é discussões e atraiatiza muito a... que ele tem um irmão pequeno ainda recém-nascido, aí já vai criando aquele clima de briga, aí é coisa que tudo pra ele já é briga, o pai e mãe, e já tem irmão que vive discutino, aí sempre é briga lá.*

**VIVIANE** – *Você acredita que o que você é hoje é... você deve ao que você aprendeu com a sua família? Os seus pais, por exemplo?*

**PAI SOLTEIRO** – *Eu devo, que, se não fosse eles, eu podia ser é... sê, é... com se fala? Sê dife... sê como... é... Ser uma pessoa ruim que num gostá de família, sempre viver sozinho, sem depender de ninguém, maltratando as pessoas, acho que com a ajuda deles eu fiquei do jeito que eu sou hoje.*

**VIVIANE** – *Você notou que hoje..., você falou pra mim que acredita que uma família seja constituída por pai, mãe e os demais, além dos parentes, você viu que hoje existem casais do mesmo sexo, inclusive às vezes até adotando crianças ou dando um jeito até mesmo, no caso de suas mulheres, de uma engravidar. Você acredita que eles constituam uma família?*

**PAI SOLTEIRO** – *Constitui, mas constitui do jeito deles. Cada um tem seu jeito de fazer sua família, se eles que tê... criá sua família, eles pode criá, dependendo do jeito que for, dependendo de quem é o pai de quem é a mãe, num depen..., depende que eles queiram, se eles é... soubé criá bem as crianças, eles vão criá uma c... uma... ela vai perceber que é uma família, mesmo sendo diferente.*

**VIVIANE** – *E você acha que o fato dessa convivência que você tem aqui na escola, o estudo, o fato de estudar, isso também te ajuda a formar sua opinião, a pensar do jeito que você pensa, o estudo te ajuda em alguma coisa?*

**PAI SOLTEIRO** – *Isso tudo, porque a gente fica aprendendo a cada vez mais é... o mundo, as coisas novas que vai aparecendo, vai fazen... a gente torna uma pessoa cada vez melhor, mesmo que cada um seja do seu jeito.*

**VIVIANE** – *Bom, amigo, cê tem ma..., qué falá mais alguma coisa, que você pensa, que eu não te perguntei, que você quer... você quer falar mais alguma coisa?*

**PAI SOLTEIRO** – *É que... pá sê uma, é... que hoje em dia a pessoa acha que tê filho hoje em dia é uma família, mas não é, é você saber criar, que... muitos dizem que pai é o que faz, mas o pai é o que cria, que constitui a família, que dá o ixemplo que faz tudo pela coisa, então é a família, a família hoje em dia não pode ser só em briga, é... viver naquela revolta de... vê drogas, vê um monte de coisa. Tem que ser uma família que seja é... como se fala? Uma família saudável, que viva num ambiente legal, que os pais cuidam, compreendam ela que... saiba escutar ela de algum modo, mesmo tendo as brigas, que toda família sempre tem uma briga, memo... pode ser a família mais boa do mundo que sempre tem uma briga, mas cê tem que saber ouvir e dar a decisão certa.*

**VIVIANE** – *Bom, agora eu vou te fazer uma pergunta como professora. É... você lê muito, acho lindo isso em você, acho incrível, prum jovem de dezenove anos, ler tanto do jeito que você lê. Você acredita que essa leitura tanto você tem, ela tem te ajudado a ser uma pessoa melhor e tem mudado alguma forma sua de pensar?*

**PAI SOLTEIRO** – *Tem, que ela faz eu viajar além do mundo real, que é a imaginação, que faz eu esquecer todos os pobrema que eu tô vivendo agora e mergulhar dentro dela, que vai fazeno eu compreender mais coisa, mais coisa, que... sempre vai abrindo mais caminho pra mim.*

**VIVIANE** – E a respeito da sua filha, você disse que pai não é o que faz é o que cria. Você tem essa preocupação com ela? De ser pai pra ela?

**PAI SOLTEIRO** – Eu tenho, que eu sempre quero um futuro melhor pra ela, mermo que eu não tenha do lado dela, mas eu quero que... mermo que a mãe dela arranje outro marido, eu quero que ele sempre cuide dela bem. Como se eu tivesse mesmo cuidando, mermo que eu tenha... seja longe, tudo que eu puder fazer por ela, eu vou fazer.

**VIVIANE** – E aí querido, mais alguma coisa que você queria falar? Então, muito obrigada! Brigada mesmo.



## **ENTREVISTA 5 – MOÇA**

**VIVIANE** – Hoje, dia trinta... de abril. E... eu queria que você começasse falando o seu nome e a sua idade

**MOÇA** – (...), eu tenho vinte e quatro anos

**VIVIANE** – Muito bem (...), eu quero que você fala, você fale com tranquilidade, espontaneamente. Primeiro, pra você o que que é família?

**MOÇA** – Olha, eu acho que, pra mim, no meu modo de pensá, família é tudo, é uma base realmente, porque é assim, tirano..., eu acho que a experiência assim de outras pessoas em relação a minha convivência, então, assim, eu penso que o meu modo de ser é graças a uma base que eu tive de uma família, né, porque família é o seu início, é o seu meio e, com certeza, o seu fim. Eu acho que a partir do momento que você tem uma família, aí você tem uma base para viver, essa pra mim é a... é a... é assim conceito do que é família.

**VIVIANE** – Legal. E, pra você, uma família é constituída de quais pessoas?

**MOÇA** – Não entendi.

**VIVIANE** – Uma família é constituída de quais pessoas, de quem, é... de um assim, de aquilo, de aquilo outro?

**MOÇA** – É, no caso, pai, né, mãe, é... irmãos, é porque eu acho que a sociedade hoje ela oferece vários caminho pra gente, então quando se tem um pai, uma mãe do seu lado, por mais que você às vezes opite pro lado errado, mas você tem uma mãe e um pai pra te apoiar, né, porque com certeza, se você tem essa base, é uma coi..., é a importância de tudo, não vai te deixar te afundar, por mais o momento que seja difícil, mas você sempre vai ter ali o pai e a mãe, que por mais que o filho seja errado, eles tão ali pra te ajudar e te defender de tudo. Então, quando se tem um pai, uma mãe e irmãos que você aprende a... a... como que eu posso te falar, assim compartilhar, né, as coisas. Então você convive com uma sociedade melhor de uma forma trabalho, amigos, você sabe que, de alguma forma, tem alguém que precisa de você e você precisa de alguém.

**VIVIANE** – *Você mora com seus pais?*

**MOÇA** – *Moro.*

**VIVIANE** – *E com os irmãos?*

**MOÇA** – *Também.*

**VIVIANE** – *Quantas pessoas tem na sua família?*

**MOÇA** – *É... minha mãe, pai e mais três irmãos.*

**VIVIANE** – *Fora você, mais três.*

**MOÇA** – *Isso. Nós somos quatro filhos.*

**VIVIANE** – *Você é a única mulher?*

**MOÇA** – *Sou, única.*

**VIVIANE** – *Você acredita que a sua família, a família que você tem, a família a qual você faz parte, ela seja a família que você imagina que seja a família perfeita, a família ideal, não vamos falar perfeita não, mas a família ideal. A sua família, ela se encaixa nesse modelo de família ideal pra você? Sim, não, por quê?*

**MOÇA** – *Olha, eu... a minha resposta é sim, por quê?, porque meu pai e minha mãe sempre foram aqueles pais assim é... sempre educou, sempre carinhos muito, se precisou batê, bateu, nas vezes que precisou, nunca falou ah você tá errada você não vai ser julgada, vai ser julgada, depois com o tempo que já né, tornamos aí adolescente, rapazes tal, é o seguinte, minha mãe, meu pai sempre foi, pra mim, uma forma assim mais amigos do que pai, por isso eu acho que eles me tornaram a pessoa que eu sou hoje, né, porque muitas pessoas me perguntam “quantos anos você tem?”, vinte e quatro, “é solteira?”, sou, “não tem filhos?”, não tem, então todo mundo fica assim espantado, né, “não tem filhos não?”; não, não tem, porque meu pai e minha mãe que sempre falou assim: “ó (...), você sabe o que é certo e o que é errado, o que a gente fala pra você é você não pode fazer isso, você não pode fazer aquilo, não; você tem que pensar que todos os seus atos têm consequência, e as consequências desses seus atos é você quem vai sofrer, seja ela boa, seja ela ruim. Então eu aprendi assim eu tenho uma confiança muito grande por parte deles, então eu faço por onde merecer essa*

*confiança. Então por isso que eu falo pôxa, meu pai, minha mãe confiam muito em mim, então porque que eu vou fazer uma coisa que eu sei que eles não vão gostar, então pra mim é a família ideal.*

**VIVIANE** – *Entendi. E você acredita que hoje, na sociedade em que a gente vive, aqui em São Sebastião onde você vive, você nota que as famílias têm sido assim do jeito que você acredita que deveria ser uma família?*

**MOÇA** – *Olha, é... assim experiência de amigos, é... acho que não, porque, assim, a maioria é aquela situação pai e mãe separados, aí quando um rapaz, né... eu tenho um amigo que já chorou no meu ombro, falando porque sentia falta do pai, porque a mãe já não conseguia mais conversar com eles, era três irmãos, então ela já não dava mais conta, ela já não tava conseguindo ficar mais dentro de casa, e assim ele falou que sentia muita falta de um pai do lado, então é aquela situação assim é... um pouco as famílias hoje num tá muito responsável com aquele significado família, né. Porque eu acho que quando a pessoa é... por isso que minha mãe fala e assim eu sempre penso muito comigo, quero ficar solteira, quero, a partir do momento que eu pensar que eu quero ter uma família, ela vai ser uma família, não vai ser uma coisa que eu quero começar e deixar pela metade, então eu acho que falta muito hoje em dia isso, porque os casais pensa assim tamo namorando, vamo juntar, se dé certo tudo bem, se não der separa, então a maioria dos amigos que eu tenho, que assim convive comigo, são essa mentalidade que eles têm. Em tão que que acontece é... começando dessa forma, acaba sendo uma família pela metade, aí quem são os prejudicado os filhos, né, que às vezes depois precisa de um apoio, porque hoje o mundo oferece vários caminho né, igual eu já comentei pra você. E aí o que que acontece, quando o filho acaba indo pelo um lado errado, num tá ali os principais, que deveria tá do lado dele, o pai e a mãe, né, pra dar uma força, pra falar não meu filho você errou, mas você é capaz de concertar, enquanto a sociedade tá toda julgando, e ele precisava de um apoio, que é do pai e da mãe, num tá ali pra ajudar.*

**VIVIANE** – *Entendo, hoje, por exemplo, se você ver um pai solteiro, uma mãe solteira ou então uma mulher que foi abandonada pelo marido, um marido abandonado pela esposa criando filhos, isso pra você é uma família?*

**MOÇA** – *Olha, eu acho que é uma família de forma meio individual, né, eu te falo assim por experiência própria também, que o meu namorado tem um filho, né, mas*

*assim eu fico cobrando sempre dele, falo “você foi ver seu filho? teve com seu filho? perguntou se tá precisando de alguma coisa?”, porque pai não e só colocar no mundo e deixar, né, porque a maioria dos pais pensa que é a mãe teve o filho é obrigada a tudo, não é dessa forma, tem um momento que ela precisa de uma ajuda e com certeza o pai tem que tá presente, então assim experiência própria minha, é uma família mei que quebrada, mas é uma família, então, assim, é o que eu não gostaria de passar, então eu não quero que essa criança passe por minha causa. Então eu dou todo apoio, falo pra ele “Foi ver seu filho?”, fico cobrado sempre, “ e aí como é que o Mateus tá, você viu ele, foi cunversá com ele?”, a mãe dele liga pra cunversá com a gente, eu pergunto, então assim eu acho que mesmo tando separado, porque de alguma forma separaram, né, não sei o porquê, mas assim a criança não tem culpa de nada, né, ela faz parte daquela família. Então ela tem que ser tratada como alguém da família.*

**VIVIANE** – *E os casais homossexuais? Tendo ou não filhos. Pra você eles constituem uma família? Por quê?*

**MOÇA** – *Olha, eu acho que sim, né, porque a gente tá numa sociedade hoje que tudo é possível, e porque não respeitar o outro só porque ele é diferente, eu acho que se eu sou de uma forma eu quero ser respeitada, porque eles não merece ser respeitado. Eu acho que é sim uma família, a partir do momento que eles opitam por esse lado, eles são uma família sim, como qualquer outra família.*

**VIVIANE** – *Você tem religião? Se tem, qual que é?*

**MOÇA** – *Tenho, católica, meus pais sempre foram católica, cresci, né, na igreja católica, fui batizada, fiz primeira comunhão, fiz crisma, é... acompanho o grupo de jovem, né, agora eu tô meio afastada esses dias, porque tô trabalhando bastante, estudando, mas também já cantei um bom tempo no coral da igreja e, assim, gosto muito.*

**VIVIANE** – *E isso que você imagina, que você pensa, ser família, que os seus pais transmitiram a você. Você acredita que eles aprenderam na igreja, que tem influência da fé que vocês têm?*

**MOÇA** – *Ah eu acho que sim, ajuda muito, porque ali eles, né, eles ensina a gente de uma certa forma respeitar, que eu acho que o mundo tá tão assim, às vezes, violento hoje em dia, porque o ser humano não respeita o outro, né, a gente vê as coisa e qué*

*passar por cima e num é assim, acho que tudo tem limite até um certo ponto. Então a religião ela ajuda a gente a refletir. Se eu sou assim, se eu quero ser respeitada, alguém que está do meu lado também quer, né. Então eu acho que a religião é importante pra nossa vida por isso, ela ajuda de uma certa forma, a gente aprender a viver com aquilo que a gente pensa que pode passar por cima e na realidade num pode. Ela dá essa força pra gente.*

**VIVIANE** – *Qual é a série que você está fazendo?*

**MOÇA** – *Primeiro ano.*

**VIVIANE** – *Primeiro ano. Tá bom. Brigada linda, muito obrigada, viu!.*

**MOÇA** – *De nada, eu que agradeço aí a... a oportunidade de tá com você.*

## **ENTREVISTA 6 – RAPAZ**

**VIVIANE** – *Eu quero que você comece falando o seu nome e quantos anos você tem*

**RAPAZ** – *Meu nome é (...) e eu tenho dezoito, anos, de idade.*

**VIVIANE** – *Qual é a série que você tá cursando, (...)?*

**RAPAZ** – *Segundo ano do ensino médio*

**VIVIANE** – *Você tem religião?*

**RAPAZ** – *Tem.*

**VIVIANE** – *Qual que é?*

**RAPAZ** – *Evangélica.*

**VIVIANE** – *(...), eu quero que você diga pra mim, com o tempo que você achar necessário, o que pra você é uma família.*

**RAPAZ** – *É a família é... um grupo de pessoas, né. por qual ajuda a gente nas situações né, dependendo. E... hum... um grupo de pessoas né, e que vê a gente sempre se dá bem, né. Si importa com a gente e... eu acho que é isso aí.*

**VIVIANE** – *Você mora com seus pais?*

**RAPAZ** – *Moro.*

**VIVIANE** – *É... pra você, uma família é constituída de quê? Quais pessoas?*

**RAPAZ** – *Pais e filhos, tios.*

**VIVIANE** – *É... as famílias que nós estamos vendo que tem se formado na sociedade atual, como, por exemplo, de casais de homens, casais de mulheres, né, dos homossexuais. Pra você, isso constitui uma família?*

**RAPAZ** – Não.

**VIVIANE** – E porque não?

**RAPAZ** – Porque... é.. são dois do mesmo... (risos)

**VIVIANE** – ...do mesmo sexo?

**RAPAZ** – mesmo sexo (risos)... e aí eu acho que num dá muito, num dá muito bem não. Eu acho que isso aí não, não é muito certo não.

**VIVIANE** – Por quê?

**RAPAZ** – Porque eu acho que isso é nojento (risos)... né. Acho que isso é nojento, eu acho que, pelo fato de eu ser evangélico, né, eu num sei qual é o pensamento das pessoa né. Deus, ele fez o homem pá mulhé e a mulhé pro homem, né. E... eu acho que esse negócio de homem casá com homem, isso aí eu acho que num entra na minha cabeça, num dá certo, entendeu (risos)... Nem mulher com mulher, entendeu, eu acho que num sei daonde é que surgiu o sentimento de um homem por outro, né. Isso num é muito certo não viu (risos)... eu não sei explicá muito bem não, mas num acho certo não.

**VIVIANE** – Você falou pra mim que acha que na família tem que ter o pai, a mãe, os irmãos, aí você também comentou sobre tios et cetera, mas, assim, com relação a características da família, o que que você acha que uma família precisaria de ter de características, que sejam importantes?

**RAPAZ** – Tipo, características do corpo? Ou pensamentos?

**VIVIANE** – Atitudes uns com os outros... tipos de sentimentos, relacionamentos.

**RAPAZ** – Eu acho que, de irmão pá irmão, deve ser um relacionamento íntimo né. Assim, pelo fato de eles sê o mesmo sangue, os pensamentos sê parecidos né. E... um sentimento da amô também né, não amô de... de homem pro ôtro, mulhé prá homi né. Mas aquele amô entre é... que fala sobre é... isquici cumé qui fala (risos), aquele amô qui protege entendeu, aquele amô assim que é... sei lá (risos), num sei muito bem dizer não, mas deu pra entendê, né? Então, acho que é isso aí.

**VIVIANE** – *Você vê que as famílias de hoje, as famílias que você tem visto, no mundo em que nós vivemos, eles têm esse tipo de sentimento que você acabou de falar que acha que numa família deveria ter?*

**RAPAZ** – *Não, nem todos, porque a gente vê aí irmão matando o ôtro, né. Pai matando filho, como aconteceu aí, aquele caso alí, né. Eu acho que isso daí não é sentimento familá não.*

**VIVIANE** – *Quando você imagina uma família ideal, é... agora eu não tô falando do tipo de pessoa, pai, mãe e irmãos, você já me falou o que acha, mas com relação a sentimentos, relacionamentos, como que seria pra você uma família ideal?*

**RAPAZ** – *Família unida, né. Uma família que vê o ôtro se dano mal e vai lá e ajudar, não pelo fato pra recebê algo em troca né, mas... simplesmente porque ele não gosta de vê o seu sangue, a pessoa né que... que vei do mesmo lugar que você vei e tá na pió e você tá na boa, entendeu, e você se acovardá, né. Eu acho que tinha que tê união entre pai e a mãe também, porque não deveria colocá o filho no mundo apenas pra ele sofrê, né. E... é isso aí (risos).*

**VIVIANE** – *A sua família, ela tem essas características que você acabou de me falar que seriam pra você uma família ideal?*

**RAPAZ** – *Com certeza. Tem (risos).*

**VIVIANE** – *Hã... você acredita que a escola ou a sua religião tenham influenciado nisso que você acredita que seja uma família, no seu conceito de família, de acreditar que família deve ser dessa maneira que você falou pra mim?*

**RAPAZ** – *Tem. Acho que tem, porque o que ensina na religião é isso né, união, amô. E eu acho que foi isso também que Jesus ensinou né, que... o amor acima de tudo. Eu acho que é isso aí, né.*

**VIVIANE** – *Nós vemos muito por aí, é... pais, maridos que foram abandonados ou que perderam a esposa, ou então esposas que perderam seus maridos, muitas vezes por abandono. Você acredita que, por exemplo, vamos pegar um exemplo, uma mulher, uma mulher que vive sozinha ou então mãe solteira mesmo, nunca chegou nem a se*



*casar, e que tem filhos. Você olha pra essa mulher, pra esses filhos, você olha pra eles como sendo uma família?*

**RAPAZ** – *Mais ou menos, por parte sim, por parte não.*

**VIVIANE** – *Por quê?*

**RAPAZ** – *Porque, primeiro, eu acho que a mulher, ela devia tê pensado, né, que eu sei que na hora (risos) não acaba nem pensando, né, mas eu acho que isso num é certo, pelo fato do menino tá lá né, só que a gente sente mal, porque a gente talvez... às vezes, a gente não pode ajudar, né, a gente não tem nada, a gente é pobre. Eu, eu sou pobre, né... e não poder ajudá, mas eu vê assim é uma família também, né. Agora, o fato du... se num fosse, se fosse, por exemplo, um cara largado, malandro, tal... eu, eu acho que não (risos), mas essas pessoa que sofre, que a gente vê na cara deles que são pessoas que precisam, né, pessoas carente, eu vejo como uma família também.*

**VIVIANE** – *Pra você, então, uma mulher, mesmo não tendo um marido, ela constitui uma família?*

**RAPAZ** – *Constitui.*

**VIVIANE** – *Sim, legal. Então tá Daniel, muito obrigada pelas suas respostas. Tá, muito obrigada. Hoje dia nove de maio de dois mil e oito, fico muito agradecida por você ter me concedido essa entrevista, tá bom, brigada!*

**RAPAZ** – *Beleza (risos)...*

## **ANEXOS 2**

### **FOTOS**



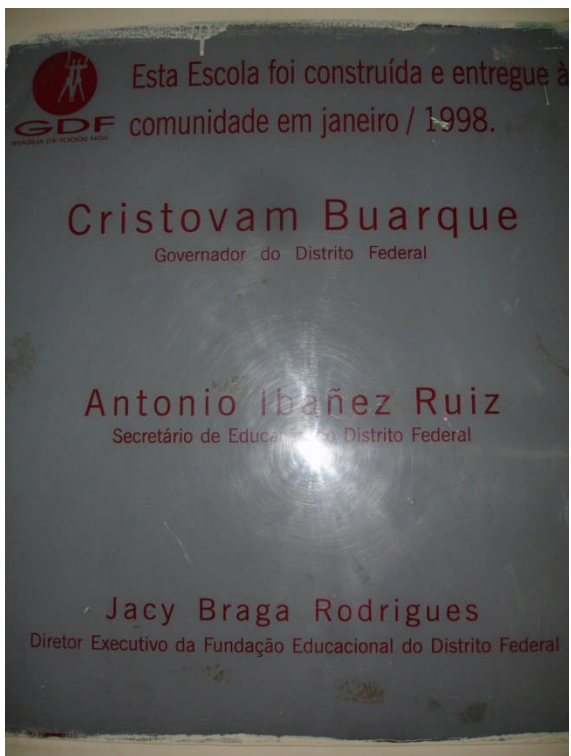
**Panorama da cidade de São Sebastião**



**Entrada do Centro de Ensino Fundamental São José**



**Entrada do Centro de Ensino Fundamental São José**



Placa de inauguração da escola



Placa-homenagem no ano 2005



Placa-homenagem no ano de 2007



Placa-homenagem no ano de 2007



**Viviane Faria com aluno da educação especial do Centro de Ensino Fundamental São José**